BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

*

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — BAPTISTA PEREIRA: *Figuras do Imperio e outros ensaios* — 2.ª edição.
2 — PANDIÁ CALOGERAS: *O Marquez de Barbacena* (2.ª edição)
3 — ALCIDES GENTIL: *As idéas de Alberto Torres* (synthese com indice remissivo).
4 — OLIVEIRA VIANNA: *Raça e Assimilação* (3.ª edição augmentada).
5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo* (1822). — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
6 — BAPTISTA PEREIRA: *Vultos e episodios do Brasil.*
7 — BAPTISTA PEREIRA: *Directrizes de Ruy Barbosa* (segundo textos escolhidos).
8 — OLIVEIRA VIANNA: *Populações Meridionaes do Brasil* (3.ª edição).
9 — NINA RODRIGUES: — *Os Africanos no Brasil* (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
10 — OLIVEIRA VIANNA: *Evolução do Povo Brasileiro* (2.ª edição illustrada).
11 — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: *O Conde D'Eu* (volume illustrado).
12 — WANDERLEY PINHO: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* (volume illustrado).
13 — VICENTE LICINIO CARDOSO: *A' margem da Historia do Brasil.*
14 — PEDRO CALMON: *Historia da Civilisação Brasileira* (2.ª edição).
15 — PANDIÁ CALOGERAS: *Da Regencia á queda de Rozas* (3.º volume da série "Relações Exteriores do Brasil").
16 — ALBERTO TORRES: *A Organização Nacional*
17 — ALBERTO TORRES: *O Problema Nacional Brasileiro.*
18 — VISC. DE TAUNAY: *Pedro II.*
19 — AFFONSO DE E. TAUNAY: *Visitantes do Brasil Colonial* (Sec. XVI-XVIII).
20 — ALBERTO DE FARIA: *Mauá* (com tres illustrações fóra do texto).
21 — BAPTISTA PEREIRA: *Pelo Brasil Maior.*
22 — E. ROQUETTE-PINTO: *Ensaios de Anthropologia Brasileira.*
23 — EVARISTO DE MORAES: *A escravidão africana no Brasil.*
24 — PANDIÁ CALOGERAS: *Problemas de Administração.*
25 — MARIO MARROQUIM: *A lingua do Nordeste.*
26 — ALBERTO RANGEL: *Rumos e Perspectivas*
27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *Populações Paulistas.*
28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: *Viagem ao Araguaya* (3.ª edição).
29 — JOSUÉ DE CASTRO: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: *Pelo Brasil Central* (ed. illustrada).
31 — AZEVEDO AMARAL: *O Brasil na crise actual.*
32 — C. DE MELLO-LEITÃO: *Visitantes do Primeiro Imperio* (edição illustrada com 19 figuras).
33 — J. DE SAMPAIO FERRAZ: *Meteorologia Brasileira*
34 — ANGYONE COSTA: *Introducção á Archeologia Brasileira* (edição illustrada).
35 — A. J. SAMPAIO: *Phytogeographia do Brasil* (edição illustrada).
36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* (2.ª edição).
37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: *Primeiros Povoadores do Brasil* (edição illustrada).

38 — Ruy Barbosa: *Mocidade e Exilio* (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe). — Edição illustrada.
39 — E. Roquette-Pinto: *Rondonia* (3.ª edição augmentada e illustrada).
40 — Pedro Calmon: *Espirito da Sociedade Colonial* (edição illustrada com 13 gravuras).
41 — José-Maria Bello: *A intelligencia do Brasil.*
42 — Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil* (2.ª edição com 3 mappas fóra do texto).
43 — A. Saboia Lima: *Alberto Torres e sua obra.*
44 — Estevão Pinto: *Os indigenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mappas). — 1.º volume.
45 — Basilio de Magalhães: *Expansão Geographica do Brasil Colonial.*
46 — Renato Mendonça: *A influencia africana no portuguez do Brasil* (edição illustrada).
47 — Manoel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
48 — Urbino Vianna: *Bandeiras e sertanistas bahianos.*
49 — Gustavo Barroso: *Historia Militar do Brasil* (edição illustrada com 50 gravuras e mappas)
50 — Mario Travassos: *Projecção Continental do Brasil* — Prefacio de Pandiá Calogeras (2.ª edição ampliada).
51 — Octavio de Freitas: *Doenças africanas no Brasil.*
52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.ª edição completa com parte original Tupy-guarany.
53 — A. J. de Sampaio: *Biogeographia dynamica.*
54 — Antonio Gontijo de Carvalho: *Calogeras.*
55 — Hildebrando Accioly: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.*
56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* (traducção, prefacio e notas de Gastão Penalva).
57 — Flausino Rodrigues Valle: *Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.*
58 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem á Provincia de Santa Catharina* (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
59 — Alfredo Ellis Junior: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*
[illegible] — Emilio Rivasseau: *A vida dos Indios Guaycurús* — Edição illustrada.
61 — Conde D'Eu: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição illustrada.
62 — Agenor Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição illustrada.
63 — Raymundo Moraes: *Na Planicie Amazonica* — 4.ª edição.
64 — Gilberto Freyre: *Sobrados e Mucambos* — Decadencia patriarchal rural no Brasil — Edição illustrada.
65 — João Dornas Filho: *Silva Jardim.*
66 — Primitivo Moacyr: *A Instrucção e o Imperio* (Subsidios para a historia da educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.º volume.
67 — Pandiá Calogeras: *Problemas de Governo* — 2.ª edição.
68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz* — 1.º Tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
69 — Prado Maia: *Através da Historia Naval Brasileira*
70 — Affonso Arinos de Mello Franco: *Conceito de Civilização Brasileira.*
71 — F. C. Hoehne — *Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI* — (Pesquisas e contribuições).
72 — Augusto de Saint-Hilaire — *Segunda viagem ao interior do Brasil "Espirito Santo"* — Trad. de Carlos Madeira.
73 — Lucia Miguel-Pereira — *Machado de Assis* — (Estudo Critico-Biographico) Edição illustrada.
74 — Pandiá Calogeras — *Estudos Historicos e Politicos* — (Res Nostra...) 2.ª edição.

Indigena *aimoré* (flauta ruim) tocando boré, pelas narinas, na impossibilidade de o fazer pela bocca, devido á deformidade do beiço inferior em consequencia do uso do *batoque* (Desenho de Oscar Pereira da Silva).

VOCABULARIO NHEENGATÚ

AFFONSO A. DE FREITAS

N. em São Paulo, a 12 de Junho de 1868
F. na mesma cidade, a 29 de Abril de 1930.

Série 5.ª **BRASILIANA** *Vol. 75*
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

AFFONSO A. DE FREITAS
Antigo Presidente do Instituto Historico e Geographico de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras

VOCABULARIO NHEENGATÚ

(Vernaculizado pelo portuguez falado em São Paulo)

(Lingua tupi-guarani)

Publicação posthuma dirigida por
Affonso de Freitas Junior

1936
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. PAULO

A São Paulo

— sua terra —

embora sempre madrasta

offerece

o

Autor

São Paulo, Abril de 1930

A MEMORIA VENERANDA

dos

Padres José de Anchieta, Figueira e Montoya,

de

Gonçalves Dias,

Baptista Caetano, Barboza Rodrigues,

Couto de Magalhães, João Mendes de Almeida

e Capistrano de Abreu

HOMENAGEM

a

Theodoro Sampaio

PREFACIO

Sae hoje, á luz da publicidade, o *Vocabulario nheengatú vernaculizado pelo portuguez falado em São Paulo*, da autoria de meu Pae, o historiador paulista Affonso A. de Freitas, obra escripta poucos mezes antes do seu fallecimento.

Inicia-se, com este livro, a publicação da sua vasta bagagem intellectual, já, por mim, classificada, dividida e ordenada, consoante a genero de estudo elaborado.

Assim, em *Estudos indigenas*, foi reunida toda a materia referente aos selvicolas do Brasil, com especialidade dos de São Paulo, esparsa em varios opusculos, de edições esgotadas, e comprehendendo, tambem, escriptos inéditos do fallecido indigenista. Desse volume faz parte a monographia "Os Guayanás de Piratininga", onde é provado serem tupis e não tapuias estes aborigenes ancestraes dos paulistas, obra considerada por Capistrano de Abreu — "erudita", "conscienciosa" e "succulenta" —, muito embora esposasse Capistrano opinião radicalmente opposta á desenvolvida naquella these.

Da mesma fórma, as demais publicações, *Chronicas do velho São Paulo*, *Pesquizas historicas*, *Tradições*

e reminiscencias paulistanas. A imprensa periodica de São Paulo, conterão, cada uma, além de materia inédita, a reedição de trabalhos já esgotados.

Para a confecção dessas obras, muito contribuiram, o immenso acervo inédito de estudos do saudoso historiador, seus commentarios, criticas e annotações a obras e autores, versando historia, geographia, sciencias naturaes, indigenismo e linguistica tupi-guarani; as innumeras communicações, elucidativas de problemas e pesquizas historicas, por elle feitas nas sessões do Instituto Historico de São Paulo, esparsas pelos jornaes e revistas; e a sua especialisada Bibliotheca Paulistense, com tanto carinho, esforço e paciencia organisada, composta de interessantes e preciosas collecções de documentos, mappas, jornaes, photographias e desenhos de casas e ruas da velha Paulicéa, e estudos de modas e costumes antigos.

Finalizando a materia tratada no presente *Vocabulario nheengatú*, o ultimo capitulo é um "Appendice", composto de étymos esparsos, vocabulos que, por não constarem as raizes de sua composição nheengatú nos originaes do autor, que não teve tempo de indical-as, devido ao seu prematuro e inesperado fallecimento, ou por serem alguns dos termos extranhos a esse idioma e não podendo, porisso, figurar no capitulo antecedente, foram naquella addenda mencionados, por ser materia referente ao indigenismo tupi-guarani.

Foi sempre, meu Pae, um devotado cultor dos estudos aborigenes e da linguistica nheengatú, tanto que, em Julho de 1925, creava elle, no Instituto Historico de São Paulo, do qual era então presidente, o curso de idioma guarani, professado pelo sr. dr. Juan Francisco Recalde, cujas aulas, francas a todos os societarios, se realisavam ás quartas-feiras, ás 20 horas, na séde social do Instituto.

Não teve longa duração, entretanto, esse curso. Cuidou, porisso, Affonso de Freitas, de despertar o interesse dos estudos do tupi-guarani, entre os socios do Instituto, expondo á discussão, em todas as sessões do sodalicio, termos de origem nheengatú, de que está repleta a linguagem do povo paulista, afim de lhes determinar a graphia exacta e a accepção verdadeira. Foi este um periodo de muita animação na vida intellectual da collenda associação scientifica, em cujas sessões distinguiram-se, pelos estudos apresentados, entre outros, Plinio Ayrosa e Dacio Pires Correia.

Hoje, para honra da cultura paulista, está São Paulo dotado definitivamente de uma cadeira de lingua tupi-guarani, creada em Maio de 1934 pelo governo do Estado, para a sua Universidade. Foi nomeado, acertadamente, para regel-a, o tupinologo Plinio Ayrosa.

É imprescindivel, entre nós, o desenvolvimento cultural da ethnographia brasilica e da linguistica peculiar aos primitivos habitantes de nossa terra.

O livro "Errores y omisiones de una sendo bibliografia guarani", recentemente publicado em Buenos Aires pelo illustre intellectual argentino Ricardo Victorica, provando alto apreço pela obra indigenista de Affonso de Freitas e profundo conhecimento dos seus trabalhos especialisados, vale, tambem, por uma significativa advertencia ao nosso descaso pelos estudos desse genero. Naquello trabalho, Victorica, baseando-se na "Distribuição geographica das tribus indigenas na época do descobrimento", da autoria de Affonso de Freitas, depois de transcrever em extensas paginas o resumo da obra, traça um mappa da America do Sul localisando as tribus aborigenes no continente sulamericano, accrescentando, no texto, que a monographia de Freitas "nos da la clave de la confusión que reina res-

pecto a la familia lingüística a que pertenece cada tribu... remitiendo al estudio de Freitas a quienes deseen profundizar la materia. En efecto, el estudio exige preparación y vocación..."

Referindo-se, ainda, a "sus notables observaciones" na "Autochtonia do selvagem brasileiro", escreve o brilhante escriptor platino — "No dejaría de llamar la atención el aplomo de este autor en un asunto en que todos han andado a ciegas, y por especulaciones de teorías más ■ menos posibles, si no supiéramos que Freitas es un campeón de la autoctonía del salvaje brasileño..."

Mantendo sempre a vitalidade do Instituto promoveu Affonso de Freitas, pelo circuito suburbano da capital, excursões de estudos a lugares tradicionaes, relicarios de reminiscencias dos tempos heroicos de São Paulo, onde, em muitos delles, tinham os antigos potentados paulistas suas fazendas trabalhadas por escravos, repletas de indigenas flexeiros e de mamelucos, com os quaes se atiravam á conquista do interior brasileiro.

Dando feição mais pratica ás investigações historicas, conseguiu elle exprimir toda a grandeza dos factos obscuramente guardados nos mysterios dos archivos.

Quantas pesquizas coroadas de exito!

Dentre ellas foi, sem duvida, mais notavel, a do descobrimento dos despojos do padre Diogo Antonio Feijó, a 20 de junho de 1918, no jazigo da Ordem Terceira de São Francisco, em São Paulo.

Vicente Licinio Cardoso escreveu, sobre esse successo: "E, como se não bastasse tão grande esquecimento historico no passado, foi perdido ■ proprio sarco-

phago de Feijó, vazio que ficara com o tempo de qualquer visita consagratoria, até que Affonso de Freitas. com paciencia devotada, de novo o encontrasse no anonymato humilde de um tumulo limpo de inscripções..."

Reconhecendo a immensa dedicação de Affonso de Freitas na direcção do Instituto Historico de São Paulo, na sessão de encerramento dos seus trabalhos annuaes, a 25 de Outubro de 1920, pedia s. excia. o sr. Arcebispo de São Paulo, d. Duarte Leopoldo e Silva, então vice-presidente do Instituto, um "voto de louvor" para Affonso de Freitas "que, verdadeiramente, consubstanciou a alma do sodalicio durante o anno que se finda, pelo seu devotamento o estudo e sobre quem repousou todo o pezo dos trabalhos do Instituto, principalmente com a instituição das ephemerides que tanto brilho têm trazido ás sessões regimentaes, e que tão alto aquilatam o valor intellectual do sr. Affonso de Freitas".

Consoante as palavras proferidas por J. V. Couto de Magalhães em discurso na Camara Municipal de São Paulo, Affonso de Freitas "identificara-se de tal fórma com elle (com o Instituto Historico), que não era mais possivel desassociar do nome do Instituto o do seu esforçado e brilhante presidente".

Em summa, referindo-se a elle, escreveu ainda o sr. Ministro Affonso de Carvalho — "mais do que qualquer de seus contemporaneos conhecedores de nossas coisas e de nossa gente, se compenetrou da tarefa nobillissima de defender a historia paulista".

De facto, toda a sua obra de escaphandrista do passado, como certa vez o appellidaram, teve sempre em mira essa finalidade. E, com ella — a defesa de São Paulo. Assim foi, perquirindo as qualidades dos nossos maiores! Assim foi, destruindo a pécha de que o pau-

lista descende de tapuia! Assim foi, defendendo a reduzidissimo patrimonio territorial paulista de extranhas ambições apoderadoras!

É, pois, desse devotadissimo cultor da verdade historica, a obra que sae hoje a publico.

E' um trabalho de investigação no dominio da lingua tupi-guarani.

É um estudo no genero da sua predilecção intellectual — pesquizas.

Porisso, previne elle, em — Palavras indispensaveis á boa intelligencia do presente estudo —, " o autor é um discordante de quasi tudo que até hoje se tem escripto e esplanado sobre o assumpto".

São Paulo, Novembro de 1936.

AFFONSO DE FREITAS JUNIOR.

AFFONSO A. DE FREITAS

Traços biographicos publicados pela "Revista do Archivo Municipal de São Paulo", de Junho de 1934.

Occorreu, no dia 29 do mez de Abril (de 1934), o quarto anniversario do fallecimento do grande historiador paulista Affonso A. de Freitas, que occupava a presidencia do Instituto Historico e Geographico de São Paulo e era membro da Academia Paulista de Letras.

Nascido no Largo da Liberdade, a 12 de Junho de 1868, fez o pranteado escriptor paulistano o curso de humanidades na "Escola Mineira", do professor e grande abolicionista José Villa Maria, e, tambem, com o notavel philologo Julio Ribeiro; aos dezeseis annos de idade iniciou suas lides na imprensa, escrevendo na "Redempção", orgam abolicionista dos *caiphazes* de Antonio Bento, collaborando tambem, por esse tempo, na "Gazeta do Povo", no periodo em que era ella de propriedade e gerencia de João da Veiga Cabral; mais tarde collaborou ainda no "Diario Popular", "Commercio de S. Paulo" e "Correio Paulistano", assim como em jornaes de varias localidades do interior.

Falleceu a 29 de Abril de 1930, em São Paulo.

Usou, por vezes, dos pseudonymos *AF*, *Satier* e *Adef*.

Deixou o notavel historiador immensa bagagem scientifica disseminada em innumeros livros, conferencias e communicações feitas nas sessões do Instituto Historico de S. Paulo, ao qual dedicou durante mais de vinte annos seu labor proficuo.

Rara era a sessão do Instituto em que o saudoso intellectual não apresentava novo trabalho elucidativo de problemas historicos obscuros e intrincados. De longos annos vinha elle desenvolvendo interessantissimo programma de pesquizas uteis e bem succedidas.

"Um dos trabalhos mais notaveis do dr. Affonso A. de Freitas, e ao qual o seu nome ficará para sempre vinculado, foi o do descobrimento dos restos mortaes do Padre Feijó, corôado de completo exito em 1918, após demorados estudos nos archivos e pacientes pesquizas no claustro do velho Convento de São Francisco, donde foram exhumados os preciosos despojos", disse J. V. Couto de Magalhães.

O "Parecer", de que foi relator, sobre a questão de limites entre São Paulo e Minas, que occupa todo o volume 24 da Revista do Instituto Historico de São Paulo, é um precioso trabalho decisivo do assumpto.

Foi, no dizer do ministro Julio Cesar de Faria, "mestre na arte de arrancar dos documentos toda a essencia de sua deposição e senhor dos segredos linguisticos do tupi-guarani".

Entre seus trabalhos ineditos, promptos para o prélo, contam-se: "Vocabulario nheengatú" vernaculizado pelo portuguez falado em São Paulo, "Vocabulario do dialecto cauá", "Termos e phrases angolezes" e "Elementos para um diccionario paulista", estudos da mais alta pesquisa glottologica.

O seu "Diccionario do Municipio de São Paulo", já publicado, dá nova interpretação a grande numero de vocabulos tupi-guaranis e corrige fastos historicos á luz de novos documentos.

Referindo-se ao livro "Tradições e Reminiscencias Paulistanas", escripto em estylo leve e empolgante por Affonso A. de Freitas, disse Couto Magalhães: "Poucos chronistas tão vivazes como elle terá tido o São Paulo de nossos antepassados, o São Paulo decantado por Zaluar, o São Paulo de um seculo passado, o São Paulo dos estudantes, da garôa, das serenatas, das janellas de rotula, das matronas de mantilha e dos chafarizes publicos. Esse São Paulo já desappareceu inteiramente ao sopro do progresso vertiginoso que, á semelhança de um prodigio de varinha de condão, transformou completamente a velha "urbs", da qual alguns de nós ainda conheceram seus aspectos mais typicos, na cidade cosmopolita, de largas avenidas e sumptuosos arranha-céus, que é o titulo do nosso mais justificado orgulho de povo intelligente e emprehendedor. Mas, todos quantos ainda se lembram da cidade que nos legara a colonia, em seu restricto centro de viellas estreitas e no seu vasto perimetro de chacaras, transformado hoje em bairros populosos e florescentes, poderão viver outra vez esses dias passados, lendo as reminiscencias que o pranteado morto evoca nas paginas do seu livro, que valerá, para os estudiosos como um documento da prodigiosa evolução por que passou a Paulicéa dos nossos maiores, numa obra maravilhosa de que só é capaz a geração que sente ainda pulsar-lhe nas arterias o sangue do bandeirante que do tempo da conquista desbravou a matta virgem e levou a civilização aos pontos mais remotos do paiz".

Pertenceu Affonso A. de Freitas a grande numero de associações scientificas nacionaes e extrangeiras.

Da sua vastissima bagagem literaria destacam-se os seguintes livros e trabalhos, muitos dos quaes insertos na "Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo": "Tradições e Reminiscencias Paulistanas", "Os Guayanás de Piratininga", "A autochtonia do Selvagem Brasileiro", "Distribuição geographica das tribus indigenas na época do descobrimento", "Geographia do Estado de São Paulo" (edição de 1906, onde apparece, organizada por Affonso A. de Freitas, a interessante *arvore genealogica* dos municipios paulistas), "Diccionario historico, topographico, ethnographico, illustrado, do municipio de São Paulo", "São Paulo no dia 7 de Setembro de 1822", "A imprensa periodica de São Paulo" desde seus primordios em 1823 até 1914, "Plan'historia da cidade de São Paulo" no periodo de 1800-1874, "Prospecto do Diccionario de São Paulo", "Os Gusmões", "A constituinte e o dia 3 de Maio", "O photographo Militão de Azevedo", "A Constituição de 25 de Março de 1824", "O Correio Paulistano" em 1831, "Folganças populares do velho São Paulo", "O material bellico da varzea de São Bento", "Notas ao — São Paulo no dia 7 de Setembro de 1822", "O descobrimento dos restos mortaes do Padre Diogo Antonio Feijó", "Piratininga exhumada", "Notas sobre a filiação, puericia e adolescencia do Padre Feijó", "Folia do Espirito Santo", "A cidade de São Paulo no anno de 1822", "São Miguel — Historico da aldeia de — ", "Biacica", "O primeiro centenario da fundação da Imprensa Paulista", "Notas á margem do estudo — A Imprensa Periodica", "Parecer sobre a questão de limites entre São Paulo e Minas Geraes", "Formação do Povo Brasileiro", reproduzido em francez, inglez e hespanhol e "A terra no systema planetario", mappa de 55 x 75.

"Foi o mais efficiente de todos os presidentes que até hoje tivemos", disse o dr. J. Torres de Oliveira,

actual presidente perpetuo do Instituto Historico de São Paulo.

Homenageando a memoria do grande historiador paulista a Prefeitura da Capital deu seu nome a uma das ruas do aristocratico bairro do Paraizo e o Instituto Historico de S. Paulo denominou "Sala Affonso A. de Freitas", áquella em que se realizam suas sessões, alem de collocar seu retrato a oleo, pintado por Oscar P. da Silva, na galeria dos presidentes do Instituto.

"Foi sempre, com elegancia rara, o historiador paulista por excellencia... que morreu revivendo os dias gloriosos de nossa terra, defendendo as nossas tradições sagradas, elevando á gloria eterna o nome de sua queridissima São Paulo", escreveu em 1930 a redacção da "Revista do Instituto Historico de São Paulo".

Delle disse ainda o dr. Spencer Vampré: "Que thesouros immensos se não perderam com a sua privilegiadissima memoria, que fontes inexhauriveis de reminiscencias, que formidaveis experiencias de archivos e documentos se não carrearam para o nada! E que ambições immensas no dominio da investigação historica não abrigava esse coração modestissimo, esse homem timido e encolhido dentro de si mesmo, desejoso de servir a patria, com melhor conhecel-a e amal-a! Este conceito define a vida de Affonso de Freitas — amou profundamente a sua patria, e para amal-a, conheceu-a de perto, tão perto e tão intimamente que viveu com ella as suas glorias passadas e os seus anceios futuros".

Do saudoso historiador tambem disse Silveira Bueno — "A sua memoria identificou-se com os feitos melhores do Instituto Historico de São Paulo: o descobrimento do tumulo de Feijó e a rejeição do laudo iniquo de Epitacio Pessôa. Reconduzindo-nos ao tumulo do grande paulista, collocou-nos em presença da maior energia que os tempos imperiaes encontraram,

fazendo-nos recordar que devemos ser tambem assim: impertérritos, invenciveis quando se trata do nosso caracter. Restabelecendo a linha divisoria entre Minas e São Paulo, defendeu a integridade geographica do nosso Estado, evitando que os mineiros se aproveitassem do nosso trabalho para humilhar depois a raça que os descobriu, que os libertou do jugo portuguez na escravidão dos garimpos. Que figura melhor poderia ter tido quem tudo isto fez, — o sr. Affonso A. de Freitas? Quantos terão conseguido executar maiores beneficios para a sua terra do que elle? A morte colheu-o forte e *tenaz ainda*. Foi pena, que de seu patriotismo ainda São Paulo esperava muito. O Instituto Historico tem o dever de continuar a sua directriz, nada fazendo que pudesse merecer a sua censura, caso ainda vivesse. Tem a obrigação de seguir-lhe os passos, voltado sempre para a sua memoria, já agora consubstanciada com os muros dessa instituição. No seu tumulo, entre a saudade e a veneração dos amigos, é necessario que São Paulo colloque tambem a sua palavra de gratidão '.

INDICE

INDICE PELAS RAIZES NHEENGATUS

A

Abá

Pará

Pãu

Puã

Pirá

Quatá

Sacy

Saú

Sõó

Suan

Sûá

Taba

Tamontá

Teçá ou Oeçá

Tembé

Uáá

Umuá

Xi

Y

Yerê

APPENDICE

Etymos esparsos

INTRODUCÇÃO

Esboço ethnographico

Origem do gentio do Brasil — O tupi-guarani em São Paulo — O elemento negro — O povo brasileiro acoimado de inferior — Donatarias hereditarias — O *bandeirismo* — Imperio jesuitico do Guayrá — Integração do territorio brasileiro pelos paulistas — Os guayanás de Piratininga — O *elemento colonisador* — Introducção de *novos elementos ethnicos* — Immigração — O paulista não se desnacionalisa.

No anno de 1500 as praias brasilicas, de norte a sul, estavam povoadas por varias ramificações gentias, originarias, tanto quanto se possa affirmar pela semelhança da linguagem e de habitos, de um só tronco e que em suas mais desenvolvidas subdivisões se nomeavam tupis, tupi-guaranis e guaranis: no interior existiam os aimorés, oriundos do planalto mineiro e que contingente quasi nullo forneceram á nossa constituição de povo, e

numerosos outros agrupamentos provindos do cruzamento destes com aquelles e, quiçá, com povos de outras origens.

O estudo retrospectivo do movimento dispersivo dos povos tupicos pelo territorio brasileiro e, sobretudo, a tradição que ainda permanece viva em varios grupos daquella raça nos autorisa a acceitar a theoria do *habitat* primitivo dos povos brasilicos, em tempos remontantes para alem da constituição do imperio dos incas, nas chapadas peruanas, entre as cabeceiras mais elevadas do rio Madeira, lago Titicaca e nascentes do Beni onde visinhavam, a oeste, com os primitivos peruanos, os quichúas.

Das planuras mais elevadas do continente sul-americano marchariam os tupi-guaranis, que a principio formariam um só povo, scindindo-se mais tarde, pelo numero, em muitos povos, em direcção das terras brasilicas a que chamavam Pindorama.

Os ramos que se projectaram para o septentrião attingindo a região amazonica pelo rio Madeira, ter-se-iam subdividido, seguindo uns a contra-corrente do rio-mar até cerca de 28.° de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro, acompanhando outros o curso das aguas até ás praias do Atlantico.

Os primeiros occupantes da embocadura do Amazonas, compellidos pelas massas humanas que avançavam á *rectaguarda*, seguiriam em direcção ao sul, povoando a linha do litoral até defrontarem, os mais avançados, os *tamoios*, proximo ao tropico do Capricornio, com os guaranis, os quais, avançando em sentido contrario, já haviam attingido as praias da Bertioga e conquistado toda a zona maritima desse ponto para o sul.

Estes povos guaranis, que sustaram a marcha avassaladora dos tamoios no litoral, se teriam desenvolvido do *habitat* commum, na cordilheira dos Andes, para sueste e para o sul descendo, uns, pelos rios Paraguay e Pilcomayo, em cuja confluencia, na altura de Assumpção, se subdividiriam continuando os mais adeantados, ao longo do rio e occupando o territorio da actual provincia argentina de Corrientes, o Uruguay, os estados brasileiros do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina e todo o litoral até a altura de Cananéa, derramando-se os do segundo *ramo* pelas regiões a leste do Paraguay até defrontarem o mar nas baixadas de Paranapiacaba onde, de novo, entraram em contacto com seus irmãos do sul, e marcaram o limite meridional do dominio tupi a nordeste.

Estes povos, conhecidos sempre e ainda hoje pela denominação generica de guaranis, conservaram, não só por terem descripto trajectoria muito

mais curta que seus irmãos do norte, como principalmente por se não terem cruzado nem entrado em contacto com nenhuma outra raça, intactos seus habitos e inalterada a pureza de sua primitiva linguagem.

Que os aborigenes encontrados em São Paulo por Martim Affonso de Souza pertenciam á raça dominadora de todo o litoral brasilico, é affirmativa incontestavel: basta considerarmos ter sido entre os guayanás de Piratininga que o padre Anchieta aprendeu a falar o guarani, unico idioma indigena conhecido pelo thaumaturgo da America e do qual tornou-se elle eximio articulador, chegando mesmo a escrever-lhe a grammatica, para nos convencer daquella verdade.

Mas, teriam os guaranis encontrado, no territorio paulista, outros povos de raça diversa com os quaes se mesclassem?

Cremos que não.

Os proprios trambambés e carirys, escorraçados do norte do Brasil, aqui nunca chegaram como suppõem mais de um historiographo, levados pela semelhança das denominações — tremembé e quiririm — disseminadas na geographia paulista e oriundas da lingua geral.

Foi, pois, no sangue guarani, no sangue tupi-guarani que se fusionaram os primeiros e principaes elementos do povo paulista. O tupi-guarani

foi, em São Paulo e no Brasil, a *cavalla*, de cerne rijo e de seiva rica, onde se implantou e vicejou exuberante o enxerto luso: a elle devemos irretorquivelmente a unidade nacional e a similaridade de genio e de indole do povo brasileiro tão exposto a influencias dispersivas pela diversidade das linhas isothermicas do seu territorio.

Diversos tivessem sido os povos aborigenes que senhoreassem, ao tempo do descobrimento, as orlas brasilicas do Atlantico, marchetando-as de agrupamentos originariamente varios pelo sangue e pelo idioma, e essa immensa extensão territorial que vae do Chuy ao Oyapoc, cortada por *todas* as latitudes das zonas torrida e temperada, abrigaria hoje mais de uma nacionalidade, embora um unico fosse o factor extranho da formação desses povos.

A intervenção do elemento tupi-guarani foi poderosissima e decisiva, quer o estudemos atravez da entidade moral, quer pelas crenças, costumes e idioma do aborigene, como vehiculo na adaptação e assimilação do elemento colonisador.

Iniciada a assimilação dos dois elementos ethnicos, o portuguez e o indigena, e incorporada a civilisação tupi-guarani na mesma proporção em que o conquistador forçava a cooperação do braço aborigene no trabalho material da construcção de uma nova nacionalidade, surge novo componente na formação do nascente povo brasileiro.

A falta de braços para a lavoura occasionada pela invencivel repugnancia do aborigene á vida sedentaria, e a facilidade de obtel-os no continente negro, levaram os colonisadores a acceitar o trafico africano para o Brasil, abominavel commercio que, longe de ser uma creação brasileira, já vinha sendo praticado não só pelo reino luso, mesmo antes do descobrimento do novo mundo, como tambem pela França, Dinamarca e ainda pela liberrima Inglaterra que permittiu o povoamento de suas colonias na America por avolumada população escrava, cuja alforria só foi obtida em 1873, mantendo-a, tambem, na propria metropole e demais colonias até 1834.

E, assim, entrou o negro na componencia ethnica do povo brasileiro em proporção visivelmente inferior á indigena, mas sufficiente a pintalgal-a com o azeviche do seu pigmento.

Do caldeamento dessas tres raças, em proporções desiguaes, surgiu o povo brasileiro que as theorias anthropologicas affirmam provindo de origem inferior, como si realmente pudessem existir raças humanas inferiores.

Em que peze ás famosas leis psychologicas idealisadas no recesso dos gabinetes de estudo theorico, falhas de observações directas, traçadas á revelia das leis naturaes que regem a evolução dos povos a que deverão ser applicadas, é inconsequen-

te a crença de inferioridade entre os diversos ramos da familia humana.

Todas as raças humanas são por igual aptas para receberem, no mais elevado gráu, a civilisação occidental, a mais adeantada e completa, sem duvida, e da qual o europeo se julga o unico factor passado, presente e futuro quando, na realidade, é apenas o detentor transitorio.

Até ha bem pouco tempo era a raça amarella considerada inferior e, como tal, menospresada pelo occidente: entretanto, bastou que os japonezes, annullando o antagonismo das duas civilisações oppostas, se resolvessem assimilar as conquistas do progresso occidental para, em menos de meio seculo, se tornarem um dos povos mais adeantados, respeitados e poderosos da terra.

Si superioridade de raça consistisse exclusivamente na esthetica do physico, na belleza do porte, certo, a raça branca seria, sem contestação, incomparavelmente superior ás demais: negar a belleza da raça branca é não sentir a consciencia do bello.

As formas recta, aquilina ou espalmada do nariz, o pigmento mais ou menos carregado, a angulosidade mais ou menos accentuada do rosto e outras caracteristicas exteriores typicas de cada aggrupação ethnica em nada podem influir na cerebração humana, séde da alma e da intelligencia.

igual em todas as raças, em todas ellas capaz do mesmo gráu de concepção e assimilação.

E' do estudo dos craneos vasios e resequidos e da porcentagem maior ou menor dos que se suppõem terem servido de involucro a cerebrações superiores, que o convencionalismo scientifico costuma tirar illação de superioridade ou inferioridade de raça, quando mais racional seria o exame dessas cerebrações em plena actividade, acompanhada da organisação de estatisticas em confronto com a totalidade do meio em que se manifestam e, principalmente, a observação e a analyse das causas naturaes ou artificiaes, ingenitas ou accidentaes do seu adeantamento ou atrazo.

Raças inferiores é um arrojo de affirmação denunciando, ou muita vaidade ou methodo deficiente e erroneo de observação e analyse.

Existem, sim, raças e povos em atrazo de civilisação, estado muitas vezes decorrente das influencias mal orientadas dessa civilisação occidental que pretende governar o mundo.

E' no Brasil actual e principalmente em São Paulo, immenso cadinho em que presentemente se fusionam elementos de quasi todas as raças do mundo civilisado, que melhor poderemos estudar esse phenomeno sociologico.

De facto, si perquirirmos o terreno das individuações onde a acção, o progredimento moral e

intellectual, a conquista do progresso em qualquer dos ramos da actividade humana, a proeminencia das manifestações elevadas do espirito, o refinamento cultural da civilisação moderna em summa, alheiando-se da collectividade para só dependerem do esforço individual isolado, iremos desvendar a cerebração brasileira supportando sobranceira o confronto com a intellectualidade representativa da moderna civilisação de alem mar.

Na literatura, o genio do cantor maximo do nacionalismo, o meigo e doce Gonçalves Dias, em cujas veias corria em tres quartas partes o sangue caboclo, raramente é igualado pelos representantes das raças que se inculcam superiores; Alvares de Azevedo que aos 19 annos de idade produziu joias literarias de scintillações taes como si emanadas fossem do éstro genial de um Victor Hugo; Casemiro de Abreu, Fagundes Varella, Castro Alves, Baptista Cepellos, Vicente de Carvalho, Olavo Bilac, José de Alencar, o pardo Machado de Assis, mestre da literatura brasileira e o fecundissimo e rutilo Coelho Netto, cujos ancestraes não devem ser procurados exclusivamente entre os caucasos; no engenho mecanico, Bartholomeu de Gusmão e Santos Dumont, precursores e pioneiros da navegação aérea; Rebouças na engenharia; Pedro Americo, Victor Meirelles, Almeida Junior, Pedro Alexandrino, na pintura; Carlos Gomes, caboclo incontestado, padre José Mauricio, sabidamente mu-

lato, na musica; o negro Henrique Dias, o caboclo Felippe Camarão, Caxias e Osorio, na guerra; José Bonifacio e Diogo Antonio Feijó, na politica; Ruy Barbosa, a maior mentalidade contemporanea da raça latina em todas as cogitações do espirito, mostram bem até onde o esforço libertado da preoccupação das grandezas alheias pode elevar o povo brasileiro, impondo-o ao respeito dos que nos julgam pelo prisma dos preconceitos falsos de ancestralidades inferiores.

O brasileiro, isoladamente, eleva-se assimilando a mais requintada civilisação moderna: collectivamente perde, por vicio de educação, a liberdade de acção, constrangendo voluntariamente a expansão natural do seu caracter e da sua indole, institue-se num viver artificial, na obcecação de que o resto do mundo não lhe tira os olhos de cima prompto a surprehender-lhe as *barbaridades*, com os ouvidos ainda e sempre azoinados pela affirmativa tri-secular do colonisador espertalhão e velhaco, de que "tudo que é nacional não presta".

Na ancia de attingirmos de um jacto o gráu de civilisação do europeu, commettemos o erro de procurar nos adaptarmos, sem restricções nem reservas, á maneira de ser dos povos typicamente formados através de centenas de gerações que se succederam sob influencias climatericas uniformes,

originando-lhes a homogeneidade do sangue, que ainda estamos distanciados de conseguir, a identidade de interesses e, sobre tudo, a congenialidade que a posição geographica do Brasil, cortando os parallelos de duas zonas climatericas diversas, jamais permittirá á collectividade brasileira, quando a nossa preoccupação, o nosso esforço conjugados a um objectivo de civismo, deveria ser o de adaptar o progresso alheio á nossa maneira visceral de existir, delle acceitando sómente o que nos aproveitasse realmente, corrigindo e aperfeiçoando a nossa incipiente constituição de povo e despresando tudo que, por inadaptavel, no momento, tivesse a feição de progresso artificial ou ficticio.

Infelizmente outra tem sido a nossa orientação.

Para nos constituirmos politicamente ainda estamos tentando nos amoldar á constituição norteamericana, sem reflectirmos que somos uma aggrupação ainda sob a influencia das primeiras caldeações com numerosas raças humanas, provindas de todos os climas, ao passo que o norteamericano não é sinão o proprio inglez que se transplantou pelas mesmas linhas isothermicas da metropole para identicos parallelos de igual zona climaterica no novo mundo, sem se mesclar com os pelle-vermelhas e nem com o negro, sendo que a fusão dos demais elementos ethnicos europeus tem sido na

terra de Washington em proporção tal que lhe não alterou e já agora não alterará as caracteristicas da raça.

Na vida economica promulgamos leis que permittem o abandono de materias primas aos centros de industria mundiaes, faltando-nos disposições legislativas que nos facilitem aproveital-as em industrias essencialmente nacionaes, onde não temeriamos concurrencia: mas, em frisante e doloroso contraste, temos o proteccionismo legislativo a industrias artificiaes e ficticias que nos põem em desvantajosa e ridicula competição com as grandes industrias estrangeiras, estabelecendo com ellas uma concorrencia sómente sustentavel pelo sacrificio do consumidor indigena.

Em geral, as nossas leis têm a feição tributaria: raras são as que se apresentam sob a modalidade creadora de fontes de actividade, tão necessarias aos paizes novos como o nosso.

Quando as nossas leis forem realmente a exacta expressão, a natural decorrencia das nossas necessidades de povo em formação; quando perderem ellas a feição quasi exclusiva de imposições tributarias, sómente supportaveis entre os povos a que o progresso millenario e as leis não escasseiam meios de applicar a sua capacidade de trabalho; quando perderem o caracter de proteccionismo a industrias exoticas, transformando-se em promotores

da industria genuinamente nacional, então veremos o povo brasileiro prosperar com desassombro até nivelar-se, como já se nivelou pela mentalidade, em todos os ramos da actividade humana, em todas as conquistas da civilisação, com os povos modernos mais adeantados.

Descoberto o Brasil e convencido o governo luso, pelo insuccesso das primeiras explorações officiaes, de não ser elle o sonhado *eldorado*, onde, para se colher a mãos cheias os metaes nobres e as pedrarias preciosas bastasse ao aventureiro pôr pé em terra, jazeu elle em meio abandono durante annos, até que a pretensão do reinol Diogo de Gouvêa de obter, em 1527, um grande tracto de territorio, sob o compromisso de o povoar a custa propria, veiu lembrar ao governo portuguez o systema das donatarias hereditarias.

Até então os portos do Brasil haviam sido tocados por tres ou quatro expedições officiaes, uma das quaes foi a de Martim Affonso de Souza, e por navios corsarios que faziam o trafico de escravos e o commercio de páu brasil, servindo principalmente de aguada para as caravellas que da metropole demandavam as Indias, fugindo ás calmarias da costa d'Africa.

Tentado o systema das donatarias hereditarias, que consistia na doação perpetua e irrevogavel da capitania ao colono, com jurisdicção e alçada no ci-

vel e no crime, reservando-se a metropole o direito de arrecadar o quinto dos mineraes preciosos encontrados, a dizima da pesca e dos productos que pertenciam ao rei, na sua qualidade de grão-mestre da Ordem de Christo, cabendo tambem á corôa o monopolio das drogas e os direitos alfandegarios, foi o Brasil, em 1534, dividido em varias circumscripções hereditarias.

Estas capitanias tiveram desigual successo, prosperando umas e anniquilando-se outras, sob influencia de causas varias até que, com as descobertas de metaes preciosos, o governo da metropole de novo chamou a si a posse dos territorios, continuando a divisão por capitanias, rotuladas, a partir de 1815, com o titulo de provincia, até a época da independencia.

Com o estabelecimento das primeiras donatarias, foi introduzida no Brasil a lavoura desenvolvida de diversos productos tropicaes, e tentativas foram feitas no sentido de se acclimar varias culturas europeas, sem que, entretanto, esmorecessem os grandes emprehendimentos para a descoberta das riquezas mineraes, ideia fixa da metropole, de todos os tempos.

Na capitania de São Vicente, o plantio da canna de assucar e do algodão prosperou, assim como em varios pontos do norte do Brasil, vindo com o tempo o assucar a formar importante ramo de com-

mercio. A vinha, o trigo e mais tarde o chá, foram plantados com exito no valle do Tietê e a creação do gado vaccum veio a ser nos Campos de Piratininga, como em quasi todo o territorio brasileiro, uma das *maiores riquezas nacionaes*, perdendo sua importancia em São Paulo sómente com a intensificação do plantio do café.

Agricultando o sólo, não descuravam, entretanto, os paulistas, de organisarem *entradas* nos sertões invios, palmilhando o continente por todos os pontes do horizonte, a principio com o fito de escravisar indigenas para suas lavouras e, em seguida, pela anciedade do descobrimento do ouro, ideia que jamais abandonou o colono ambicioso.

A esse movimento deve-se a epopéa do *bandeirismo* que, si exhauriu os riquissimos depositos auriferos do nosso sólo e garimpou os nossos mais preciosos *diamantes*, consignou em brilhantissimos traços, nos fastos da historia, a vitalidade, o elevado gráu de energia, o extraordinario poder de resistencia do nascente povo paulista, e conquistou para a patria em formação a sua actual grandeza territorial, destinada pelo tratado de Tordesilhas a ficar reduzida a uma nesga de territorio ao longo do Atlantico.

Em 1611, os paulistas, com o intuito visivel de conquistar braços para a lavra das minas de Araçoiaba, mas, indiscutivelmente, no esforço de affastar o dominio hespanhol, que se extendia atravéz do

imperio jesuitico do Guayrá até a margem esquerda do Paranapanema, iniciaram a serie de ataques que devia prolongar-se, com intermitencias, até 1629, mas, tiveram de retroceder, em sua primeira tentativa, ante as forças muito mais numerosas do governador D. Antonio Anasco que os atacou de surpreza. Não desanimaram, entretanto, os paulistas, com esse primeiro revez e nos annos seguintes renovaram o ataque ás reducções, sempre com exito vario, até que, em 1629, commandados por Antonio Raposo e Manoel Preto, conseguiram a dispersão dos cem mil indigenas, que constituiam a população do imperio e, com ella, o affastamento dos limites da capitania para as barrancas do Paraná.

Entre os annos de 1618 a 1626 Antonio Castanho attinge, com sua *bandeira*, o rio Cuiabá e o famoso sertanista Antonio Raposo sóbe o rio Paraguay, até suas cabeceiras, navega o Guaporé e o Madeira e desce pelo Amazonas, até o Pará, onde funda o povoado de Gurupá.

Outras bandeiras, arvoradas em São Paulo, visitam os sertões *dos rios* Ivinheima, Amambahy, Iguatemy, Jaguary e Jujuhy, posseam-se dos campos da Vaccaria, tão disputados pelos hespanhoes, exploram o Samambaia, o Araguaya, o Arinos e o Sararé, onde descobrem ouro, mantêm a fundação da Colonia do Sacramento, no estuario do Prata, lançam os alicerces da séde da futura capitania de

Matto Grosso, junto ás minas de Cuiabá, descobertas por Paschoal Moreira Cabral, e conquistam o territorio dos Parecis.

Bartholomeu Bueno, o Anhanguéra, descobre ouro em Goyaz e funda Villa Bôa. Sebastião de Barros attinge o Maranhão, percorrendo de sul a norte o territorio goyano e Silva Braga, desligando-se da *bandeira* do Anhanguéra, na altura de Meia Ponte, desce até o Pará.

Domingos Jorge Velho, chamado a combater os Palmares, installa-se a oeste de Pernambuco, lançando, com as suas numerosas fazendas de creação e engenhos de assucar, os fundamentos do actual estado do Piauhy.

As riquezas, arrancadas ao seio da terra por estas *entradas* e explorações, escoaram todas para o erario real, sacco roto de engorgitamento inattingivel, deixando os *bandeirantes* cheios de honrarias e reduzidos á maior penuria financeira, mas, os paulistas, penetrando o amago do continente, explorando-o palmo a palmo e pontuando-o de povoações deslocaram os marcos limitarios, dando á patria a sua actual vastidão.

No territorio mineiro, as *bandeiras* paulistas exploraram os sertões dos mais caudalosos rios da região e descobriram, em varios pontos, abundantissimos depositos do precioso metal, surgindo então a lucta pela posse dessas riquezas, que passou á historia sob a denominação de — Guerra dos Em-

boabas — travada entre os reinoes e os paulistas, abençoada lucta que teve o condão de despertar na alma do sertanista o sentimento da nacionalidade.

Da fusão do colono reinol com os guaranis de São Paulo, guayanás do campo, guayanás do matto, murumimis, cujo nome modificado successivamente em gurumimis, guarumimis e guarús, está hoje transformado em Guarulhos, forma actual e definitivamente integrada no vernaculo, e tupiniquis, esparsos pelo interior, surgiram os mamelucos, elemento primordial das *bandeiras*, a cuja acção vigorosa de reconstituição devemos o affastamento dos limites da patria, da linha de Tordesilhas para o sopé dos Andes.

A ligação do elemento colonisador com o aborigene deu-se tão intima e intensa que, por muito tempo, o uso do idioma guarani foi corrente no seio da população civilisada de São Paulo, notando-se, ainda hoje, sua poderosa influencia no falar paulista: a circumstancia dos actuaes caipiras dos arredores de Conceição dos Guarulhos preferirem dormir em esteiras, no chão, despresando o uso da cama, é uma clara reminiscencia das velhas usanças dos murumimis, os quaes, como é sabido, não faziam uso de redes.

Cumprindo seu destino historico de integradores do territorio patrio, ditado primordialmente pelos grandes caudaes paulistas, vias desimpedidas e amplas de penetração, verdadeira excepção á re-

gra geral do systema hydrographico brasileiro, que faz seus grandes volumes dagua escoarem do interior para o litoral, volveu o paulista suas vistas e seu poderoso esforço para a desenvolução da agricultura, até então relegada a segundo plano pela ambição de descobrimento de ouro e posse de territorios.

Data desse momento a introducção de novos elementos ethnicos, em apreciavel quantidade, no seio do povo paulista. Em 1827 dá entrada na provincia de São Paulo um grupo de allemães meridionaes, em numero superior a 926, que se distribue pelo interior, delle fixando-se no municipio de Santo Amaro a parcella de 336 e, caso notavel nos annaes da immigração germanica para o Brasil, fusionando-se pouco depois, totalmente, na população indigena.

A essa primeira tentativa de introducção official do elemento immigratorio germanico seguiramse outras, entrando em São Paulo, intermittentemente, pequenos grupos de allemães e suissos-germanicos, até cerca do anno de 1875, conjunctamente com a immigração portugueza, que jamais cessara.

A partir daquella data, a corrente immigratoria intensificou-se e São Paulo recebeu novo sangue, novos elementos de vitalidade e energia de todos os pontos da Europa e até mesmo da Asia; porem, de todas essas forças vivas, a que mais se avo-

fumou foi a do italiano, a qual, em quatro decennios, conseguiu fixar-se no territorio paulista, em cerca de novecentos mil individuos.

Um milhão e oitocentos mil, approximadamente, é o numero de extrangeiros localizados em São Paulo durante os ultimos quarenta annos.

Essa grande massa de elementos extranhos poderá desnacionalizar o paulista, modificando-lhe a peculiar maneira de ser, norteando-lhe suas energias ou transformando-lhe o caracter?

Não, absolutamente não!

Quando verdadeiramente a grande immigração para São Paulo teve começo, isto no anno de 1882, já o paulista havia dado definitiva e immutavel orientação á sua actividade e iniciado a vida de progresso que o conduziria triumphalmente á prosperidade actual, garantia segura de uma solida e brilhante grandeza futura.

Innumeros latifundios já se haviam transformado em grandes estabelecimentos agricolas e a capital paulista, atravéz das Companhias Paulista, Mogyana, Sorocabana e São Paulo e Rio, cortava o interior da Provincia, em muitas direcções, com as linhas ferreas que a ligam ao litoral e á capital do paiz.

Foi nesse terreno, assim preparado, que o immigrante veiu localisar-se, nada mais lhe restando sinão adaptar-se ao novo meio e contribuir, como

realmente vem contribuindo, com o seu grande, ingente, poderoso labor, para a collimação de um engrandecimento que, já agora, nenhum cataclysmo social será capaz de reter ou desviar do rumo pretraçado.

Demais, a avolumação do elemento extrangeiro propriamente dito não nos deve inquietar, por ser ella phenomeno essencialmente transitorio, cuja eliminação está a cargo do factor — tempo: o que nos poderia inspirar cuidado seria sua descendencia vinculada ao solo, sem mescla de sangue nacional; mas, essa mostra-se, e realmente é tão brasileira e paulista, como a descendencia mais directa dos primeiros povoadores pigmentados de sangue caboclo.

Phenomeno inverso, jamais observado, aliás, na formação dos povos, seria monstruosa aberração. O filho da terra, alimentado e desenvolvido com o producto da mesma terra, acclima-se e vincula-se, identifica-se com ella, filho que é do ambiente que o envolve.

O lugar do nascimento e do crescimento do individuo, a patria, emfim, não é apenas "a casa que habitamos, os nossos visinhos, a parentela, as cousas que estamos acostumados a ver todos os dias, o rio que corre pelos fundos da chacara"... das definições literarias; é alguma cousa mais solida, mais intima, mais essencial: — é o terceiro componente material do individuo.

Nascido da approximação animal, o individuo passa a receber, com o ar que respira e a alimentação que absorve, os elementos de desenvolução, em dezenas de kilos, das materias de que se compõe, adquiridas pela conjuncção dos seres que lhe deram a vida. O ambiente em que se desenvolveu, a terra que lhe forneceu o material para o seu crescimento é, irretorquivelmente, um dos componentes do seu "eu" material e tem direito indiscutivel e indestructivel a sentimentos mais profundos, mais arraigados, mais respeitaveis que a affeição e o amor gerados através dos sentidos apenas.

Não sentir, desconhecer taes sentimentos, é monstruosidade sómente comparavel ao repudio da propria filiação consanguinea.

Assim, do caldeamento dessa apparente *Colluvies Gentium* que é a actual população de São Paulo, composta de nacionaes, filhos de brancos, de pretos e de caboclos, e de italianos, portuguezes, belgas, germanos, hespanhóes, etc., permanecerão a indole, a energia, o caracter primitivos do primitivo paulista, permanecerá o paulista typico que se adaptará, que já se adaptou ao bandeirismo pacifico e sedentario da formação das grandes industrias, do commercio, da lavoura, das bellas artes e que se conservará tão paulista, tão energico e tão emprehendedor, quanto o foram os *bandeirantes* dos descobrimentos de ouro e conquistas de territorios, oriundos do tupi-guarani.

PALAVRAS INDISPENSAVEIS Á BOA INTELLIGENCIA DO PRESENTE ESTUDO

O consulente que porventura já possua conhecimentos do idioma nheengatú perceberá, desde a leitura das primeiras paginas deste trabalho, que o autor é um discordante de quasi tudo que até hoje se têm escripto e esplanado sobre o assumpto ora por elle versado.

Prevenindo o gesto, muito natural aliás, de tal extranheza, o autor apressa-se em declarar que a divergencia, ás vezes profunda e radical apresentada. não é filha do desejo, que no caso não passaria de pueril e tola vaidade de contraditar autores de renome indestructivel, firmado em monumentos de alto saber, ou destruir systemas ou methodos de investigação, os quaes, si não conseguiram plena elucidação do assumpto, representam, no entanto, contribuições valiosissimas para a consecução da quelle desideratum.

A divergencia notada não é sinão a resultante natural do methodo adoptado pelo autor, essencialmente diverso dos até então empregados pela maioria dos tupinistas modernos: e, justamente porque os resultados das suas pesquisas, se apresentam contrariando, não raras vezes, o que por ahi corre impresso, é que o autor resolveu lançal-os a publico, como contribuição que lhe parece ser capaz de encurtar, em boa parte, a distancia a vencer na estrada escabrosa da solução do problema: fosse ■ seu estudo a confirmação, sem discrepancias, de trabalhos de outrem, ■ o autor, que é autor e jamais compilador, não o teria elaborado e muito menos entregue á publicidade.

O autor, remontando-se o quanto possivel atravez de um criterio todo seu, e da documentação registada nos mais antigos monumentos fallados da nossa historia de povo em formação, á época do descobrimento, chegou á convicção de que, na éra de 1500, todo o litoral brasileiro e as margens todas dos grandes rios — *nascedouros do mar* — segundo a judiciosa observação do aborigene, estavam habitados pelos povos tupi-guaranis, não lhe parecendo, portanto, procedente a affirmativa de que a lingua *tupi, guarani, abanheenga, nheengatú,* ou como lhe queiram chamar, fosse ensinada aos milhões de aborigenes, pela meia duzia de europeus que nos primeiros tempos da colonia aqui se fixaram: que o nheengatú hoje

trabalhado em estudos de gabinete differe essencialmente do nheengatú de 1500, pelo que, para obter-se algum conhecimento da linguagem pura do aborigene brasileiro, devemos restringir-nos ao estudo das denominações prehistoricas, das quaes nos fornecem noticias as primeiras chronicas, e aos mais antigos tratados de linguistica tupi-guarani, de preferencia os anchietanos e os do padre Montoya, embora, em parte, fosse este um méro compilador do thaumaturgo do Brasil.

Tambem não perdeu tempo o autor em perscrutar approximações ou affinidades, entre o linguajar nheengatú e os velhos idiomas da humanidade, sanscrito, hebraico, grego, basco ou bretão, germano ou chinez: para o autor, o idioma nheengatú ou abanheenga, *lingua boa, lingua de gente*, é linguajar puro, surgido com o apparecimento do aborigene brasilico sobre a terra e por elle constituido, independente de qualquer influencia ou contribuição extranha.

Dahi as frequentes divergencias, especialmente nas traducções de phrases e palavras vernaculizadas, entre a materia consignada nas paginas deste trabalho e as affirmativas que apparecem na generalidade dos estudos, do mesmo genero. O autor considera o nheengatú, por ser lingua pura, originaria de uma só fonte, sem mescla de qualquer outro idioma, e, sobretudo, pela formidavel

contribuição de vocabulos, orçada por dezenas de milhares, com que enriqueceu o nosso vernaculo, uma das matrizes do portuguez falado no Brasil, tão necessaria de ser conhecida e estudada quanto seja a latina e mais ainda que a grega.

Uma das modalidades desse estudo, a primeira no entender do autor, a ser abordada, é o pleno conhecimento da significação recta, exacta, do vocabulario aborigene já definitivamente incorporado ao vernaculo; e, por entendel-o assim é que sae neste momento, á publico, o *Vocabulario nheengatú vernaculizado pelo portuguez falado em São Paulo.*

PHONOLOGIA NHEENGATÚ

Vozes nheengatús que se incorporaram ao vernaculo

A, brando, como em *A*banheenga.

Ã, aspirado, *an*, como en ibitãtã, etymo que se vernaculizou em Bu*tantan*.

Á, agudo, como em Ab*áré*, vernaculizado em *Avaré*.

E, brando, como em Abaetê. (Vide vozes *é* e *i*). O aborigene empregava indistinctamente as vozes e ou *i*, como em *imboi* ou *emboi*, acontecendo o mesmo entre nós com os vocabulos vernaculizados, como em *embauba* que tambem se grapha *imbauba*.

Ê, circumflexo, como em Tietê.

E, aspirado, *en*, como em Itanhaẽ, vernaculizado em Itanhae*n*.

É, agudo, como em Abaité, vernaculizado em Abaeté.

I, como em *ibi*.

Ĩ, aspirado, *in*, como em micoı, vernaculizado em micoin.

Í, agudo, como em Jaguarí.

O, como em Itobi.

Õ, aspirado, *on*.

Ô, circumflexo, como em bôa.

Ó, agudo, como em itaóca.

U, como em Mbáé-aiua-iba, vernaculizado em Embauba.

Ũ, aspirado, *un*, como em *un*, preto, da vernaculização hispano-paraguaya, porém adaptado entre nós em *una*, como em sabiá-*una*, sabiá-preto, etc., havendo, entretanto, um caso unico em que a vóz apparece em sua forma originaria —- Anun, contracção de Anu-*un*, anú-preto.

Ú, como em Ytú.

Além desses sons vogaes cuja incorporação ao vernaculo não offereceu difficuldades ou esforços de assimilação, por se tratar de vozes essenciaes do orgam vocal humano e, portanto, communs a todas as raças e a todos os idiomas, tambem o tupi-guarani para designar a ideia — agua —, emitte

uma voz guttural, modulada entre *i* e *u*, este levemente alterado pela consoante *g*, approximadamente igual a *ygu*, em pronuncia velada: padre Anchieta representa-a por *yg*, forma que a vernaculização fixou definitivamente em *y*.

Em nheengatú existe o triphthongo *uay* (guay), que se passou para o vernaculo inalterado, como em *Paraguay, Uruguay, Jaceguay*, etc., e os diphthongos *ai, ei, oi, ui, au, eu, iu, ou*.

O orgam vocal do civilisado, na impossibilidade de reproduzir com exactidão a voz guttural selvatica, *ygu*, ora designava a ideia por *y*, como em Tamanduatehy, ora por *u*, como em Anhangabahú, prevalecendo, porém, na maioria absoluta dos casos, a representação pela vogal *y* (i grego), isto quanto á graphia, pois em referencia á pronuncia, ella é hoje invariavelmente a de *i* (i latino), desapparecida assim, na vernaculização, a peculiaridade da voz nheengatú.

Outras vozes existiam e existem no nheengatú, que tupinistas meticulosos costumam assignalar por caracteres convencionaes, mas extranhos ao vernaculo, vozes, entretanto, que não lograram a incorporação ao portuguez falado em São Paulo: dessas vozes agrestes não trataremos no presente estudo, cujo delineamento não deverá ir além dos limites da conquista dos elementos linguisticos do tupi-guarani pelo vernaculo.

Aliás, as vozes emittidas pela animalidade racional não constituem apanagio exclusivo do orgam vocal humano: as vogaes, a, e, i, o, u, base de todo o linguajar humano, são extensivas á vocalização dos irracionaes, e têm reproducção nos rumores dentro dos dominios dos proprios inanimados. São vozes da natureza.

Em tupi-guarani não existem os elementos phoneticos modificadores, *f*, *l*, *j*, *v*, *z*, nem o grupo *lh*, uma vez que ao idioma falta a consoante *l*; taes elementos só apparecem nos vocabulos de origem nheengatú pela decorrencia da vernaculização.

Os signaes consoantes do linguajar tupi-guarani, que se encontram em correspondencia do alphabeto portuguez, são:

B. como em *Abá*. Jamais inicia palavra a não ser nos termos vernaculizados em os quaes occorre a quéda da vogal *i*, que lhe antecede, como em *ibitãtã*, que se vernaculizou em *butantan*, e do elemento *m*, do grupo *mb*, como em *M*boituba, que se vernaculizou em *B*oituba. Em numerosos casos de vernaculização é a consoante *b* substituida por *v*, como em Uaa-i-canga-u*b*a, vernaculizado em Aricandu*v*a.

C, soando *k*, ou *q*, como em portuguez, sempre que anteposto ás vogaes a, o, u, *C*aa, *C*uera; *C*e, quando, como em portuguez, se antepõe ás vozes e e *i*; *Cerá*, *Cipó*. Sempre que pos-

pósta ás syllabas *an*, *en*, etc., *C* (k) permuta-se em g, como em *Ancatú*, que se escreve e se pronuncia *Angatú*; Abanhee*n*catú, que se contrae e se pronuncia Abanheen*ga*; Tabati*n*cuera que, pela mesma regra, se modifica em Tabati*ng*uera.

C, soando brandamente *ce*, como em portuguez, quando anteposto ás vogaes a, o, u.

D, como em portuguez.

G, como em portuguez.

H, em nheengatú, do mesmo modo que em portuguez, é signal de aspiração, como no grupo *nh*; *nh*amundá, enta*nh*a, etc. O aborigeno empregava a separação, na phonetica, de vogaes, evitando a formação de diphthongos, como em Mbáé e seus compostos, que o caboclo ainda repete pronunciando Embaé, Embaúba, etc., embora sem a previsão da graphia *h*.

Na vernaculização dos termos tupi-guaranis, o portuguez empregou o signal — *h* — entre vozes puras aborigenes, sempre que estas não fossem enunciadas de uma só emissão de voz, não constituindo, portanto, diphthongo.

E' assim que encontramos no vernaculo as graphias e pronuncia Pirahy, Jacarehy, Jacuhy, recursos de que se não utilisa o hespanhol das na-

ções ibero-americanas, as quaes, tambem assimilaram numero elevado de vocabulos nheengatús. O hespanhol não emprega o signal de separação — *h* —, em caso algum: sua idiosyncrazia pelo — *h* — chega ao ponto de o substituir nas aspirações, pela letra — *l* —, escrevendo *llamar*, *llaga*, que, entretanto, pronuncia *lhamar*, *lhaga*, e aspirando a consoante *n*, pela superposição do til, *ñ*, como em Español: e como deixa de empregar o signal de separação na termologia do proprio vernaculo, tambem o faz, em relação á do nheengatú, graphando Carimbatay, Paray, Aguapey, Caraguatay, Tatuy, ao passo que o brasileiro registra, com toda a procedencia, aliás, Carimbata*hy*, Para*hy*, Aguape*hy*, Caraguata*hy*, Tatu*hy*, impedindo a formação de diphthongo, que, nos casos citados, assumiria proporções de erro crasso, porquanto, sendo a ultima vogal das palavras registradas uma ideia, um monosyllabo distincto do nheengatú, ao passo que a penultima é sempre terminação da palavra anterior, como em piray, rio do peixe, tatu-i, tatú pequeno, etc., seria verdadeiro absurdo a pronunciação, nos dominios da glottologia portugueza, das duas vogaes em uma só emissão de voz.

M, como em portuguez.

N, como em portuguez.

P, como em portuguez.

Q, como em portuguez.

R, invariavelmente soando brando, *re*, quer no inicio do vocabulo, como em *Reritiba*, quer no corpo do etymo, embora mesmo entre vogaes, como ainda em *remericó*, *rumoara*.

Em numerosas vernaculizações o *r* originario, invariavelmente é permutado pelo *l* vernaculo, como em *Rambari*, que se transmutou em *Lambari*, etc.

T, como em portuguez.

X, que corresponde essencial e exclusivamente ao valor modificante do *x* arabico — *che* —, como se verifica dos vocabulos nheengatús *Xará*, *Xe*, etc., e nos de origem arabe Tauxia, Enxoval, com identico soido. O valor do *x* latino, *cs* (kecê), não tendo existido na phonologia nheengatú, não póde ter, e realmente não tem emprego nos termos originarios desse idioma.

Da inexistencia da consoante *l* no linguajar tupi-guarani, é que adveiu o vicio de locução, entre os velhos paulistas, vicio felizmente já estirpado, que os obrigava a pronunciar *muié*, *fio*, por mulher, filho; *porvora*, *parma*, por polvora, palma, etc. E nem se diga que a ausencia do grupo *lh*, no linguajar tupi-guarani, signifique pobreza do idioma autochtone, tão rico, aliás, em vozes as-

piradas; as linguas matrizes, hebréa, arabe, grega e latina não o possuiam; a hespanhola, que parece votar invencivel ogerisa pelo signal de aspiração — h —, grapha — *ll* — por *lhe*, embora mantendo a phonetica aspirada; a franceza inscreve — *ill* — graphando *muraille*, por muralha, e a italiana *gl*, graphando fi*gl*io, por filho.

Os etymos nheengatús vernaculizados, que incluem o elemento — *l* — em sua composição, adquiriram-no por permuta da consoante *r* uns, ou *n* outros, taes como *r*ambari, vernaculizado em *l*ambari, e ca*n*umbi, em ca*l*umbi, etc.

O elemento latino — *j* — entrou na composição dos vocabulos vernaculizados de origem nheengatú, em substituição á vogal — *i* — na maioria dos casos em que se apresenta ella iniciando o vocabulo, anteposta a outra vogal, só deixando de se dar a mutação, quando impedida pela euphonia, como em *iacanga*, onde a graphia e prosodia originarias foram respeitadas: iaguar, iacaré, iapecanga, iapi, vernaculizaram-se em jaguar, jacaré, japecanga, japi e, como estas, innumeras outras da mesma natureza.

Quanto á consoante luza — *v* —, gradativamente vae ella desbancando a influencia da nheengatú — *b* —; hoje ninguem, falando o portuguez de São Paulo, será capaz de pronunciar Caçapa*b*a, *B*oçoroca, Aricandu*b*a, U*b*aia, como ainda ha cincoenta annos passados era corrente, porém, Caça-

pava, Voçoroca, Aricanduva, Uvaia, etc. Aliás, a permuta do *v* por *b*, e vice-versa, é muito do sabor da lingua luza, que o portuguez do povo dizia *braba*, por *brava*, *bisconde*, por *visconde*, e ainda diz *bento*, por *vento*, e *vento* por *bento*.

Á excepção das palavras terminadas em ã, ẽ, ĩ, õ, ũ, cuja nazalisação permitte a substituição do til pela consoante *n*, todo o vocabulario nheengatú termina em vogal, originando-se dahi o vicio, que não deixa de ser um modismo, do caboclo em emittir a palavra até sua ultima vogal, com o emudecimento, porém, da consoante final. Exemplo da substituição do til pela consoante *n*: Ibitãtã — Butantan: Itanhaẽ — Itanhaen. Exemplo da suppressão das consoantes finaes pelo caboclo, obediente á ancestralidade nheengatú: *pagá*, por pagar, *vê*, por ver, *i*, por *ir*, *amô*, por amôr, etc.

> *Quem me dêra sê formiga*
> *Daquella que come doce*
> *Acompanhava meu bemzinho*
> *P'ra* quarquê lugá *que fosse*

verseja o caboclo paulista em seus momentos de bom humor.

Si o tupi-guarani não dispunha, como já o dissemos, do grupo consoante *lh*, contribuiu, entretanto, com outros de mais alto valor e influencia para a formação do vocabulario volumosissimo com que foi enriquecido o vernaculo.

A esses grupos faremos, no momento, apenas ligeiras referencias, pois dos vocabulos em que sejam elles componencia trataremos, ao adeante, desenvolvidamente.

Mb. Commum ao portuguez quando apparece no corpo do etymo, porém que, ao tomar posição no inicio do termo, exige, no mais das vezes, a precedencia de *soido vogal, e, i, ou u:* dahi, a pronuncia e vernaculização em *emb, imb* ou *umb.* Em nheengatú grapha-se Mboiy (cobra d'agua), e Mbáé (cousa), e pronuncia-se embú ou imbú (*emb,* contracção de Mboi, e *y,* soante *ygu,* agua), e *emba* ou *imba* (contracção de Mbáe), como em embaúba ou imbaúba, contracção da phrase *Mbáé-aiua-iba.*

Casos ha, entretanto, em que na vernaculização do etymo dá-se a quéda do elemento *m* do grupo, iniciando-se então o vernaculo pela consoante remanescente *b,* como em *mboicininga,* que se incorporou ao vernaculo em boicininga, havendo outros em que, mantida a consoante, *m,* desapparece o elemento *b,* e esse é o exemplo de *mboi-y,* vernaculizado em *mogy,* com a mesma significação de embú. Os tempos modernos fizeram surgir a graphia pedantesca e "snobica" *M'b,* que não é nheengatú e menos ainda portugueza, para representar o grupo *mb* na palavra *Mboi,* dando azo ao apparecimento das extranhas e absurdas pronuncias *Meboi* e *Emeboi,* que começam de correr mundo.

MODISMOS NHEENGATÚS ACCLIMADOS NO VERNACULO

Ha no falar paulista numerosos modismos gerados na influencia do nheengatú, idioma tão correntemente falado em São Paulo ainda ha cento e cincoenta annos passados, quanto o era o portuguez, lingua official.

Da peculiaridade do tupi-guarani empregar na phrase, de preferencia o participio verbal ao infinito e de, invariavelmente, antepôr as particulas pronominaes aos verbos e aos nomes e pospôr aos verbos os pronomes rectos, é que os paulistas dizem — está chovendo, me deixe, me faça o favor, etc., emquanto os portuguezes locucionam — está a chover, construcção tão mal soante aos nossos ouvidos, quanto aos ouvidos luzos devem ser os — me deixe, me faça o favor, do nheengatú acclimado ao vernaculo.

A inexistencia da particula pronominal — lhe — em o nheengatú, decorrente da ausencia da con-

soante — l —, no alphabeto daquelle idioma, deu azo á formação do modismo tão desagradavel — disse *p'ra elle* (que muitos refinam desastradamente em disse *p'r'elle*), *dá* nelle, etc., por disse-lhe, dá-lhe, etc.

Outros modismos, porém, apparecem como aquelles, nas classes inferiores do povo paulista, os quaes, erroneamente attribuidos á origem aborigene, não passam, entretanto, de legitimos luzitanismos que o espirito eminentemente conservador do caboclo mantem atravez do tempo, embora se tornassem obsoletos na patria do idioma, como obsoletos tambem já se tornaram entre as classes cultas paulistas. Entre taes modismos citaremos as expressões *tchave*, *tchapéu*, *djogo*, etc., até ha poucas dezenas de annos empregadas pelo santamarista, mas averiguadamente originarias do norte de Portugal. *Apinchar*, *brabo*, *brabeza* e outras, acreditadas por paulistanismos não são sinão velho portuguez decahido de actualidade na antiga metropole, porém considerado, ao seu tempo, de quilate elevado, e ainda outros vocabulos que, embora classificados vicios de linguagem pelos letrados e glottologos, se localizaram entre nós, trazidos pelo povo baixo reinól: taes são os termos *acupar*, *barrer*, *coresma*, *esprimentar*, *pessuir*, *pirola* (por pilula), *preguntar*, *rezão*, etc.

Tambem são modismos brasileiros, originados no idioma nativo, as expressões *matá-matando*, por

matador contumaz, *andá-andando*, por perambulador, *pará-parando*, *morrê-morrendo*: o *jucá-jucá*, dizem os povos que falam o nheengatú.

O tupi-guarani não sabia modular a voz em interrogativa: supprindo tal defficiencia, sempre que perguntava incluia na phrase as particulas *tahá*, *tá*, *pá*, projecções de uma mesma raiz, e *será*, todas suppletivas da inflexão de voz immodulavel pelo orgam vocal do aborigene.

Dessas particulas — *será* — fixou-se no vernaculo, por modismo, mas tambem substituindo a expressão portugueza — será —, razão talvez da sua rapida incorporação, total em São Paulo e noutros estados do sul, ainda incompleta nos do norte.

Em nheengatú a particula — *será* — apparece, de ordinario, encerrando a phrase, posição essa ainda mantida no portuguez, falado entre a gente do povo no norte do Brasil; — chove *será*, isto é, será que chove?

Perfeitamente assimilado ao vernaculo falado no Sul, transportou-se o *será* ao inicio da locução como se verifica das expressões: — *Será* que ainda chova? — *Será* que estejas doente?

Não só na prosa correntia é, entre os paulistas, empregada a curiosa interrogativa, como, tambem, em numerosas composições rimadas do trovador caipira:

O vento bateu na porta
Chiquinha vá vê quem é,
Será *que Maria Honoria*
Venha vindo de Tabaté?

Re ti será (Você tem vergonha?), — *Quahá* putiraitá orekó *será* ça quéna puriánga (Estas flores têm um bello perfume?), — dizem os tupi-guaranis, segundo a lição de Couto de Magalhães.

O tratamento cerimonioso, pelo emprego dos pronominaes — *vós, vosso* — etc., unico admittido e corrente não só entre amigos, os mais intimos, como até entre irmãos, de paes para filhos e destes para aquelles, embora não constitua um modismo propriamente, fazemos delle menção, por se tratar de regionalismo peculiar ao paulista. O tratamento por — *tu* — espicaçava o systema nervoso do paulista com a sensação de uma extrema, inadmissivel e humilhante familiaridade que encontrava, no mais das vezes, revide desabrido com a enunciação de uma serie de vozes onomatopaicas em rima áquelle monosyllabo.

VOCABULARIO NHEENGATÚ

VERNACULIZADO PELO PORTUGUEZ FALADO EM SÃO PAULO

Á

Á. S. Contracção do vocabulo nheengatú *Abá*, homem, gente. Entra na composição de diversos termos e phrases incorporados ao vernaculo: a essa classe de enunciados pertence

ANHANGUÉRA, de *Á* (Abá) homem, gente; *nh* (Anhã) correr; *ang* (anga) alma, espirito; *uera* (cuera, permutado o [illegible] por g, pela precedencia da voz aspirada) desprendida, solta, separada. *A-nh-ang-uera*, alma de homem, de gente, separada do corpo, alma que corre fóra do corpo, alma de pessoa morta, alma d'outro mundo, em linguagem popular do mundo civilizado.

Outros traduzem Anhanguéra por "diabo velho", erroneamente, porque nem *Anhanga* significa diabo e nem *guera* corresponde á ideia velho que, em tupi-guarani, é expressa pelo vocabulo *tuiué*: "macaca *tuiué* inté o mundéo e pô cuimbisca opé", (Macaco velho não mette mão em combuca), esclarece o ditado nheengatú.

E nem se diga que a contracção da phrase — *Abá anhã anga cuera* — em Anhanguéra seja regra artificiosa de reconstituição de gabinete do idioma nheengatú: é a lei natural e, como tal, logica e geral a que tem obedecido todo o linguajar de agglutinação até agora creado pela humanidade, e outro não foi o methodo de construcção do nosso vernaculo atravez de suas linguas matrizes. Desagglutine-se o vocabulo *cadaver* (*ca-da-ver*) e teremos a phrase, — carne dada aos vermes — em contraprova e plena corroboração do nosso asserto. E, assim, em todos os idiomas do occidente.

Em francez não foi outro o processo de sua formação: o termo — *Aguilanneuf* — é simplesmente agglutinação da phrase — *au gui l'an neuf* — que se traduz "a herva de passarinho, anno novo"

A denominação Anhanguéra lembra a figura legendaria e épica de Bartholomeu Bueno da Silva que, aos 12 annos de idade. já se enrijava na vida sertaneja, perlustrando os sertões dos Martyrios e do

Peraupava, em companhia de seu pae, o primeiro Bartholomeu Bueno o primeiro Anhanguéra, á cata de ouro e promovendo "descidas" de selvicolas; o mesmo que, annos depois, aos 52 annos de idade, descobriu e explorou em proveito dos cofres reaes, que tambem lhe devoraram a fortuna particular, as immensas riquezas das minas dos Guayás, para morrer em extrema pobreza no anno de 1740.

A denominação Anhanguéra, correntemente applicada, no seculo 18, ao rio que hoje se chama do Carmo, no actual municipio de Ituverava, affluente pela margem esquerda do Rio Grande, a partir de 1726, junto ao alludido porto, refere-se ao segundo Bartholomeu Bueno da Silva, que por alli estabeleceu passagem nas explorações que fez quando em busca das regiões auriferas.

Bartholomeu Bueno, o segundo Anhanguéra, partiu da cidade de São Paulo a 3 de Julho de 1722 em direcção ao norte, levando o compromisso de reencontrar as minas que, em sua infancia, visitára em companhia do velho Bartholomeu, seu pae. A *bandeira*, por elle organizada e na qual se incorporaram, entre outros, Simão Bueno, irmão, e João Leite da Silva Ortiz, genro de Bartholomeu, Urbano do Couto e João Pimentel de Tavora, todos subchefes, abriu a marcha por Pinheiros e Jaraguá, rumando para o septentrião até o porto do Rio Grande, que se ficou chamando Anhanguera e traçando, em linhas geraes e com antecipação de quasi

seculo e meio, a directriz das vias ferreas São Paulo Railway Company, entre a região de Pirituba e Jundiahy, Paulista, entre Jundiahy e Campinas e Mogyana, de Campinas a Franca com desvio de Cajurú para Ribeirão Preto.

A 21 de Outubro de 1725 Bartholomeu Bueno da Silva volta a São Paulo com a noticia do encontro das minas e retorna a ellas no anno seguinte, 1726. É nesse momento que o Governo da Capitania de São Paulo inicia a concessão de sesmarias no "Caminho de São Paulo a Goyaz" (Vide o nosso *parecer* sobre a "Questão de limites entre São Paulo e Minas Geraes", no vol. 24, da Revista do Instituto Historico de São Paulo).

ABÁ

ABÁ. S. m. Homem, gente: vocabulo nheengatú incorporado ao vernaculo atravez dos etymos seguintes, de uso corrente no falar paulista:

ABÁETÊ. S. m. Formação de *Abá*, homem, e *etê* abalisado, notavel, illustre; homem illustre, abalisado. *Abaetê* é expressão que se não deve confundir com *Abaité*, cujo significado é homem torpe, cruel, feio, horrendo.

ABÁITÉ. S. m. Homem feio, desagradavel, cruel, torpe: de *Abá*, homem e *ité*, desagradavel, feio, máu, etc. Montoya, no monumento que é a "Arte de la lengua guarani ó mas bien tupi", define

Abaité na qualidade de adjectivo, fazendo-o derivar de *Abá*, na accepção de muito, e de *eté*, torpe, etc.; mas nesse caso, a construcção da phrase será — *Abá abaité* — construcção que não logrou vernaculização. Assim, o vocabulo *Abaité* (homem feio), que em geral apparece graphado *Abaetê* (homem illustre), gerando lastimavel confusão, não tem relação alguma com a adjectivação — muito feio, ou muito torpe.

ABÁNHEENGA. S. m. Linguagem, a palavra, a voz humana. Vernaculização do tupi-guarani *Abá nheẽ catú*, fala boa de homem, de gente: de *Abá* homem; *nheẽ*, fala; *catú*, boa, bonita: *catú* contrahido em *ga*, com permuta da consoante *c* por *g* pela antecedencia da syllaba aspirada *en* (ẽ).

O aborigene tupi-guarani, na enunciação da ideia — linguagem de homem, de gente, estabelecia distincção chamando ao seu proprio idioma — *nheẽgatu* —, lingua boa, lingua bonita, e o dos dedemais aborigenes — *nheẽgaiba* —, lingua ruim: ás vozes portuguezas, chamava elle — *caraíuheẽ* —, vocabulo que, por desnecessario, não logrou vernaculizar-se.

AÍUA

AÍUA. Adj. Ruim: na agglutinação contrahiu-se em *Ai*, forma em que passou para o vernaculo nas seguintes palavras:

AIMBERÉ. S. m. Corruptela do nheengatú — *Aimboré* —, agglutinação de *Áíua*, ruim, e *mboré*, especie de flauta de taquara; flauta ruim. *Aimberé*, por seu turno, vernaculizou-se em *Aimoré*, vocabulo com que designamos os aborigenes, primitivos habitantes da região serrana entre os Estados da Bahia, Minas Geraes, Espirito Santo e Rio de Janeiro, povos que se distinguem dos demais povos aborigenes, pelo uso que fazem do *batoque* ou *botoque*, rodela de madeira de 6 centimetros de diametro, introduzindo-a, á guisa de tembetá, em abertura praticada no beiço inferior.

Desse habito veiu-lhe o designativo — *Botocudo*.

Hoje os *Aimorés*, já meio civilizados, condensam-se, de preferencia, no valle do rio Doce, Estado do Espirito Santo.

Vernaculizada no substantivo gentilico — *Aimoré* —, a corruptela *Aimberé* não desappareceu, entretanto, permanecendo no idioma com o valor de substantivo proprio e tambem como appellido de familia.

Aimberé chamava-se o rispido e inflexivel chefe da famosa confederação dos Tamoios, que intentou, em 1562, anniquilar São Paulo.

A denominação *Aimoré*, applicada aos *Botocudos*, provem do habito desse povo de, na impossibilidade de tocarem o *boré*, soprando-o pela boc-

ca, em consequencia da deformidade do beiço inferior e da adaptação do *batoque*, fazerem-no pelas narinas, arrancando do instrumento sons que, por certo, não serão maviosos.

AIMORÉ. Flauta ruim, de *Aiua*, contrahido em *Ai*, e *mboré*, flauta. (Vide étymo *Aimberé*).

AÊ

AÊ. Adj. Mesmo. *Xe-aé* (eu mesmo) dizem os tupi-guaranis. *Aé* entra na composição do vocabulo vernaculizado.

XARÁ. S. m. de uso corrente em São Paulo derivado da phrase nheengatú — *xe* — meu; *aé*, mesmo; *tera* nome; meu mesmo nome, contrahida em *xa a rá* e vernaculizada em *xará*, vocabulo empregado em linguagem familiar e carinhosa, em relação ás pessoas de nome baptismal igual entre si: — Eu, que me chamo Affonso, tenho por *xará* ao juiz Carvalho, tambem Affonso de nome pelas aguas lustraes. — Os barões Homem de Mello e de Serra Negra eram *xarás* entre si porquanto ambos se chamavam Francisco.

Parece-nos ocioso esclarecer que o etymo *xará* de que tratamos, relação alguma tem com o arabico *xára* que se passou para o Portuguez e para o Hespanhol em synonymia de *matta*, produzindo os neologismos *cira*, *cirita* e *xira*.

No Brasil septentrional diz-se *chero* com a mesma accepção de *xará*, fazendo-se derivar o vocabulo de *xe*, meu e *tera*, nome, meu nome.

No Rio Grande do Sul, o termo — *xará* — tambem é corrente, porém inteiramente desvirtuado de sua verdadeira accepção, que é a que lhe dá o paulista: nos pampas emprestam-lhe arbitrariamente a ideia — "pello crespo" —; animal *xará* (animal de pello crespo) diz-se alli correntemente.

Aliás, é vezo popular do sul, as erronias de tal genero: *gury*, por exemplo, que em São Paulo exprime o vicio torpe classificado pelos tupi-guaranis em *aiuú*, é nos pampas traduzido por *piá*, *piásinho*, isto é, menino, meninote, despido de qualquer sentido obliquo ou depriment; *machorra* é applicado por *maninha*; *guaypéca* por *guapeva*; *chirú*, cuja traducção é meu companheiro — (*che*, meu, *irumo*, companheiro) por indigena, caboclo, individuo que apresenta caracteristicos da raça aborigene.

ANHAN

ANHAN. V. Correr. A voz inicial — *A* — do vocabulo nheengatú, é expletiva sendo verdadeiramente o etymo, em sua pureza, — *nhan*. *Anhan* ou *nhan*, correr: entra na composição de numerosos termos tupi-guaranis que se passaram para o portuguez falado no Brasil. Dos que têm

emprego em São Paulo daremos rezenha completa quanto possivel.

ANHANGA. S. m. Contracção dos vocabulos nheengatús *anhan*, correr e *anga*, alma, espirito, genio que corre. Os tupi-guaranis, povos aborigenes do sul do Brasil, consideravam protector da caça ao duende, ao *genio que corre*, symbolizando-o *no veado*, o *animal mais agil e veloz* da fauna brasilica, o que mais facilmente escapava ao tiro do caçador: e sempre que este, alvejando qualquer outra especie de caça errava a pontaria, não deixava de attribuir seu desazo, por justificativa ao seu amor proprio ferido pela perda do disparo, á malefica intervenção de *Anhanga*, o qual teria, no caso, communicado sua vivacidade e rapidez ao animal visado. permittindo-lhe subtrahir-se ao projectil mortifero.

Anhanga era pois, o nome que o aborigene do sul dava ao veado designando-o como o symbolo da agilidade e rapidez e tomando-o pelo protector da caça: e nem se diga que ao veado, o aborigene chamava — *suaçú* — porque a verdade é que, com esse nome, agglutinação do frequentativo nheengatú, *çúú-çúú* (*çúú*, mastigar, *çúú-çúú*, remoer, ruminar) elle apenas designava a ordem dos ruminantes, applicando a cada genero denominação adjectivada. Aliás, no Brasil pre-cabraliano os ruminantes eram exclusivamente representados pela familia cervina em seus differentes

generos: dahi pretender-se o estabelecimento de synonymia entre *anhanga* e *suaçú* (vide o etymo *suaçú* e seus compostos).

E tanto o vocabulo *suaçú* designa no veado apenas a sua privativa qualidade de ruminante, é que ao boi, animal exotico no paiz, o aborigene appellidou, para logo — *tapyraçúúácauara* —, (*tapira* por ser da corpulencia da anta, *çúú* por ser ruminante, *áca*, por possuir chifres e *uara*, reducção de *retamauara*, por ter vindo de fóra, por ser extrangeiro) *tapyra-çúú-áca-uara*.

A accepção de — *genio do mal, diabo, satanaz, demonio,* —, attribuido ao termo *anhanga* em permuta á concepção indigena, originou-se na pratica intencional mas innocente, aliás louvavel, da adaptação das crendices selvaticas, ás crenças da verdadeira religião christan, isto quanto ao sul.

Nas regiões do nordeste brasileiro, o roupeta catechista elegeu, em discordancia flagrante com o do sul, por diabo, pelo genio maximo do mal, a *jurupari*, o genio que preside ao pesadelo, tão impropriamente representado pelo inoffensivo animalejo de nome igual ao do malevolo duende, e que contra si conta sómente a circumstancia de ser horrivelmente feio.

No extremo norte do Brasil, onde a catechese religiosa teve acção quasi nulla, *anhanga* jamais ultrapassou o circulo da theogonia tupi, a qual

ainda o considera simples duende, apenas visagem (Vide etymos *Anhamby* e *Anhangabahú*).

ANHANGABAHÚ. S. m. Nome do ribeirão que banha a cidade de São Paulo, correndo na direcção geral de sul a norte. *Anhangabahú* é agglutinação da phrase nheengatú, *Anhanga-iba-ug*, de *Anhang*, veado, *iba*, arvore e *ug* ou *y*, agua ou rio: — *agua da arvore do veado*. Era assim chamado o rio, e, por extensão, o seu valle profundissimo, pela abundancia da muito conhecida cuvitinga que em suas margens vicejava e que era soffregamente procurada pelos veados que della faziam seu principal alimento.

Segundo von Martius, *anhangabahú* significa — "rio onde habita o máu espirito" — ou melhor, — "rio do diabo" —.

Outros entendem ser *anhangabahú* — "rio onde o homem preto, nú, toma banho". — O absurdo dessa definição resalta da denominação do rio haver sido applicada pelos naturaes anteriormente ao descobrimento do Brasil e, portanto, á chegada a São Paulo de qualquer representante, branco ou preto, das raças originarias do velho mundo. Si o aborigene desconhecia o negro, o qual aportou ao Brasil muito depois do branco, é obvio não lhe ter sido possivel formular a ideia da existencia do homem preto, (abá-una) de que elle, até então, não tivera a menor sciencia.

João Mendes affirma em seu "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo", ser *anhangabahú* corruptela de *i nhã-ng-ába-aú* "quasi nenhuma correntéza": de *y*, relativo, *nhã*, correr, *ng*, intercalação por ser nazal o som de *nhã*, e para ligal-o a *ába*, exprimindo modo ou acção *aú* ou *aúb*, particula ou proposição para exprimir defeito na acção ou no modo.

A mudança, accrescenta João Mendes, para *anhang-aú* proveio da crendice de ser o diabo *anhang*, transformado em phantasma, *aú*, quem murmurava naquellas aguas, então correndo na solidão entre basta floresta.

Theodoro Sampaio, com o seu immenso saber das cousas indigenas e sua linguagem seductora diz do rio tradicional e lendario: — "Nessa pequena agua, que traz o nome de *Anhangabahú*, corrente outr'ora em meio do matto entre duas lombadas de campo, sobre uma das quaes se assentou a aldeia de Piratininga, os primeiros habitadores viram com os olhos da imaginação um bebedouro de assombrações, um logar propicio ás diabruras ou maleficios (anhangaba) desse genio andejo e máu, que elles na sua theogonia embrionaria chamavam *Anhangá*.

E' isso o que quer dizer *Anhangabahú*, observada a tradição de pronuncia que o nome tem; significaria, porém, *agua das diabruras* ou *dos maleficios* se em vez de *Anhangabahú* se dissesse *Anhan-*

gabahy, como tambem se lê em alguns velhos documentos".

Affonso de Freitas Junior, outro conhecedor proficientissimo do nosso passado, acredita tambem ser *anhangabahú*, rio ou agua do diabo.

Eis o que, em seu primoroso estylo, diz elle sobre o valle desse rio eminentemente paulistano, na bellissima evocação ao nosso passado, que se chama — "A primeira missa padroeira"...

"Naquelle profundissimo valle, onde serpeava o "Rio do Diabo" escoando-se no emaranhado da matta, nesse assombrado *Anhangabahú*, só o *piaga* levantava seu *tejupar*. Era ahi a caverna de Trophonio. Ahi falava o oraculo da tribu. Ahi vivia solitario o *pagé*, agoirando como o *noitibó*. Mais lugubre que a nénia dos thracianos, o canto do *piaga* era um regougo de urutáu. Deante do *cuité*, espetado numa frecha a modo de cabeça, com cabellos, olhos, orelhas, nariz e bocca fingidos, donde se evolava a fumarada da cabaça, prosternava-se o *carahyba*, com visagens de endemoninhado e requebros de lunatico, arvoado pelo fumo e revelando á gentilidade os oraculos gerados pelo seu cerebro perturbado.

Augur, cantor e curandeiro, o bruxo só deixava o latibulo em visita ás *tabas*, para sagração dos *maracás*: marginando o *Anhangabahú* até o desaguadouro do *Yacuba*, seguia elle em busca do ca-

minho do *Guaré*, em direcção a *Ynhapuambuçú*, onde tinha assento a tribu de Tibiriçá."

Sobre a definição adoptada por João Mendes — *I-nhã-ng-ába-aú*, de "quasi nenhuma correnteza", nada nos parece menos exacto, porquanto, de todos os rios de volume apreciavel que cortavam a capital de São Paulo, o *Anhangabahú* era o unico correntoso e até encachoeirado: os demais, Pinheiros, Tietê e Tamanduatehy, corriam e correm sobre varzeas, sem declividades pronunciadas, — "em quasi nenhuma correnteza" —, ao passo que aquelle, despenhando-se da altitude de 800 metros, em sua mais distante nascente, descia em declividade accentuada até a altitude de 730 metros para, pouco depois, baixar a 722 metros, altitude de sua embocadura no Tamanduatehy, n'um percurso total de cerca de 4 kilometros.

Comparando-se o desnivelamento do rio *Anhangabahú*, accusado pela differença de nivel, de 78 metros, entre sua foz, no Tamanduatehy e sua mais remota nascente junto á rua do Paraiso, com o do Tamanduatehy, de apenas 4,m500, entre sua barra no Tietê, na altitude de 720 metros, e sua passagem atravez da rua Luiz Gama na de 724m, 500; e do Tietê, de 8 metros entre a affluencia do rio Pinheiros, na altitude de 717 metros, e sua passagem pelo Instituto Disciplinar, Belemzinho, na de 725, distancias muito superiores á de todo o curso do *Anhangabahú*, somos forçados a admittir que

■ correnteza deste era, na mesma proporção, incomparavelmente superior á dos rios Tietê ■ Tamanduatehy.

Dos rios paul'stanos, justamente o *Anhangabahú* era o unico do qual se não podia dizer, de "quasi nenhuma correnteza".

De quasi nenhuma correnteza eram, verdadeiramente e por infelicidade maxima do paulistano, os rios Tamanduatehy e Tietê, ziguezagueantes em fraquissima declividade e, durante grande parte do anno, espraiados pelas extensas varzeas do municipio da Capital, saturando de humidade a já humida atmosphera nas enchentes, e corrompendo o ar com os miasmas das aguas estagnadas e putridas na vasante.

Discordamos de João Mendes em sua engenhosa, mas complicada definição sem, comtudo, acceitarmos a de Martius quando traduz em diabo. o vocabulo *anhanga*, correspondente, com rigor, á accepção do vernaculo — veado —; dahi, nossa definição: — *Anhangabahú*, agua da arvore do veado, de *anhanga*, veado, *iba*, arvore ■ *y*, agua.

O ribeirão *Anhangabahú* nasce junto á rua do Paraiso, entre as ruas Vergueiro e Maestro Cardim, na altitude de 800 metros acima do nivel do mar. Desenvolve-se em direcção geral de sul a norte, parallelamente ás ruas Vergueiro e Liberdade, cortando as ruas João Julião, Pedroso, Humaitá, Con-

dessa de São Joaquim, Jaceguay, (recebendo nesse ponto, pela margem direita, a famosa nascente do Moringuinho), Assembléa, onde recolhe a antiga bica do Miguelzinho, e dahi seguindo pela recta hoje occupada pelo leito da rua Asdubral Nascimento até o largo do Riachuelo, primitivamente do Bexiga, que percorre em toda a extensão até o Piques. Ahi recebe, junto ao local da hoje desapparecida ponte do Lorena chamada officialmente — ponte 7 de Abril —, o ribeirão Saracura engrossado pelos corregos Bexiga e Saracura pequeno.

Do largo do Piques segue o *Anhangabahú*, contornando o planalto central da cidade pelas baixadas do Viaducto do Chá (onde hoje viceja o Parque Anhangabahú), avenida São João, rua Florencio de Abreu e extremo da rua 25 de Março em direcção ao rio Tamanduatehy, nelle desaguando pela margem esquerda. Presentemente o *Anhangabahú* está quasi todo canalizado e coberto: os leitos das ruas Asdubral do Nascimento, Anhangabahú e tambem o centro do largo do Riachuelo, do Parque Anhangabahú e da travessa 25 de Março estão assentes sobre seu alveo.

Azevedo Marques nos seus, aliás preciosos "Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Provincia de São Paulo", affirma ser o *Anhangabahú* "formado pela juncção de dois corregos na ponte chamada do *Pi-*

ques, na cidade de São Paulo, os quaes são o do *Moringuinho* e do *Tanque-Reúno*".

Ha equivoco na affirmativa do illustre chronista: o corrego do *Tanque-Reúno*, que tem suas cabeceiras nas encostas septentrionaes da actual avenida Paulista, de onde desciam para formarem o desapparecido tanque *Reúno* junto á rua Martinho Prado, é o mesmo corrego Saracura de todos os tempos, ao passo que o *Moringuinho*, muito menos de corrego, não passou nunca de um tenue fio de agua, emanado de pequena nascente cuja existencia ainda hoje é assignalada na rua Jaceguay.

O rio *Anhangabahú* teve, em todos os tempos, tal denominação desde sua nascente mais longinqua e mais volumosa, a da Liberdade por nós descripta, até sua foz no Tamanduatehy. Já em 1640 apparece, em documentos officiaes, a denominação — *Anhangabahú* — applicada ao curso do rio, muito acima da affluencia do Saracura. Preste-se attenção ao texto da carta de data passada a 29 de Março daquelle anno a favor do padre Alvaro Neto e de Custodio Nunes: "... que elles supplicantes não têm chãos nesta villa em que possam fazer suas casas e ora estavam no arrabalde e rocio della uns pedaços de chãos devolutos sobre o rio *Anhangoubahy entre os dois caminhos que sahem desta villa para Santo Amaro*, ficando o que está pela parte de baixo por onde ora a gente mais concorre"...

Os "dois caminhos" a que se refere a carta de data do padre Alvaro, eram os chamados "Caminho do carro que vae para Santo Amaro" e "Caminho que vae para Ibirapuera". O primeiro iniciava-se no campo que se chamou de São Gonçalo Garcia, hoje Praça João Mendes, e o outro, o da "parte de baixo", partia do ponto em que começa a actual ladeira de Santo Amaro no largo do Riachuelo: estes caminhos, hoje convertidos em ruas, estavam e estão separados pelo valle estreito, porém, profundissimo do ribeirão que, mais abaixo, conflue com o Saracura e ao qual os "Apontamentos" chamam *Moringuinho*, porém a documento de 1640 denomina *Anhangouvahy*.

Documentos numerosos e posteriores ao citado de 1640, porém secularmente anteriores aos "Apontamentos", confirmam a applicação daquelle nome ao rio desde sua principal nascente, na região do "Caminho do Carro" e mais de um mappa moderno regista a mesma denominação applicada ao rio, a montante da barra do Saracura, como se poderá verificar pelo mappa levantado pelo engenheiro Carlos José Frederico Rath em 1875, onde apparece a denominação — *Anhangabahú* — traçada acima da referida confluencia.

Modernamente, a cava profunda do *Anhangabahú* desde a rua Paraiso até o inicio do largo do Riachuelo, está perdendo sua multi-secular deno-

minação a qual se vae insensivelmente substituindo pela de — *valle do Ytororó* —, esta, originada no nome recentemente applicado á rua que se desdobra pelo flanco direito do valle e ao longo da rua da Liberdade, estabelecendo communicação entre as ruas Pedroso e Condessa de São Joaquim.

O rio *Anhangabahú* serviu, durante a vigencia da lei n. 33, de 23 de Março de 1870, de linha de divisa desde sua nascente junto á rua Paraiso até a ponte do Acú, ao transpor a rua de São João, entre o districto de paz da Consolação e o da Liberdade (primitivamente Sul da Sé) que se iniciava na ponte 7 de Abril, no Piques, e com a secção do districto do Norte da Sé, hoje da Sé), a partir daquelle ponto, rio abaixo (Vide étymos *Anhamby*, *Anhanga* e *Suaçú*).

ANHAMBY. S. m. Rio do veado, de *Anhanga*, veado (vide etymo *Anhanga*), e *y*, agua, rio, com a permuta do grupo originario *nga* por *mb:* denominação dada pelos guayanás de Tibiriçá ao rio Tietê, em seu curso atravez das varzeas de Piratininga, pela grande quantidade de veados que affluiam áquelle ponto em busca das pastarias gordas periodicamente fertilizadas pelas enchentes do rio. Aliás a abundancia de veados em redor da cidade de São Paulo foi de todos os tempos: ainda em 1880 appareciam elles nas alturas

de Villa Mariana, da Avenida Paulista e nos pastos do Bexiga, hoje bairro da Bella Vista.

O nome do rio, em todo seu curso era — Tietê —, não obstando, entretanto, tal circumstancia, que em mais de um estirão tivesse elle denominação peculiar, como ainda hoje acontece em quasi todos os cursos de agua paulistas e no proprio Tietê, assignalando accidentes locaes; si o seu nome regional em Piratininga era *Anhamby*, pela circumstancia referida, já um pouco abaixo e antes de sua confluencia com o Pinheiros chamava-se — *rio da Emboaçava* —, isto é, rio do váu, da passagem, originada na particularidade de existir alli, atravessando o alveo do rio, uma afloração de rocha permittindo o travessio do rio (*emboaçava*) quasi a pé enxuto nas grandes estiagens, e seguro váu nos volumes normaes da torrente.

Os portuguezes fixados em Piratininga, ouvindo repetidamente o nome *Anhamby*, applicado ao rio no trecho que lhe corria ao pé das moradias, acreditavam que aquelle seria o nome geral da torrente e, nesse sentido empregavam, si bem que uma vez por outra, com a cautela de o chamarem tambem e cumulativamente, — Rio Grande — traducção ao pé da letra, de Tietê: —"... e correrá avante até dar no *rio grande de Anhamby*..." (Carta de sesmaria passada por Gaspar Conqueiro a 10 de Novembro de 1610):... e da barra do dito ribeiro pelo *rio abaixo de Anhamby, rio*

grande..." (Carta de sesmaria concedida a Clemente Alvares e Martim Rodrigues em 1612).

Si os nossos maiores europeus, em vez de se localizarem em Piratininga tivessem-no feito em *Emboaçava*, em *Boigy*, em *Ururay* ou na primeira *parnahyba* que lhe ficava mais proxima rio abaixo, e não em *Anhamby*, certo que o rio Tietê teria sido, de principio, conhecido por elles, pela denominação de rio Emboaçava, Boigy, Ururay ou Parnahyba.

O Tietê é o receptor unico de todas as aguas do territorio amplissimo, outr'ora pertencente ao povo guayaná, o que lhe communica as proporções de grande e profundo caudal: pelo seu volume e por sua piscosidade era o celleiro vivo e perennemente fornido dos aborigenes habitantes da sua bacia os quaes, por essa circumstancia, se fixaram de preferencia, em suas varzeas tornando-se ribeirinhos, d'onde a denominação guayaná (marrecão).

Em relação aos nossos antepassados de Piratininga, era o Tietê o mais volumoso e o de maior profundidade, o rio verdadeiro, legitimo, o rio grande, o rio por excellencia, que taes predicados, pelo bellissimo jogo de linguagem peculiar ao nheengatú e que o guayaná tão bem sabia applicar. estão comprehendidos no vocabulo — Tietê.

Já ouvimos algures a objecção de que, denominando o guayaná — rio grande, rio legitimo —

ao rio por excellencia do seu *habitat*, muito embaraçado deveria ficar si pretendesse estabelecer confronto entre elle e o Paraná, receptor de suas aguas e ainda de outras muitas torrentes de igual ou maior volume. Entretanto tal confronto já está feito, desde tempos immemoriaes e, cremos, sem ter causado embaraço algum ao aborigene intelligente e observador, porque si Tietê significa — rio grande, o termo *Paraná* designa volume muito maior de agua no seu attributo de — *mar que corre* —, de *Pará*, mar e *anhan*, (que Martius grapha "unhan") correr, *Paraanhan*, que se contrahiu em *Paranan*, pronúncia que o caboclo, eminentemente conservador, ainda mantém, embora a vernaculização a haja reduzido a *Paraná* (Vide titulos *Anhan* e *Pará*).

Modernamente já se não escreve e nem se pronuncía *Anhamby*, porém *Anhemby*: *de todas as* corruptelas soffridas pela forma primitiva do vocabulo *Anhanga-y*: — Anhamby, Anheby, Anhebig, Anemby, Angemin e outras, aquella foi que prevaleceu fixando-se no vernaculo.

Relativamente á traducção do termo — *Anhemby* — para o vernaculo, frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu "Glossario" de palavras indigenas, affirma significar elle, "rio dos enambús" o que é pouco provavel, por não se encontrar affinidade, embora a mais longinqua, en-

tre um caudal e uma ave que, não sendo palmipede, é além disso gallinacea e, como tal, visceralmente inimiga de agua a ponto de se abluir pela espojadura.

João Mendes de Almeida, no seu "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo", discordando do entender de frei Francisco dos Prazeres, lança a definição — "não liso e sahida alta" — tomando o vocabulo *Anhemby* por corruptela de *Aî-hê-mbi; Aî*, não liso, altos e baixos, obstaculos, *hê*, sahida, barra, foz, *bi*, levantar, alçar, precedido de *m*, por ser nasal a pronuncia de *hê*.

Dissentindo de ambas as definições entendemos ser *Anhemby* uma das varias corruptelas de *Anhanga-y* e nesse sentido já explanamos o assumpto.

NANAÑ, de *Ani*, negativa; ■ *nhan* correr; o que não corre: *Nanan é o nome de um corrego* affluente do Jundiahy-mirim, no municipio de Jundiahy: sua caracteristica é, correspondendo á denominação originaria, a quasi nenhuma correnteza de suas aguas (Vide João Mendes. "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo").

MARANHÃO. S. m. Mar que corre; de *Mará*, corruptela de *Pará*, mar, e *anhan*, correr: allusivo á sua largura que ■ faz semelhar-se ao mar ■

á sua correnteza caracteristica de rio. Maranhão chamou-se, a principio, ao rio Amazonas, e a verdade é que, si elle assim não mais se chama, ainda o é pelo formidavel volume de agua que comporta.

PARANAHYBA. S. m. *Pará*, mar; *anhan*, correr: y, agua, rio e *ba*, contracção de *tuba* ou *tiba*, pae, geratriz, fonte, nascedouro; cabeceira, fonte nascedouro da agua do *mar-que-corre*. Como é sabido, o rio Paranahyba, ao qual antigos geographos extendiam a denominação — Paraná —, é a principal cabeceira do rio desse nome, que lhe conserva a direcção geral do curso: dessa circumstancia é que lhe vem a denominação — *Paráanhan-y-tiba*, porquanto o Paraná outro não é sinão o *mar-que-corre*. Theodoro Sampaio define Paranahyba, — "grande rio imprestavel", de *Paranã*, grande rio, e *ahyba*, imprestavel.

PARANÁ. S. m. *Pará*, mar; *anhan*, correr; mar que corre. *Paráanhan* contrahiu-se em *Paranan*, pronúncia que o conservatorismo caboclo ainda mantem, embora a vernaculização haja reduzido, graphia e phonetica, a *Paraná*.

Segundo a lição de Theodoro Sampaio, Paraná deriva-se de *Pará-nã*, semelhante ao mar (tupi-guarani) ou de *Pará-uã*, rio enorme, caudal immenso, o mar (tupi). João Mendes faz derivar o vocabulo de *"Poró-anã* por contracção Por'—

anã, excessivamente grosso". De "*poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc. e *anã*, grosso". Padre Montoya chama ao rio *Paraná* — parente do mar —, de *Pará*, mar e *aná* abreviatura de *anóma*, parente.

ARARA

ARARITAGUABA. De *Arara*, ave conhecida, *ita*, pedra, e *guaba*, comida. Barreiro das araras: penedia do rio Tietê, ainda hoje assim chamada.

Sobre esta penedia os sertanistas Antonio Pimentel e Antonio Sardinha erigiram, em 1721, uma capella sob a invocação de N. S. da Penha de *Araritaguaba*, nome este que se extendeu á povoação que se ia erguendo em redór do pequeno templo. Ao ser elevada a villa, a 13 de Outubro de 1797, pelo capitão-general Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, a povoação de *Araritaguaba* tomou o nome actual de — Porto Feliz.

A denominação *Araritaguaba* é, ainda hoje, conservada pela penedia que, si não mais é procurada pelas aves comedoras de barro salitroso abriga, entretanto, myriades de andorinhas que alli apparecem pela primavera aninhando-se pelas perfurações incontaveis abertas, atravez dos seculos, pelo bico adunco das araras precoloniaes.

BOC

BOQUE. S. f. e tambem v. Do nheengatú *boc*, abertura ou racha pequena. No vocabulo *boque* a desinencia *que* soa brevissima a ponto da generalidade dos tupinistas preconisarem a graphia *boc*. É a cova, de cerca de oito centimetros de circumferencia por outros tantos de profundidade, que os meninos no "jogo do pinhão" abriam no solo, e destinada a receptaculo dos tentos arremessados pelos jogadores.

O jogo do pinhão nos veiu dos meninos indigenas (Vide titulo *Cáá*, etymo *Caguira* (Correr.)

CÁÁ

CÁÁ. S. m. Matto. Entra na composição de numerosos vocabulos nheengatús que se integraram no vernaculo. Indigenistas ha que, confundindo este prefixo com o etymo — *camã* —, asseveram significar indifferentemente *matto*, vegetal, e *morro*, elevação de terreno, e é assim que, emquanto uns affirmam, com muito acerto, aliás, significar — *cááguaçú* — matto grosso ou grande, outros traduzem o mesmo etymo em morro grande.

A seguir relacionamos os termos principaes de componencia de *Cáá*.

CÁGUAÇÚ S. m. De *Cáá*, matto e *guaçú*, adulteração de *açú*, grande, grosso. Era a denominação aborigene da região pela qual se desdobra a actual Avenida Paulista, na capital de São Paulo, a qual, então, era coberta de extensa matta virgem. O velho capoeirão que hoje forma o Parque do "Belvedere" são os derradeiros vestigios do matto grande ou *cááguaçú*: a denominação *Cááguaçú* ainda é conservada na divisão policial da capital, designando um districto de subdelegacia.

Cááguaçú, vocabulo profusamente disseminado por todo o Estado de São Paulo, tambem vernaculizou-se em todo o Brasil e tambem nos paizes do sul do continente. No Paraguay, no Uruguay e na Argentina a graphia é Caaguazú, com a mesma accepção que lhe damos — matto grosso.

CAGUIRA, S. m. De *Cáá*, matto, e *Uiiuara* contrahido em *uira*, inferior; matto inferior, de pouco prestimo. É termo corrente em São Paulo em sentido figurado, na accepção de pessôa infeliz. A infelicidade do *caguira* differe essencialmente da do caipora, porque a deste é perenne, interminavel, eterna, ao passo que a do *caguira* é transitoria ou, no peor dos casos, intermittente.

O caipora é infeliz por ter sido avistado pelo duende vingativo: a *caguira* o é incidente e transitoriamente, em determinado momento, pelas difficuldades creadas por competidores em seus interesses.

CAGUIRA (Correr). Acção do individuo, especie de caapora civilizado, que deu em resultado o fracasso de negocio tentado realizar por outrem. No jogo infantil do pinhão, *corrêr caguira* consiste em um dos parceiros traçar cruzes no chão atravez da recta que o pinhão tenha de percorrer até o *boque*, impulsionado pelo golpe desferido pelo jogador.

Os traços eram acompanhados pelas palavras sacramentaes — rabo de gato sessenta e quatro — e o caso é que o pratico, no mais das vezes, realmente *corria caguira*, porque os traços, produzindo sulcos transversaes no terreno, desviavam a direcção do pinhão, impedindo-o de cahir no *boque* (Vide titulo *Boc*, etymo *Boque*).

CAÁPORA. S. m. De *Cáá*, matto, e *póra*, morador; morador do matto. Duende, genio protector da caça: a mythologia aborigene representa-o em figura humana, pelluda e hirsuta, invariavelmente montado em monstruoso caetetú. Quem o avistasse ou pelo monstro fosse avistado, tornava-se infeliz para o resto da vida.

CAIPIRA. S. m. Corruptela de *cáápóra*. Roceiro, camponez: o morador do matto, da roça, porém já integrado á civilização citadina. Em geral pertence á classe do *caipira* o pequeno agricultor

de ceraes, o sitiante. No sentido figurado applica-se o epitheto ás pessoas envergonhadas, timidas, acanhadas. *Caipiras* são tambem os roceiros de Minas Geraes: aos da Bahia chamam-se *tabaréus* e aos do Espirito Santo, *capichabas.*

CAIPORA. Adj. Corruptela de *cáápóra.* Infeliz. Homem que avistou ou foi avistado pelo duende *cáápóra* ou que se suppõe tal haja acontecido. Pessoa habitualmente, perennemente, eternamente infeliz: e quantos não existem hoje visados pelo *cáápóra* da civilização gerado no ventre putrido da ambição desordenada pelo egoismo feroz e deshumano?

CAJURÚ. S. m. De *Cáá,* matto e *iurú,* bocca, entrada; bocca ou entrada da matta. Theodoro Sampaio assim define o termo. João Mendes, em seu excellente "Diccionario", traduz "Cajurú, corruptela de *Cáá-yûrú,* bocca ou quebrada do monte. De *cáá,* monte, *yûrú,* bocca, entrada".

Divergimos de João Mendes quanto á traducção de *Cáá* em *monte. Cáá,* em nosso entender, significa exclusivamente — *matto,* ao passo que monte, morro, elevação de terreno, encontra seu significado no nheengatú em *camã,* etymo que, anteposto a consoante, geralmente se contrae em *can,* por euphonia. Entretanto, a opinião de João Mendes de Almeida é a mais diffundida.

Martius em seu *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, traduz — *caajurú* — por *cáá*, matto e *ajurú*, papagaio, matto de papagaios, e frei Francisco dos Prazeres Maranhão affirma tratar-se de — matto triste e feio.

CAPUAVA. S. f. De *Cáá*, matto; *pu*, derrubar; *xaua*, particula substantivante; logar onde o matto foi derrubado para receber plantação. O logar da derrubada já convertido em roça, isto é, já com a plantação formada. Roça.

De *cáá-pu-xaua* os espiritosantenses extrahiram o seu *capixaba* (roceiro), a contrapor-se ao *caipira* paulista.

CAROBA. De *Cáá*, matto: *yrob*, amargo: matto amargo. A casca, a raiz e as folhas da *caroba*, são poderoso depurativo do sangue. A flora brasileira é opulentissima dessa familia vegetal, contando em seu seio cincoenta e um generos que se desdobram em quinhentos e setenta especies. Em geral, a *caroba* é arvore de elevado porte, fornecendo madeira para dormentes, construcções civis e navaes, carpintaria etc.

As especies paulistas mais conhecidas são, a *caroba de flor verde* ou de *cinco folhas*, que tambem floresce na Amazonia e Rio de Janeiro, cibistax anti-syphilitica de Martius, e a *caroba* paulistana, jacarandá oxyphylla chamb. A *caroba* tem por

habitat quasi toda a America do Sul, inclusive o territorio argentino, onde floresce.

CUVITINGA. S. f. Agglutinação e vernaculização de *Cáá*, matto: *ubi*, verde: *tinga*, branco: matto verde branco, isto é, matto verde-claro, que é rigorosamente a côr da folhagem daquella conhecidissima planta forrageira.

Já lemos algures que — *cuvitinga* — não é cuvitinga, porém — "Couve-tinga" —, um hybridismo, composto ainda mal agglutinado de *couve*, lidimo vernaculo e *tinga*, legitimo *abanheenga*, lingua bonita de homem, que é o nheengatú do sul, excellentissimo etymo do mais puro guarani. Couve branca?! Emfim...

CABURÉ

CABREÚVA. *Cabreúva* ou *Cabriúva*. Do tupi-guarani *Caburé-ib-a*: *Caburé*, coruja; *ib*, arvore; *a*, fructo; que. rigorosamente traduzido significa — *arvore que produz fructo que coruja come*.

A *cabreúva* ("myrocarpus fastigiatus") dá madeira de lei, de côr escura e, por essa circumstancia, é tambem chamada *oleo pardo*, sendo a classificação scientifica consignada pertencente a Freire Allemão, o qual esclareceu ainda ser a arvore da sub-familia das papilionaceas.

Existe outra variedade de *cabreúva*, a "micoxylum perniferum", de Linneu, ou "myrospermum erythroxylum", de Allemão.

Ambas, muito apreciadas pela carpintaria e marcenaria, são raras no interior do Estado, mas, ainda se encontram, em relativa abundancia, na serra do mar, onde são conhecidas, a primeira, pela denominação de *oleo pardo* e a segunda, pela de *oleo vermelho.*

A provincia da *cabreúva* extende-se até o territorio argentino das Missões e Corrientes, onde lhe é conservada a denominação brasileira — *cabreúva.*

CIPO'

CIPO'. S. m. *Cipó,* que se desagglutina em *Ci,* colher puxando, e *pó,* mão: colher puxando com a mão.

Entre as muitas utilidades que o roceiro paulista dá ao cipó, sobrelevam-se as amarrações da lenha em feixes e *mocutas* para consumo nas cosinhas, das cercas de páo a pique e no entrançamento das madeiras roliças para formação do esqueleto das paredes de páo a pique, tambem chamadas — paredes de sopapo.

Além das especies de cipó que se prestam exclusivamente para amarrações, outras ha de largo emprego medicinal.

CIPO'-CRUZ. (Chiococa anguicida). Planta trepadeira das mattas paulistas, e tambem encontra-

da no municipio da Capital, porém, nos terrenos considerados de inferior qualidade: seu caule attinge o diametro de seis centimetros, sem perder, em quanto verde, a relativa flexibilidade. O nome deste vegetal é tirado da estructura do seu cerne cuja configuração, em córte transversal, muito se approxima da cruz castellan de Thomar e ainda mais da *cruce subscribere* do Affonso III de Portugal.

Cipó Cruz (corte transversal)

O cerne do *cipó-cruz* é branco: a casca com as suas reintrancias triangulares e constringentes para a formação da cruz apresenta-se de côr vermelho-desmaiada dando maior realce ao caprichoso e bello desenho cruciforme.

O *cipó-cruz* infundido em aguardente é considerado antidoto poderoso contra o veneno das cobras. Possue virtudes diureticas e purgativas, é anti-dartroso e anti-asthmatico, emmenagogo, sen-

do tambem empregado no combate aos derramamentos serosos.

EMBOÁ

EMBOABA. S. m. Epitheto injurioso lançado pelos paulistas aos portuguezes que lhes disputavam a posse das minas geraes em 1708, pretenção de que resultou a chamada — Guerra dos Emboabas. Entendedores da lingua tupi-guarani affirmam, encampando as opiniões de Ayres do Casal e de Azevedo Pizarro, ser *Emboaba* derivado de *Mboab*, nome de um passaro de pernas ou pés emplumados, originando-se dessa caracteristica a applicação daquella antonomasia aos estrangeiros pela circumstancia destes usarem calças.

Saint-Hilaire tambem é desse parecer.

Baptista Caetano, a quem não podemos negar a mais alta competencia em assumptos desta natureza, citado por Candido Mendes, em suas "Notas para a Historia Patria", affirma corresponder *Emboaba a "o-mboábae, a laçador, o armadilheiro,* o que arma laço, significando *i-amboa-baé*, os *laçadores de gente,* conseguintemente perfidos, traidores, designando-se assim os *forasteiros* de Minas Geraes".

O illustre autor das "Notas", discordando da opinião de Baptista Caetano, entende ser *Emboaba* corruptela de *amô-abá*, outro homem, o estran-

geiro, ou talvez, originar-se em *amô-uaia*, outra nação.

Antonio Joaquim de Macedo Soares em sua "Etymologia da Palavra Emboaba", ensaia a fórma *aba-ambôaé-abá*, homem de cabellos differentes, como origem do termo *Emboaba.*

Varnhagen que, na sua Historia Geral do Brasil, tomo 1, pag. 101, do anno de 1854, suppunha ser *Emboaba*, ou pernivestido, expressão "dada pelos indios aos europeus por trazerem calças" mudou posteriormente de opinião, como se verifica na quarta edição da mesma obra, vol. I, pag. 19, entendendo que a origem daquella palavra "se deve buscar no vocabulo *Amboabá*, contracção de *Mbae-aba*, e que significa "feito homem", isto é "como homem"."

Theodoro Sampaio n' "O Tupi na Geographia Nacional", pag. 215, segunda edição, diz o seguinte sobre o termo *Emboaba*: "Como verbal de *mbo-ar*, exprime acção de fazer que surja; que se levante, é a *construcção*, o trabalho; como verbal de *mbo-ab*, exprime a acção de fazer que fira, a *aggressão*, a hostilidade, o assassinio".

Cornelio Pires no "Vocabulario" annexo ao seu livro "As estramboticas aventuras do Joaquim Bentinho" affirma, sem mais explicações, derivar *Boava* do tupi-guarani *Amboabaê*, com accepção de — pessoa extranha.

Discordamos em absoluto de taes definições.

"*Emboaba* significa passaro de pennas nas pernas, pelo que os paulistas applicavam esse nome aos portuguezes pela circumstancia destes usarem calças", affirma a maioria dos philologos e literatos indigenas e, de primeira noticia, o corographo Ayres do Casal em 1817. Mas... os brasileiros tambem usavam *calças*, andavam vestidos, (e disso nos fornece prova irrecusavel a preciosa collecção de "Inventarios e Testamentos" a partir de 1578) os brasileiros, os paulistas, diziamos, tambem usavam calças, assim como os portuguezes de São Paulo que se conservavam ao lado dos nacionaes e, tanto a uns como a outros, nunca ninguem se lembrou de alcunhar — *Emboabas*. Demais, que passaro indigena é esse de pennas nas pernas chamado *Mboab?* De nossa parte confessamos mui lealmente não conhecermos, na avifauna paulista, passaro algum de pernas calçadas, á excepção dos exoticos gallinaceos modernamente introduzidos em São Paulo, quando já ahi não havia aborigenes para os classificar e, por isso mesmo, não poderiam ter concorrido para aquella denominação.

Ainda menos admissivel é, a nosso ver, a definição dada por Baptista Caetano: — *I-amboabae*, laçadores de gente, pois, esse epitheto a ser empregado pelos selvicolas melhor quadraria (sem

o presupposto sentido figurado, está claro) aos paulistas os quaes, muito mais que os portuguezes, foram apprehensores e descedores do gentio. Igualmente nos parece inacceitavel a concepção — *abaambôuó-abá* —, homem de cabellos differentes: a prevalecer tal definição, o designativo, *Emboaba*, deveria caber de preferencia ao negro e não ao branco, visto a carapinha africana differençar-se essencialmente e muito mais da cabelleira guarani que a cabelleira do europeu.

O cabello europeu, o cabello do portuguez, corredio e, em geral, negro como o do autóchtone, apresentava apenas a differença de menor encorpamento e de accidental variedade de coloração: si o indigena pretendesse assignalar pelos cabellos a diversidade de raça, tel-o-ia feito com a precisão peculiar ao seu profundo espirito de observação e, nesse caso, o epitheto teria sido applicado de preferencia ao negro, cuja diversidade de cabello era absoluta, como já affirmamos.

Entretanto, ao africano o autóchtone chamava *Tapanhuno*, isto é, barbaro, estranho negro, de *Tapuya e una*, limitando-se a assignalar a estructura do cabello simplesmente com o termo — *Apixaí* —, crespo, embora Montoya affirme, em sua "Arte de la lengua Guarani ó mas bien Tupi", significar elle diversamente, crista.

Alem de muito literaria para o pobre indigena o sentido emprestado ao termo *Emboaba* — homem de cabello differente — e sobretudo muito vago por ser possivel sua applicação indistinctamente ao branco e ao negro, não acreditamos que o selvicola estabelecesse mais de um termo ou locução, para assignalar a mesma ideia, o que, aliás, seria contrario á indole do seu linguajar, visto como, para designar o portuguez, o estranho branco, em geral, já possuia elle, em contraposição ao *Tapanhuno*, citado, o vocabulo *Tapuytinga*, — o barbaro, o estranho branco.

Tambem não julgamos procedente a definição de Candido Mendes: si *Emboaba* significa outro homem, o estrangeiro, tal denominação caberia igualmente e ter-se-ia por certo estendido ao africano, typo sem duvida mais extranho que o do portuguez pelo seu aspecto physiologico extremado do do autóchtone.

Demais, — "homem que usa calça" —, "homem de cabello differente" —, "estrangeiro" — e mesmo — "laçador de gente" —, não constituiam insulto e, desde logo, comprehende-se que o paulista, na exaltação de animo em que se achava, transudando odio e respirando vingança contra os invasores de suas minas, havendo despresado, por julgal-os já gastos, os qualificativos deprimen-

tes — gallego, pés de chumbo, tamancões e outros, não iria lançar em rosto dos seus implacaveis adversarios, á guisa de injuria, alcunha inteiramente innocua.

Precisavam de um qualificativo que, pela ideia em si e pela novidade do emprego, ferisse fundamente os brios dos seus inimigos, e o termo que o significasse foram os paulistas encontrar na algaravia cabinda que, como se sabe, é um dialecto angolez, então já bastante divulgado pela grande immigração que do continente negro se vinha fazendo atravez dos seculos para São Paulo e para o resto do Brasil: *Emboaba*, adaptação regional do termo cabinda *Emboá*, — *Cão* —, em angolez *Camboá*, foi o epitheto forte com que os paulistas mimosearam os roubadores de suas riquezas nas minas e autores da carnificina no Capão da Traição.

Muito mais restricto, sem generalisações por visar exclusivamente o grupo de ambiciosos sem escrupulos que disputava a posse das minas, não attingia o qualificativo deprimente os estrangeiros alheios á lucta e ainda menos aos portuguezes que faziam causa commum com os paulistas em protesto á reprovavel e criminosa conducta dos seus patricios das minas mas, seguramente, alcançava os brasileiros que se uniram aos forasteiros contra a razão e boa causa dos seus co-naturaes: Bento de

Amaral Coutinho, brasileiro que commandou o morticinio do Capão da Traição, Antunes Maciel, paulista, que se metteu no fortim do Rio das Mortes em defesa e soccorro dos forasteiros apertadamente sitiados pelos paulistas, não podiam deixar de ser attingidos pelo epitheto injurioso.

É verdade que, extincta a effervescencia da lucta, aplacados os odios, o termo *Emboaba*, escoimado pelo tempo de qualquer intenção offensiva e mutilado em *Buava*, passou a ser empregado pelos paulistas exclusivamente aos portuguezes: — *Buava*, synonymo de portuguez, ainda é termo corrente nas velhas povoações do interior de São Paulo e na propria Capital do Estado.

A moderna fórma do vocabulo presta-se a novas interpretações etymologicas e si não encontramos nella elementos que confirmem ou corroborem as definições — "*homens de cabellos differentes, laçadores de indios*", etc. poderemos plausivelmente decompol-a nos elementos tupicos — *Boya*, cobra, e *avá*, (*abá*), homem; homem-cobra, a quem, sem grandes acrobacias, poderiam ser attribuidos os virulentos predicados de maldade, crueza e deslealdade, traduzindo-se — *Buava* — no homem "ruim como cobra" da sentença popular a qual, aliás, seria perfeitamente applicavel aos aventureiros das minas em 1708.

A nosso ver, porém, essa versão seria tão inconsistente quanto nos parece serem as demais enunciadas, pois o tupi-guarani para attribuir a alguem ou a alguma cousa, qualidade ou natureza de outrem, empregava invariavelmente a desinencia — rana — que se traduz *semelhante*: assim, aos que, pela maldade innata, se assemelhavam á cobra, chamava elle com toda a propriedade — *Boyarana* —, como chamava, e com elle ainda nós hoje chamamos —*Tatorana* —, de *Tátá*, fogo, e *rana*, semelhante, ás conhecidas e vulgares lagartas de borboleta que infestam as nossas hortas e pomares e cujo contacto produz na pelle humana o ardor caracteristico da queimadura pelo fogo.

A traducção que damos ao termo *Emboaba* nos parece tanto mais acertada quanto, ao remontarmos ao tempo, para alem da guerra de 1708, não encontramos, quer em narrativas, quer em documentos, aquelle termo, designativo, injurioso ou não, de estrangeiros, pernivestidos, homens de cabellos differentes ou significados outros. A referencia mais remota do termo *Emboaba* que conhecemos fóra dos vocabularios africanos, é precisamente a que apparece no decorrer da guerra de 1708: dahi por diante surgem as citações, as interpretações multiplicam-se mas, nenhum dos interpretadores ou commentadores fornece esclarecimentos documentados para alem daquelle periodo.

Nos historiadores e chronistas florescidos em época anterior á Guerra de 1708 e que nos tem sido dado compulsar, não encontramos allusão a *Emboabas*, assim como em nossas buscas pelos archivos ainda não deparamos com documentos de qualquer natureza que nos denunciasse o emprego do termo para alem daquella data.

Sómente após a guerra é que surgem as citações, commentarios e referencias que se vão desdobrando e avolumando em extensão e minucias á proporção que se repetem.

Sebastião da Rocha Pitta, brasileiro e contemporaneo da guerra dos *Emboabas*, pois nasceu em 1660 vindo a fallecer em 1738, sem entrar em indagações philologicas e sem referencias á acepção do termo diz na "America Portugueza" que os povos das minas "estavam divididos em duas parcialidades, uma dos naturaes de São Paulo e das Villas da sua jurisdicção, chamados Paulistas, e outra dos Forasteiros, a quem elles chamavam Emboabas, dando este nome a todos os que não sabião da sua Região".

Esta informação de Rocha Pitta foi, indubitavelmente, o ponto de partida, a fonte primordial das referencias e descripções literarias que se seguiram.

Santa Rita Durão no poema épico — Caramurú —, impresso em 1781, faz rapida menção do

termo na oitava XXXV do Canto II, pondo na bocca de Gupéva os versos evocativos:

> Mandas de lá de d'onde o mundo acaba
> Para o nosso soccorro este *Imboaba.*

Em nota, visivelmente inspirado mas deturpando Rocha Pitta, registra a seguinte traducção do termo: — "*Imboaba,* voz com que os barbaros nomeam os europeus", sem nos explicar, comtudo, quem eram os chamados barbaros, si paulistas, si os autóchtones, porém, apresentando-nos o *Imboaba* como entidade bemfazeja e cavalheiresca. Bemfazeja e cavalheiresca!... Apezar de nascido na Catapreta do Infeccionado, parece que o autor do "Caramurú" não teve conhecimento pleno da acção dos *Emboabas* em Minas Geraes.

Ayres do Casal escrevendo em 1817 sobre a fundação de São Paulo, affirma que "aos indios se aggregou logo grande numero de europeus aos quaes aquelles denominavam Emboabas, por trazerem as pernas cobertas á semelhança de certas aves".

Seria interessante descobrir-se a fonte das informações que nos ministra o sabio e paciente corographo. Nos archivos de São Paulo nada temos encontrado a respeito, sendo que nas proprias actas da Camara da Cidade, onde apparece o acto de nomeação de Amador Bueno da Veiga para cabo

maior dos paulistas que deveriam combater os *Emboabas* não se encontra este termo mas sim *Forasteiros*.

Azevedo Pizarro, em sua "Memoria Historica do Rio de Janeiro", de publicação iniciada em 1820, diz o seguinte, saturando de literatura o que escreveu Casal: — "*Embuabas* ou *Buabas*, chamavam os Paulistas ás gallinhas ou quaesquer outras aves, que tinham as pernas cobertas de plumas, e se dizem calçadas. Dahi se derivou darem elles o mesmo nome aos europeus e aos forasteiros ou a quaesquer outros nascidos fóra do seu paiz, os quaes em todo o tempo e serviço usavam de botas ou polainas, com que cobriam as pernas andando os mesmos paulistas sempre despidos d'essa coberta".

Entretanto, devemos ponderar que as gallinhas de Ayres do Casal e de Pizarro, de pernas cobertas de plumas, caracteristica de nobreza de raça, ainda não eram conhecidas dos brasileiros no tempo da guerra dos *Emboadas*, que os portuguezes só nos trouxeram animaes de raça infima: quanto a aves indigenas calçadas, si existiram ou existem seriam ou serão realmente *avis rara*, pois dellas ainda não tivemos noticia certa. Mais gratuita e menos subsistente é, ainda, a affirmativa do chronista, de andarem os paulistas "despidos" de sapatos.

É verdade que, em nheengatú, existem termos de pronuncia muito approximada a — *Emboaba* —

a que, por corruptela, poderiam a elle ser identificados: entretanto, nenhum exprime idéia capaz de reproduzir, de leve siquer, o sentimento de repulsa e odio que muito justamente votavam os paulistas aos reinóes.

Em tupi encontramos as seguintes expressões que lembram, pela consonancia, a termo — *Emboaba* —: *Amboá*, insecto de muitas pernas (centopeia); *Emboá-se*, partejar e tambem provocar aborto; *Emboi*, rachar, despedaçar, partir, repartir.

Tudo que temos lido e pesquizado sobre o termo — *Emboaba* — nos leva a acreditar que o seu emprego figurado de epitheto injurioso ou depreciativo, teve inicio na guerra de 1708, sem que conheçamos argumento que se contraponha decisivamente á definição por nós formulada e já enunciada: — *Emboaba* —, adaptação paulista do termo cabinda *Emboá*, em angolez *Camboá*, cuja traducção portugueza é — *Cão*.

GUA

GUAYANÁ. S. m. Corruptela de *Guananá*, especie de marrecão, ainda hoje habitante dos rios paulistas, muito abundante nas margens do Tietê, nos tempos anteriores ao povoamento de São Paulo pelos europeus, rio que, pelo seu volume e por sua piscosidade era o celleiro vivo e perennemente for-

nido dos aborigenes habitantes da sua bacia. Aos indigenas piratininguaras foi applicada a denominação — *Guayanás* — pela circumstancia de haverem fixado suas *tabas* nas margens daquelle rio, junto á linha de suas inundações periodicas, tornando-se ribeirinhos, á semelhança dos marrecões, chamados — *Guananás* — em nheengatú: é assim que encontramos a aldeia de *Inhapuambuçú*, da qual era chefe Tibiriçá, na eminencia do terreno, hoje desapparecida, que occupava o espaço entre as actuaes ruas dr. João Theodoro e São Caetano e mais o local do Seminario Episcopal; a de *Butantan*, no local que ainda hoje conserva esse nome; a de *Piquiry*, no Braz, na altura do actual Instituto Disciplinar.

O rio Tietê era limite do dominio *Guayaná*: para além ficavam os *Tupinaes, Tamoios* e *Murumimis.*

O *tejupar* onde os jesuitas pernoitaram antes de chegarem ao local da fundação do Collegio de São Paulo do Campo, a 25 de Janeiro de 1554, parece ter sido, fóra de duvida, situado na aldeia de *Inhapuambuçú.*

Não se conhece a primitiva denominação do local em que os jesuitas fundaram o Collegio: pelos europeus era elle conhecido por Campos de Piratininga e, de facto, toda a eminencia do terreno a

cavalleiro de Piratininga era composta de campos pontuados de pequenos capões. Era um conglomerado de morros muito improprio para a construcção de um povoado mas, que se prestava para receber uma casa forte, tal como pretendiam construir os cathechistas. A paciencia e o labor dos paulistas conseguiram aplainar as sinuosidades do solo, na ladeira, suave tanto quanto possivel, que vae da Ponte Grande, no Tietê, com a altitude de 720 metros, á Villa Mariana, na de 815.

I

I. Pequeno. Com essa accepção vernaculizou-se em numerosos vocabulos, ora na graphia representativa da pronuncia originaria, como em Tatuhi, tatú pequeno, que se não deve confundir com Tatuhy, rio do tatú; ora em *mirim*, como em Mogy-*mirim*, Mogy-pequeno.

No Brasil septentrional se diz e se grapha mais commumente *mery*.

Tambem é grande o emprego da voz *i* no valor de *pequeno* e ainda no de outras accepções, na formação do vocabulario nheengatú vernaculizado sendo, entretanto, frequente e erroneamente substituida pela vogal *y*, a qual rectamente só póde ser designativa da idéia — agua. É assim que, a cada passo, se encontram graphadas coisas como es-

tas: ytyrapina, ityrapina, por itirapina; ybyturuna por ibituruna, etc. É verdade que se costuma contrabalançar taes extravagancias com outras tantas do mesmo jaez escrevendo-se Imirim por Ymirim, Ipiranga por Ypiranga, etc. conseguindo-se, com isso, augmentar as erronias ■ ■ balburdia da linguistica nheengatú.

ICÔI

ICÔI. Adj. De *i*, contracção de *piciaua*, pegado, e *mocôi*, dois; dois pegados, gemeos pegados, ligados materialmente entre si. *Icôi* vernaculizou-se em

INCONHO, inconha, significando, não precisamente gemeos, como geralmente é definido, porém, pessoas ou cousas não só geradas e nascidas aos pares mas, intima e materialmente ligadas entre si. *Inconho* corresponde rigorosamente ao neologismo — xiphopago — que ■ pobresa do vernaculo o obrigou a pedir ao grego para significar ideia que ■ nheengatú tão clara e explicitamente já registrara em *icôi*. Os filhos gemeos do aborigene, só por esse facto, não eram considerados *inconhos* (icôi), assim como, tambem, não ■ eram as crias dos irracionaes nascidos aos pares, de conformidade com a natureza de cada especie, uma

vez que, uns e outros, não apresentassem o phenomeno que tanto celebrisou os irmãos siamezes.

Grande variedade de fructos, e della lembraremos as cerejas do café chato, apresenta, invariavelmente, duas sementes, juxtapostas, sem que por tal particularidade sejam consideradas *inconhas.*

Ás fructas, entretanto, que apresentam o phenomeno da xiphopagia chamamos, com toda a propriedade, *inconhas*, sendo corrente, nesse caso, o emprego do vocabulo em São Paulo. Vulgarissimos são os casos repetidos de xiphopagia nas fructas do genero *musa.*

O paulista, da cidade, já vernaculizou o termo originario em *inconho:* o da roça, porém, ainda o emprega em sua pureza nheengatú, — *icôi.*

MBÁÉ

MBÁÉ. S. f. Cousa. Palavra de largo emprego no idioma nheengatú, como em *Mbáé-aiua-iba, Mbaiá*, etc. Na effervescencia da lucta entre o Paraguay e o Brasil, os paraguayos chamavam — *Mbaiá* — aos brasileiros, isto é, cousa ruim, cousa que de homem, de gente, só tem a figura; de *Mbá*, cousa, *aiua*, ruim, e *á* (*abá*) homem, gente. *Mbaiá* é a designação de um povo aborigene do Paraguay, aborrecido e odiado dos demais povos aborigenes, *á excepção do Payaguá, com o qual apre-*

senta pontos de contacto, quer nos costumes e gráu de civilização, quer na modalidade do genero de aventuras guerreiras. Foram os *Mbaiás*, alliados aos Payaguás, que deram combate á *bandeira* de Juan de Aryoles, no qual este perdeu a vida.

Mbáé, entra na composição do seguinte etymo nheengatú, definitivamente incorporado, pela vernaculização, ao portuguez falado em São Paulo e no Brasil.

EMBAÚBA. S. f. De *Mbáé*, cousa; *aiua*, ruim, cousa que não é o que apparenta ser, e *iba*, arvore: *Mbáé-aiua-iba*, contrahida em *Mba-u-ba* e vernaculizada em *Embaúba*: cousa que parece arvore mas não é; allusivo a ser a *Embaúba* fragil, de tecidos ligneos e desprovida de corne, apresentando um ôco em vez de amago lenhoso: arvore sem prestimo, sem utilidade, que realmente o era a *Embaúba* para o aborigene.

Pela graphia corrente e já demasiadamente arraigada para soffrer modificações, devia-se pronunciar *Embáuba*, fuzionando-se as vozes *a* e *u* em diphthongo o que, entretanto, não acontece, pois o caboclo, obediente ás leis da glottologia nheengatú, articúla *Embahuba*, separando instinctivamente o termo *Mba* (a) do consequente *aiua* (u), cujas vozes *a* e *u* jamais poderiam, razoavelmente, ser enunciadas de uma só emissão de voz, pela

circumstancia, já esclarecida, de pertencerem a vocabulos distinctos.

MBÁU

BABÁU! Interjeição. Foi-se, acabou, já não existe. Flexão verbal, vernaculizada, do nheengatú *Mbáu*, acabar. Candido de Figueiredo registra o termo opinando por sua origem no Quimbundo. *Babáu* é expressão corrente no falar paulista, sem ser, comtudo, regionalismo, pois seu emprego se extende desde o extremo sul ao extremo norte do Brasil, invariavelmente na mesma accepção usada entre nós.

MBOI

MBOI. S. f. Cobra, denominação nheengatú generica do reptil ophidio. Vernaculizou-se na componencia de numerosos vocabulos, alterando-se na incorporação, ora pela quéda da consoante *M*, quer no inicio, quer no corpo do etymo, ora pela anteposição das vogaes e, *i* ou *u*, ora pela permuta do *i* final por *u*.

Casos da quéda do elemento *M*, inicial, nos vocabulos vernaculizados:

BOAMIRIM, de *Mboi*, cobra, *mirim*, pequena. Nome de um bairro situado no municipio de Itapecerica.

BOICININGA, de *Mboi*, cobra, e *cininga*, soante, chocalhante; cobra de cascavel, como vulgarmente é conhecida.

BOICUARA, de *Mboi*, cobra e *cuara*, buraco; buraco de cobra.

BOITUVA, de *Mboi*, cobra, e *tuba*, (com permuta da consoante nheengatú *b* pela vernacula *v*), logar, ninho, geratriz, logar de abundancia de cobra.

João Mendes de Almeida, entretanto, não é desse parecer: para o illustre autor do "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo", *Boituva* é corruptela de *Mboi-tu-ba*, cortado a golpes. De *Mboi*, cortar, despegar, apartar, despedaçar: *tu-bo*, verbal derivado de *tú*, golpear, golpe, com o sufixo *bo* (breve) para formar supino".

BOITÁTÁ, s. f., de *Mboi*, *cobra*, e *tátá*. *fogo*; cobra, lingua de fogo: fogo fatuo. Dizem que no valle do Pilcomaio existe, com aquelle nome, pequeno ophidio cuja picada inocula violentissimo veneno. No Brasil, felizmente, só é conhecida a *Boitátá*, fogo fátuo.

BOIPEVA, de *Mboi*, cobra, e *peba*, (substituido, na vernaculização, o *b* por *v*), chata; cobra chata.

Caso da quéda do elemento m no corpo do etymo

GIBOIA. S. f. Ophidio amphibio, de *y*, agua; *ibi*, terra; *mboi*, cobra: *y-ibi-boia*, contrahido em *giboia* pela permuta do *y* em *g*, pela reducção de *ibi*, em *i* e pela quéda do *m* inicial do etymo *mboi* (igual a *mboia*), cobra da agua e da terra, cobra amphibia.

É geral e divulgada a definição de — cobra martello — como traducção de *Gy*, martello, e *mboi*, cobra: não conheço a accepção — martello — em nheengatú; da bocca do aborigene jamais ouvi expressa tal idéia. Diz-se que a denominação — martello — foi applicada pelo aborigene á *giboia*, pelá semelhança do bote do animal, ao prear a victima, com o golpe do martello, proposição inadmissivel pela razão simples e convincente de não ser o martello instrumento conhecido do selva-

gem e, portanto, não saber este que geito teria a tal "golpe de martello".

Giboia é denominação generica tendo, porém, o aborigene significação peculiar para cada especie constrictora: ao typo mais desenvolvido, que chega a attingir dez metros de comprimento chamava e, com elle, tambem nós chamamos — sucuri. Ao typo menor, da — Boa constringente — chamamos vulgarmente — *Giboia* — particularisando a denominação generica.

Casos de anteposição inicial da vogal e a substituição do i final por ú

EMBÚ. S. f. De *Mboy*, contracção de *Mboiy*; *Mboi*, cobra e *y* agua, rio; cobra d'agua. Modernamente grapha-se *M'boy*, fórma estrambotica que obriga a pronuncia a vacillar entre — *Meboi* — e — *Emeboi* — com grande espanto do caboclo embuense o qual, invariavelmente, pronuncia — *Embú* — fórma definitiva de vernaculização da phonetica primitiva aborigene — *Emboiy* — que soava — *Embuu* — aos ouvidos europeus.

Existiam, nos primeiros tempos coloniaes, duas paragens em São Paulo com a denominação — *Mboiy* — uma no valle do Parahyba, outra no do Tietê, ambas attendendo á denominação commum citada, até o uso vernaculizar em *Embahu* a do valle do Parahyba, que é hoje o municipio daquelle nome; e em *Embú* a que hoje a ignorancia

citadina procura chrismar, substituindo-a pelo barbarissimo *Meboi* ou *Emeboi*, com adopção da fórma extravagante *M'boy*.

Não foi sem alguma razão que os escribas do seculo XVIII grapharam invariavelmente — *Henbou* — em reproducção quasi fiél á pronuncia — *Embú*.

Depois, a graphia uniforme passou a representar-se por *Mboy*, de inteira conformidade com a indole tupi-guarani que, aos grupos *mb*, *nd*, faz preceder, na pronuncia, o som vogal — *e* — quasi mudo e levemente nasalado, e ao *y*, agua, um som entre *i* e *u*, que o proprio caboclo, na impossibilidade de reproduzir exactamente, ora emittia em *u*, ora em *y*.

Observe-se neste ultimo caso o exemplo muito nosso e altamente elucidativo da denominação do rio *Anhangabahú*, que por muito tempo oscillou entre essa fórma e a de *Anhangabahy*, afinal fixando-se definitivamente na primeira, e a do *Tamanduatehy* que prevaleceu desde o principio.

Quanto ao primeiro caso, basta lembrar que os paraguayos ainda hoje escrevem — *Mbaiá* — e pronunciam — *Embaiá* — e que numerosos são os exemplos no portuguez falado em São Paulo com igual graphia e identica pronuncia. *Mbiara*, *Mbiacica*, *Mboaçaba*, e muitissimos outros termos,

foram vernaculizados prefixando-se os termos nheengatús com a vogal *e*, de inteira conformidade com a pronunciação aborigene: *Embiara, Embiacica, Emboaçava*, etc. Si assim aconteceu com todos esses termos, sem descabido embargo dos letrados e sabidos, porque se ha de pretender a vernaculização do termo — *Mboy* — creando a fórma exdruxula e inassimilavel — *M'boy* — contrariando as proprias leis do vernaculo e a indole do caboclo que, afinal, é o unico competente para ditar leis sobre tal assumpto, obrigando-o a abandonar o seu singelo mas correctissimo — *Embú* — pelo extranho *Meboi* ou pelo absurdo *Emeboi* que, de resto, nada significam.

Embú, pronúncia que nos foi transmittida pelo caboclo, é a unica e possivel adaptação do termo tupi-guarani *Mboiy*, ao vernaculo.

Não culpemos, entretanto, o escrivão colonial de não nos haver transmittido, com a sua graphia — *Henbou* —, a confirmação plena e rigorosa da pronúncia popular exacta do vocabulo; é que aos ouvidos civilizados, o rude linguajar tupi-guarani nem sempre repercutiria em sons nitidamente distinctos; dahi sua difficil apprehensão, difficuldade que avultaria grandemente no caso do etymo *Mboiy*, pela existencia multipla de palavras de

quasi a mesma graphia sendo, porém, de accepção inteiramente diversa.

Os letrados de officio dos seculos XVI a ... XVIII, época em que o idioma nheengatú era corrente em Piratininga, frequentemente escutariam, gutturados pelo elemento aborigene, sons que a outiva mal educada á phonetica selvagem assimilaria como representativos d'uma unica ideia, quando a verdade é que, mercê a acurada subtileza de pronuncia permittida sómente ao orgam vocal e á privilegiada percepção auditiva do autóchtone, representavam ideias as mais diversas e heterogeneas.

O termo — *Embú* — corrobora precisamente nossa affirmação.

O tupi-guarani chámava á cobra *Mboi*, vocabulo hoje parcialmente alterado em *boi*, na vernaculização de diversos termos, taes como *boicininga*, *boipeva*, *boitátá* e outros: á cobra d'agua chamava *Mboiy*, palavra que, em relação á aldeia de padre Belchior de Pontes, aportuguezou-se em *Embú*, pela contracção em *Mboy*, soando *u*, a ultima particula, pela impossibilidade que ao civilizado se depara em reproduzir o som designativo da ideia agua, intermedio de *u* e *i*; mas, si *Mboiy* significava cobra d'agua, já *Mboii* correspondia a estropiar, aleijar, e *Mboi-i* a cobra pequena, ao passo que *Mboi* encerrava apenas a ideia de des-

pedaçar. *Mbohu* traduzia-se em visitar, *Mbou* em vomitar. *Mbói* em deformar, deformado, e *Mboú* em enviar...

Inteiramente justificado é terem os escreventes dos tempos coloniaes graphado, — cobra d'agua (Embú), por vomitar (Hembou, igual a *Mbou*) ■ tambem por visitar (Embahu igual a Embohu).

Relativamente extensa é a relação das palavras iniciadas pelo grupo consoante *Mb*, que se approximam, pela graphia e phonetica, ao esguelhado *M'boy* tão pittorescamente virgulado pelo apóstropho a provocar intercalação vogal, violenta por indebita, com arremedos de apócope, synalepha ou syncopa...

Donde haverá surgido o exdruxulo signal orthographico a fixar-se exoticamente na termologia nheengatú, *uma vez que não é,* e positivamente não o é, de origem tupica?

Será do vernaculo? Neste, o apóstropho só tem emprego na graphia portugueza para supprimir vogal no fim e tambem no meio da palavra, ou para unificar duas ou mais syllabas, figuras de estylo que se conhecem, respectivamente, por apócope, synalepha e syncopa. Mas a virgula alteada do *M'boy* não só supprime e nem promove a reunião de cousa alguma como, forjando extranha e

curiosa regra grammatical, separa consoantes, abrindo parasitariamente espaço á vogal *e* ou *a* e, quem sabe lá, a qualquer outra talvez.

Embú é a vernaculização unica admissivel, da tradicional denominação da aldeia fundada por padre Belchior de Pontes.

EMBOICÍ. S. m. De *Mboi*, cobra e *cí*, mãe; mãe de cobra, denominação applicada pelo tupi-guarani ao insecto, *mante religiosa*, da ordem dos orthopteros, genero dos cursores, pela circumstancia curiosissima de ser encontrado, ordinariamente, no ventre do insecto uma parasita de fórma capillar, não raro attingindo a metros de comprimento e que, solta n'agua, movimenta-se com *todas as ondulações da cobra*. *Emboicí* é um animalsinho elegante em seus movimentos, que as creanças se comprazem em irritar para vel-o tomar posição de defeza, elevando as duas patas dianteiras e juntando-as á altura da cabeça, como em attitude de imploração, vindo-lhe dahi a denominação vulgar de — Louva a Deus.

É de côr verde-claro, habita as hortas e as mattas de São Paulo, assim como as de todo o Brasil, extendendo-se até nos territorios argentino e paraguayo. Apezar do seu aspecto todo innocente e piedoso, é inimigo dos demais insectos, principalmente da cigarra, que mata e devóra.

MBORÓ

PROMOMBÓ. É termo tupi-guarani e, segundo Edmundo Krug, constitue-se de *Pró* ou *Mboró*, significando espontaneo, ligeiro, e *mombó*, que quer dizer pulo, salto.

Systema de pesca que o paulista aprendeu dos primitivos selvicolas e ainda muito empregado nos grandes rios de São Paulo.

O *Promombó* é pescaria de canôa e consiste na sahida desta, tripulada por dois ou tres pescadores, deslisando silenciosamente a favor da correnteza. Um dos pescadores toma a direcção da embarcação, conservando-a affastada da margem apenas quatro metros e utilisando-se do romo quando isso se torne absolutamente necessario: outro tripulante senta-se sobre uma taboa solta, porém, collocada de bordo a bordo no centro da canôa. Repentinamente esse pescador ergue-se para se deixar cahir por duas ou tres vezes violentamente sobre a taboa, provocando com esses golpes movimentos bruscos da canôa e agitação das aguas em redor. Os peixes que acompanham ou nadam confiantes em redor da silenciosa embarcação, assustados com o rumor e movimentos desta e das aguas saltam vindo muitos delles cahir dentro da canôa, onde são apanhados pelos pescadores. Este

systema de pesca é executado principalmente á noite.

MACACA

MACACA. Nome generico das diversas familias dos quadrumanos do Brasil. Vernaculizou-se em

MACACO. S. m. Incorporando-se ao portuguez falado no Brasil, o nheengatú *Macaca* produziu o vocabulo *Macaco* e seus derivados *Macacada, Macaquice, Macacôa, Macaquear, Macaqueação*, e tambem contribuiu para a formação dos ditados populares — "Macaco velho não mette mão em combuca", — "Cada macaco no seu galho", — "Macaco que muito mexe quer chumbo..."

"Macaco velho não mette mão em combuca" é anexim ou sentença popular traduzida do nheengatú: — *Macaca tuiué inti hu mundéo i pú cuimbisca o pé.*

A respeito desta sentença, conta a tradição autóchtone, repetida por mais de um escriptor indigenista que, na Tupiretama, tambem chamada Pindorama e hoje Brasil, terra que é das "palmeiras onde canta a sabiá", no tempo em que os animaes falavam, inexperto macaquinho, descobrindo certa vez uma combuca de sapucaia, introdu-

ziu-lhe a mãosinha, pretendendo retiral-a cheia dos fructos que lá se achavam.

Como seria de prever a uma intelligencia mais aguda que a do bisonho animalsinho, a mão ficou presa na combuca e o macaquinho, assustado, nervoso, que os macacos tambem têm nervos, disparou aos pulos pela floresta arrastando a sapucaia e gritando desesperadoramente: *Ai! Ai! Ai! Cuimbisca hu pscá se pú! Ai! Ai! Ai! Cuimbisca hu pscá se pú!* (Ai! Ai! Ai! Combuca pegou minha mão).

A macacada, alvorotada, rodeia o macaquinho, Benjamim da tribu, estabelece conselho e acaba por chamar o macaco velho, o pae de todos.

Vem o macaco velho, examina o caso, toma de uma pedra e em repetidos golpes arrebenta a combuca libertando a mão do mico travesso.

Este, vendo-se livre, recomposto do susto, e já de nervos aplacados, volta-se para o macacão e pergunta:

Macaca tamuia taá inti ana cuimbisca hu pscá ana i pú? (Vôvô, combuca já pegou sua mão?).

Macaca tuiué inti hu mundéo i pú cuimbisca a pé (Macaco velho não mette mão em combuca), responde o macacão.

MAUÁ

MANGUARY. Corruptela de *Mauáry*, pernalta da familia das cegonhas, encontrada em todo o territorio brasileiro; é ribeirinha e alimenta-se especialmente de peixes.

Manguary, chamam-se, em São Paulo, no sentido figurado, ás pessôas muito altas e magras.

Sobre o presente etymo escreveu Braz da Costa Rubim, em 1882, em seus "Vocabulos indigenas", o seguinte: — "*Maguari.* Do guarani *mbaguari.* Especie de cegonha, face núa, bico volumoso e curto, pennas do papo em tufo, plumagem branca, azas e cauda pretas, olhos verdes. Figuradamente se diz do homem magro de pernas finas, que é um maguari".

NHEEN

TENHÊNHÊN. S. Falador inconsequente. Individuo que não cessa de falar e que só diz cousas sem nexo, por idiotismo, palrador mentiroso, falador á toa. Vernaculização do tupi-guarani — *nheen nheen* — cuja traducção literal é — *fala falando.*

TENHÊNHÊN NO MASQUE. Phrase ouvida frequentemente da bocca do povo paulista, constituida de *Tenhênhên,* falador inconsequente, e

no masque, corruptela de *não mais*: *não mais*, empregado na phrase — *Tenhênhên no masque* — é, por seu turno, corruptela do argentinismo *no mas*, trazido pelos naturaes das republicas do Prata até ás portas da capital de São Paulo, no tempo das famosas feiras internacionaes de bestas que se realisavam em Sorocaba.

No mas radicou-se em Sorocaba, onde, ainda hoje, se ouvem expressões como estas: — "Entre *no mas*", — "Ensilhe o matungo *no mas*", evidentemente por — "Entre sem mais cerimonia", — "Ensilhe o matungo *não mais*".

Na comedia em dois actos — "Na feira de Sorocaba", — original de Francisco Luiz de Abreu Medeiros, representada pela primeira vez no Theatro São Raphael, em Sorocaba, a 27 de Janeiro de 1862, occorre a expressão *no masque*, como se verifica no seguinte dialogo:

Aurelio (cometa): — "Uma boa tropa, Sr. Coelho, a melhor que appareceu na feira este anno".

Geraldo (tropeiro): — "Justamente, patrão! É mesmo boa fazenda. Aqui o amigo Aurelio ainda não viu, mais porem elle é moço activo, e sabe que é mulada alta, mulada cavacúda, parelhita *no*

> *masque!* Apezar de estar ahi nesse campinho realengo, tudo cheio de macéga ruim, a mulada se tem conservado num theor só, manteúda sempre, que é um gosto."

Entretanto, o castelhano das margens do Prata — *no mas*, — fixando-se em terras paulistas, proliferou produzindo o — *no masque* — e creou fóros de cidade, traduzindo-se em *não mais,* como se verifica da inscripção por nós encontrada na sepultura do padre Diogo Antonio Feijó, por occasião do descobrimento dos seus despojos, a 20 de Junho de 1918, no jazigo da Ordem Terceira de São Francisco, em São Paulo:

> "Longo foi o caminho! A viagem triste!
> *Não mais!...* No asylo extremo aqui vos chama o descanço final!
> Benção da Patria, gratidão de amigos
> Desção comtigo ao tumulo".

Tenhênhên no masque pois corresponde a *Tenhênhên, não mais,* isto é, — "Falador inconsequente, não mais". "Fulano é um falador inconsequente, não mais", "Beltrano adulterando a verdade em tudo que escreve, transforma-se voluntariamente em *Tenhênhên no masque*".

PARÁ

PARÁ. S. f. em nheengatú: de *y*, agua; *pa* contracção de *ampá* ou *ambá*, parada, immovel, e *rã* (que a vernaculização converteu em *rá*) semelhante: semelhante a agua parada, á lagoa. *Pará*, s. m., mar, oceano, em o vernaculo.

A denominação — *Pará* — (*y-pa-rá*), applicada ao mar, demonstra o alto gráu de perceptibilidade e o elevado criterio de que era dotado o nosso aborigene. De facto, o mar verdadeiramente outra cousa não é sinão formidavel massa liquida a que falta o movimento das correntes dos demais volumes d'agua, semelhante, pela ausencia dessa caracteristica, a uma lagoa, embora de tamanho immensuravel, pelas crispações e ondulação de suas aguas.

E que o nosso aborigene possuia a mais perfeita ideia do systema hydrographico geral, demonstra-o a nomenclatura applicada por elle ás diversas especies de volumes d'agua que banham o territorio nacional: de pleno conhecimento de que o mar era o grande receptaculo de todas as aguas correntes, fixou tal conhecimento chamando *Parahyba*, *Paranahyba*, etc. (geratriz do mar) aos affluentes directos da immensa porção d'agua que denominou — *Pará* — (mar). (Vide titulos *Pará*

e *Anhan* e etymos de componencia do vocabulo *Pará*).

A expressão nheengatú — *Ypará* — vernaculizou-se em *Pará* e tambem em *Bará* e *Mará*.

BARAÚNA. S. m. Mar negro, De *Bará*, por *Pará*, mar, e *una*, preto, negro: Mar negro. *Baraúna* é termo corrente em o vernaculo, servindo principalmente de appellido de familia.

MARANHÃO. S. m. Vide titulo *Anhan*, etymo *Maranhão*.

PARANAHYBA. S. m. Vide titulo *Anhan*, etymo *Paranahyba*.

PARANÁ. S. m. Vide titulo *Anhan*, etymo *Paraná*.

PARAHYBA. S. m. Pae do mar, geratriz do mar. De *Pará*, mar; *y*, agua, rio; *tuba* ou *tiba*, pae, geratriz, fonte, nascedouro, cabeceira; *Pará-y-tiba* vernaculizado em *Pará-y-ba;* nascedouro, cabeceira, geratriz do mar. Allusivo á circumstancia de ser affluente directo do mar, na qualidade de uma de suas cabeceiras ou nascentes. Aqui ha notar a peculiaridade de todos os grandes caudaes que se precipitam no oceano haverem sido chamados — *Parahyba* — (*Pará-y-tiba*) ou *Paranahyba* (*Pará-anhan-y-tiba*) etc. pelo aborigene. Os raros cursos d'agua volumosos, affluentes do mar,

que fogem áquella denominação, foram chrismados *post* descobrimento pelos luzos dominadores ou pelo elemento mameluco.

O exemplo do caudaloso Ribeira de Iguape illustra nossa affirmativa: tributario directo do mar, é bem uma das suas cabeceiras em São Paulo, como o entendiam os aborigenes: o nome originario do Ribeira não poderia ter sido outro sinão *Pará* porque, embora modernamente portador de nome luzo, de facto, elle é uma das geratrizes, uma das nascentes do mar.

A generalidade dos tupinistas traduzem *Parahyba*, de *Pará-ahyba; Pará*, na accepção de agua, rio, e *ahyba*, com o significado de ruim, forçando sua procedencia em *aiba*. Mas, nem *Pará* significa simplesmente agua ou rio, e nem o sufixo de *Parahyba* é *aiba*, porém a resultante da agglutinação das expressões *y*, agua, e *tuba*, ou *tiba*, páe, geratriz pertencendo a vogal *a* anteposta ao vocabulo *iba*, á palavra *Pará*, e não a elle.

Dizem os tupinistas partidarios da definição até hoje corrente, que o rio é *ruim* pela turbidez de suas aguas (e turvas realmente são ellas), e por se tratar dum curso d'agua imprestavel á navegação pelos escolhos que offerece o seu alveo, razão esta ultima que nos parece improcedente pois, dos grandes rios paulistas, o nosso *Parahyba* é o que menores obstaculos offerece áquelle fim, bastando considerar já ter sido navegado regularmen-

te desde as proximidades da freguezia da Escada até junto á Cachoeira, no municipio que tomou o nome desse accidente do caudal. O serviço de transporte fluvial no *Parahyba* só desappareceu anniquilado pela concurrencia victoriosa da Estrada de Ferro São Paulo a Rio de Janeiro, hoje ramal paulista da Central do Brasil, inaugurada a 7 de Julho de 1877.

Si, realmente, *Parahyba* correspondesse ás expressões — rio ruim, rio que offerece obstaculos á navegação, outro nome não teria merecido o nosso Tietê, rio por excellencia das *cachoeiras*, das *parnahibas*, das *emboaçavas*.

Entretanto, ha quem affirme significar *Parahyba* — rio de aguas claras —: "*Parahyba*, diz Milliet de Saint-Adolphe, é derivado de duas palavras indias, *pará*, rio, e *hyba*, agua clara"...

O "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo" define *Parahyba*, rio "excessivamente escabroso", de *Porô-aîba*, contrahido em *Por'-aîb-a*.

"De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aîb*, máu, com o accrescimo de *a* (*breve*), por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos".

PÁŨ

PÁŨ s. f. (*Páũ* ou *Páun*, fórmas que se equivalem). Determinada área de terreno ou espaço,

de configuração ou aspecto diverso do aspecto ou configuração do terreno ou espaço que o rodeia: é o que, em portuguez, chamamos —*ilha* —, com a differença de que, no vernaculo, tal ideia é de significação exclusiva de uma porção de terra emergida d'entre as aguas, exigindo enunciações complementares, para outras interpretações, ao passo que o nheengatú, apresentando-se como simples particula de uma composição agglutinada, emitte por um só vocabulo a enunciação que o portuguez originario consegue sómente atravez de uma série de palavras. Não se confunda, entretanto, *Páũ* com *Poá* (Vide esse ultimo titulo).

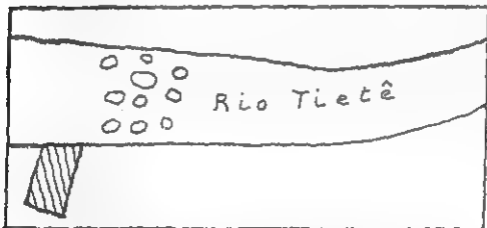
PÁŨ entra na composição de diversos vocabulos nheengatús vernaculizados, taes como *Capão. Ypauçú, Parnahiba, etc.*

CAPÃO. S. m. Ilha de matto, de *Cáá*, matto, e *paũ*, ilha; ilha de matto, isto é, uma porção de *matto, isolada, rodeada, ilhada* no meio do campo.

YPAUÇÚ. S. f. Ilha grande fluvial, de *Y*, agua, rio; *Páũ* ilha; *uçú*, grande.

PARNAHIBA. De *Páũ* (*ũ* aspirado, que na vernaculização é permutado em *un*), ilha; *eii*, muitos, e *ba*, contrahido de *tiba*, consignando a ideia de logar: *Páunaiiba*, vernaculizado em —*Parnahiba* —: logar de muitas ilhas. A denominação refere-se ao agglomerado de pequenas ilhas exis-

tentes no rio Tietê, a montante e quasi junto á villa da Parnahiba, a qual adoptou o nome do microscopico archipelago.

Illustrando a definição damos o trecho do rio em que emerge o grupo de ilhotas, a —*parnahiba* —, e tambem a situação da villa que lhe tomou o nome. O trabalho de levantamento desse trecho do rio Tietê foi levado a effeito pela Commissão de Saneamento de São Paulo, em 1896.

A *parnahiba* (lugar de muitas ilhas), proxima á villa do mesmo nome.

João Mendes de Almeida, traçando o titulo — Parnahyba — do seu "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo", consigna o seguinte:

"Parnahyba" é corruptela de *Paũ-n-eii-bo*, "logar de muitas ilhas". De *Páũ*, "ilha", *n*, por ser nasal a palavra anterior, *eii*, "muitos", *bo* (breve), para exprimir logar. Allusivo a uma cachoei-

ra, extensa e estrondosa, acima da villa, no rio Tietê, semeada de ilhotas cobertas de mattas.

É mesmo visinha da villa essa cachoeira. Entre as ilhotas ha varios canaes, e alguns de difficil pratica. Como que para moderar a impetuosidade das aguas, a natureza collocou mais abaixo da cachoeira uma pedra chata, ou ilha granitica, de certa extensão e largura, conhecida por *Itapéva* ou *ita-pé-bae*. De encontro a essa pedra ou ilha granitica, as aguas, que descem em catadupas, quebram-se espumantes. Tal é a origem do nome corrupto Parnahyba".

Nós, até este momento viémos discordando das definições fixadas por João Mendes de Almeida: é pois com a maior satisfacção que registramos a nossa uniformidade de vista sobre a interpretação do vocabulo — *Parnahiba* —, circumstancia probatoria da isenção de animo do autor na citação dos tupinistas que o precederam na ordem dos estudos que óra lhe prende a attenção.

PUÃ

PUÃ. Igual a *Puan*. Adjectivo. Redondo. A fórma originaria — *Puã* — vernaculizou-se ora em — *Puan* —, como em Camapuan, ora em — *Poan* —, como em *Yrapoan* —, ora adulterando-se como em — *Poá* —. Contribuiu para a formação das seguintes palavras integradas ao vernaculo:

CAMAPUAN. S. m. De *Cama*, morro, elevação de terra; *puan*, redondo: morro redondo.

POÁ. S. m. Redondo. Nome de uma conhecida povoação do municipio da capital servida pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

APOÁ. S. m. Redondo. De *A*, expletivo, e *poá*, redondo; *corruptela do termo originario Ypoá*. Nome primitivo de um bairro da capital, hoje conhecido por *Agua Redonda*, tradução literal de *Y-poá*: *Y*, agua; *poá*, redondo.

PIRÁ

PIRACEMA. De *Pirá*, peixe e *acem*, sahir, segundo Henrique Silva ("A Informação Goyana", de Junho de 1925): isto é, "subida (pelo rio) de peixes em numerosissimos cardumes, geralmente de uma só especie. Tambem dão o nome de *Piracema* á arribação de peixes, de todas as qualidades, com as primeiras enchentes ou *repiquetes* chamados".

Informa ainda o mesmo autor — "Muitos peixes das especies chamadas de couro, apezar das vasantes dos rios, no começo da quadra estival, se deixam ficar — e, então, sobrevindo a secca, morrem encalhados, como as baleias nas praias razas. Neste caso estão as Piratingas, que sobem muito, em busca das cabeceiras dos rios, depois não saem

ou não podem descer na época propria, ficando de *pari*, como dizem os pescadores, á entrada dos grandes póços".

Quando os peixes sóbem os rios que habitam, em cujos remansos fazem as desóvas, na época do inicio do verão ou estação das chuvas, e a abundancia delles é extraordinaria, ouve-se á distancia, principalmente á *noite*, o seu *rumor* produzido debaixo d'agua.

PINDAMONHANGABA. Pensamos tratar-se de uma corruptela. O indigena diria *Piramonhangaba*, de *Pirá*, peixe, e *monhangaba*, para designar a acção de pescar, isto é, *Piramonhangaba*, pescaria. O caboclo sabendo que *Pinda* é anzól, teria convertido o termo em *Pindamonhangaba*, que os investigadores glottologicos traduzem de varias fórmas.

QUATÁ

QUATÁ ou *Cuatá*. Especie de macaco negro, tendo a pelle da cara côr de rosa e sem pellos (o "Ateles paniscus"), de movimentos relativamente tardos, e que, ao caminhar, imprime á cauda ondulação á maneira de arpéo. Habita quasi todo o territorio brasileiro, sendo bastante conhecido em São Paulo. O seu nome é onomatopaico das vozes do animal — *Qua-taá*.

Rastejando a origem do nome deste interessante animal escreveu o notavel naturalista Ale-

xandre Rodrigues Ferreira: — "Não deixarei de escrever o que os indios fabulizam a respeito desto macaco! Dizem elles que tendo um desafio com o gavião real, este lhe disse: — Com que me pretendes matar? Por ventura parece-te que com ■ teu rabo me vencerás? Então ■ *Quatá*, mostrandolhe as mãos disse: *Qua tahá!* e que, vendo o gavião o seu desembaraço, lhe protestou que d'alli em diante seriam muito amigos".

Quatá se chama, tambem, uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

SACY

SACY-SAPÊRÊ. Duende, tambem conhecido em São Paulo pelas denominações de *Sacy-triquê* e *Sacy-moféra*, consoante ■ genero de diabruras que lhe era attribuido. Confórme a crendice paulista era o *Sacy-sapêrê* personificado na figura de um caboclinho "bi-perne" ■ pizando com os calcanhares para a frente, de modo que, as suas pegadas, indicavam sempre direcção inversa á por elle seguida.

SAÚ

SAÚ. Adjectivo. Pello; *sáua*, pelludo: entra na composição do vocabulo *sagui* e da phrase nheengatú *saútuáia*, vernaculizada no etymo.

SARÚTAIÁ, de *Saú* (*sáua*), pelluda, e *tuáia*, cauda; cauda pelluda: é o nome do "Callithrix sci-

curia", Macaca *sáua-tuãia*, contrahido em *Sarutáiá*. *Saú* é o nome applicado ás especies do genero Callithrix que têm a cauda pelluda.

Sarútáia, que se divulgou em São Paulo com a pronuncia — *Sarútáiá* — era alcunha pejorativa e deprimente applicadas, pelos seus contemporaneos, ao illustre capitão-mór de Sorocaba, Salvador de Oliveira Leme, fallecido em 1802, deixando notabilissima descendencia que ainda lhe honra a memoria.

Ja houve quem tentasse traduzir — Sarútáiá — por *Saú*, abreviatura de Salvador, e *táiá*, especie de cará nativo: procurando justificativa para sua definição, o improvisado tupinista informava chamar-se o *Sarútáiá*, Salvador Corrêa, ser mui proximo descendente de aborigenes e ter-lhe vindo a alcunha pela circumstancia de haver começado sua vida mercando em Sorocaba, de porta em porta, a raiz da táióba.

Tudo isto, entretanto, não passa de méra phantasia. Nem o sufixo — *táiá* — (cauda, rabo) tem relação alguma com *táiá* (tubera da taioba), embora a vernaculização haja estabelecido a mais absoluta identidade de pronuncia, nem o *Sarútáiá* era o pária social insinuado pois, descendente directo das opulentas familias patriarchaes, Leme e Oliveira, já nascéra rico e rico immensamente veiu a fallecer.

Antigamente e ainda hoje, entre os velhos paulistas, chamavam-se e ainda se chamam, *rabudas*, ás pessôas excessivamente severas, sempre promptas a punirem com rigor faltas perdoaveis por insignificantes.

Rabudo era e ainda é, entre os roceiros de São Paulo, synonymo de *coisa-ruim*.

Salvador Leme, sem embargo de suas grandes qualidades, era severissimo para com seus famulos e dependentes. Ainda é de memoria popular em Sorocaba, a maneira por que administrou as obras da Igreja do Rosario, por elle erguida em homenagem á santa padroeira de sua segunda mulher, d. Maria do Rosario: vigiando attentamente, ainda que á distancia, o trabalho dos taipeiros, sempre que algum delles diminuia de energia no labor ou por momentos cessava de trabalhar, uma pelotada certeira e contundente desferida pelo bodoque de Salvador Leme, avisava o operario da presença e fiscalisação do senhor.

Factos de tal ordem é que deram origem á alcunha.

SAGUI. S. m. De *saí*, pello, e *i*, pequeno: *Saíi*, pello pequeno, com suppressão do termo macaco, subentendido na phrase nheengatú. *Saí-i* vernaculizou-se em *Sagui*.

SÔÔ

SÔÔ. S. m. Genericamente todo o vertebrado, á excepção do homem (o que faz suppôr que o aborigene, da mesma fórma que o civilizado, tinha a consciencia da superioridade material da humanidade sobre o irracional), era pelo tupi-guarani chamado — *Sôô* —. Ao quadrupede e ao quadrumano o aborigene chamava simplesmente — *Çôô* — (Sôô): aos demais vertebrados costumava juntar ao nome generico um qualificativo, particularisando-o. É assim que dizia — *Sôô uirirá* (*sôô-uirá-pirá*), denominação commum ás aves (*uirá*) e aos peixes (*pirá*): *sôôquera*, carne, animal que deixou de o ser para transformar-se em carne; *sôômirim*, animal pequeno; todos os pequeninos viventes vertebrados.

Sôô contribuiu para o enriquecimento do vernaculo com os etymos seguintes:

SUAN. S. m. de *Sôô, animal vertebrado, e tan*, forte, solido, duro, resistente, isto é, a parte mais resistente do animal, a que mantem a armadura ossea do vertebrado, a columna vertebral, em summa. Dizem que — *suan* — é lidimo teuton porque o teuto ainda diz — *schwanz* — (xuantz), para significar o appendice caudal de qualquer animal, deslembrados, porém, de que a cauda no animal é apenas o extremo inferior externo da espinha dorsal, *suan* em nheengatú. Outros, com argumentos

apparentemente mais procedentes, affirmam a origem do vocabulo *çôô* na raiz grega — *zoo* —, d'onde tiramos zoologia, zoologo, zootechnico, etc., duas origens nobilissimas para o nosso plebeu e humilimo *çôô*, que acceitariamos desvanecidos e até com um pouco de *snobismo*, que é doença nacional, si taes rastejamentos glottologicos não se chocassem com a verdade historica da formação do idioma aborigene,

Suan é a columna vertebral separada do corpo: quando ainda no corpo vivo, chama-se *sooutaia*, nome, entretanto, que se não vernaculizou por desnecessario.

SUÇUARANA. S. f. De *Çôô*, animal, *suára*, mordedor e *na*, breve, por euphonia da vernaculização: animal que morde. É a onça parda (Felis congolor).

Define-se communmente — *Suçuarana* — por *suaçú*, veado, e *arana*, semelhante: semelhante ao veado, ou veado falso, pela unica razão de ambos os animaes serem de côr parda. Não acreditamos que o aborigene, tão meticulosamente observador e, em geral, tão feliz em suas observações, haja approximado, sómente pelo accidente da côr, dois animaes de natureza tão diversa e de caracteristicas tão accentuadamente oppostas: um, inoffensivo, timido, vivendo pacificamente de pastagens, sempre alerta e prompto para a fuga ao menor ru-

mor suspeito; outro, feroz, aggressivo, sanguinario, vivendo das carnes dos outros animaes e até do proprio homem, quando o apanha desprevenido.

Não cremos que por uma vaga e precaria identidade de coloração estabelecesse o indigena a approximação de dois animaes tão dispares entre si (Vide titulo *Súú*).

SUAN

SAMBIQUIRA. Do tupi-guarani *Suan-bi-kire*: *Suan*, espinha dorsal; *bi*, ponta, e *kire*, tenra, molle. Appendice triangular carnoso que reveste o extremo da espinha dorsal das aves, e de onde nascem as pennas da cauda. Em vernaculo —uropygio —, *tambem vulgarmente chamado bispo* e *mitra*.

Quando o uropygio, *sambiquira* ou *coranchim*, segundo a *terminologia* popular, *em vez* de apresentar erectas as pennas da cauda de certas aves, defeituosamente, tem-nas pendentes, como as da cauda da ema, chamam-se a estas aves — *suras* — (adaptação do quichúa — *suri* —, avestruz ou melhor, ema, "rhéa americana", *nhandú* dos tupi-guaranis). Ao perú, ao gallo, á gallinha, descaudados por phenomeno de nascença ou a que se hajam arrancado as pennas da cauda, chama-se — *sura* —. O uso, porém, não permitte a applicação de tal nomenclatura ás aves descaudadas por

caracteristica da especie, taes como a perdiz, ■ urú, o inhambú, a codorna e outras.

SÚÚ

SÚÚ. Diphthongo nheengatú. Verbo mastigar, *suusára*, mordedor: contribuiu para a vernaculização dos seguintes termos:

SUÇUARANA. Animal mordedor (Vide titulo *Sôô*, etymo *Suçuarana*).

SUAÇÚ. De *súú-súú*, mastigação continuada, remoer (Vide titulo *Anhan*, etymo *Anhanga*). Segundo a definição corrente *Suaçú* deriva-se de *sôôaçú*, o animal grande, o maior, o veado. A prevalecer a definição, parece que *á anta* caberia de razão o nome — *veado* —, pois, irretorquivelmente, da nossa fauna, ella é o mais vultoso representante, o — *Çôô-açú.*

TABA

TAPERA. S. f., do tupi-guarani *Taba*, povoado, habitação ■ *quera*, extincto, o que foi e já não é. Povoado abandonado, habitação extincta.

É de uso corrente tambem na Republica Argentina e, provavelmente, nos demais paizes sulamericanos que soffreram a acção benefica do nheengatú.

TAMOATÁ

TAMANDUATEHY. Corruptela de *T-amã-ndaetei*, muitos rodeios; de *T*, relativo, *amã*, rodeios, volta, *ndaetei*, muitos, segundo João Mendes de Almeida (Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo), ou contracção de *Tamanduá-tey-y*, rio do tamanduá grande, confórme lição de Theodoro Sampaio, no "O Tupi na Geographia Nacional".

Mas, o nome applicado ao rio, que até quasi o momento presente fecundou a planicie do moderno Braz, seria realmente Tamanduatehy? Não teria elle, no trabalho de adaptação ao idioma portuguez, perdido as caracteristicas da accepção communicada pelo autóchtone? Claramente expressa só encontraremos a fórma Tamanduatehy no seculo XVIII, embora graphada de maneiras diversas: — *Tamanduatei*, *Tamanduatehy*, *Tamandoatahy* e *Tamanduatahy*. No seculo XVI, portanto, em época em que a influencia indigena era ainda bastante sensivel no falar da novel colonia, encontramos as graphias *Tomoteahy* e *Tamaodeoty*, deparando-se no seculo seguinte com a de *Tamandatii*, rigorosamente identica á de *Tamandaty*, encontrada em varios documentos do principio do seculo XIX: dentre taes documentos destaca-se o estudo da rectificação parcial do rio *Tamandati* e deseccamento das varzeas do Carmo e Pary, organisado

em 1821, pelo major de engenheiros Florencio Moreira.

As fórmas *Tomoteuhy* e *Tamaodeoty*, do seculo XVI, nos suggerem a possibilidade de ter sido — *Tamoatá-hy*, rio do *Tamoatá*, — a primitiva fórma do nome Tamanduatehy. *Tamoatá*, como se sabe, é o nome tupi-guarani de um pequeno peixe, da especie dos *cascudos*, que habita de preferencia as solapas dos ribeirões: é o chamado peixe do matto, pela faculdade notavel de permanecer vivo largo tempo fóra d'agua, chegando mesmo a transportar-se, por terra, de uma para outra aguada.

TEÇÁ

SAPIROCA. Adjectivo, do tupi-guarani *Ceçá* ou *Teçá*, olhos e *piránga*, vermelhos. Olhos vermelhos, por haverem chorado ou em consequencia de alguma molestia. Os argentinos dizem, com mais acerto, aliás, — *Sapiran*.

Em São Paulo diz-se, tambem e principalmente, dos olhos vermelhos e acanhados, em consequencia de molestia acompanhada de quéda total ou parcial dos cabellos ciliares.

TEMBÉ

TEMBETÁ. Vocabulo nheengatú, de *Tembé*, beiço inferior, e *itá*, pedra e, por extensão, todo o corpo duro que se introduz pela abertura do bei-

ço inferior, da mesma maneira que as meninas civilizadas perfuram as orelhas para introducção do brincos.

Não se deve confundir *tembetá* com *batoque*. *Batoque*, segundo a unanimidade dos diccionaristas, é synonymo da "rolha com que se tampa a bocca da pipa ou tonel": é um instrumento rombo, capaz de, por uma operação brutal, produzir esmagamento mas, nunca perfuração em beiço de gente; esta operação é feita pelos aborigenes com estrépe, espinho, estilete, com um corpo duro qualquer, delgado e agudo. Depois de praticado o orificio é que o selvicola, por enfeite e garridice, nelle enfia o *batoque* ou qualquer outra especie de *tembetá*.

Tembetá não é simplesmente *batoque*, porém todo enfeite pendente do beiço inferior, ao passo que o termo *batoque* se refere apenas a uma das muitas variedades de *tembetás* e tem o seu uso entre os *Aimorés* e os seus descendentes chamados, porisso mesmo, — *Botocudos*.

As outras especies de *tembetás* constituem-se, em geral, de estiletes de resina endurecida de jatahy, ainda em uso entre os *Camés*, erroneamente chamados *Cauás* pelos argentinos e inadvertidamente, tambem, pelos brasileiros, como si fossem de origem guarani; e de pequenos corpos, osso, pedra ou paus roliços e esguios, usados por numerosas

nações aborigenes e tambem das pennas remigias de aves de plumagem colorida, tão de habito dos poderosos *Boróros*, desde que o seja no — beiço inferior —, *tembé*, em nheengatú.

Vulgar e impropriamente se denomina *tembetá* ás duas pennas de tucano, que os *Pariquis* e *Uasahys* usam, cruzadas atravez da separação perfurada das narinas.

Tembetás, tambem são inadequadamente chamadas as duas pennas que o *Uaupé* espeta nas azas das narinas; mas, á penna colorida que o *Pareci* costuma atravessar em posição horisontal, no beiço superior perfurado, o tupi-guarani chama — *Apiâtá* —, de *Apiâ*, beiço superior, e *itá*, pedra.

As tribus brasilicas perfuravam apenas um beiço, de preferencia o inferior: unicamente o *Parecí* é que furava o superior, não havendo exemplo de perfuração de ambos os beiços, no mesmo individuo.

Entre os africanos que usam *batoque*, sim, é que é costume perfurarem os beiços, inferior e superior, para nelles introduzirem discos de madeira que, no mais das vezes, attingem a setenta e dois centimetros de circumferencia, os do beiço inferior, e quarenta e cinco, os do superior.

Essas tribus negras habitam o centro do continente africano, e o *adorno* é privativo do bello sexo... As meninas casadoiras, quando noivas, sof-

frem a perfuração dos beiços, praticada pelo proprio noivo, que se utilisa para esse fim de um corpo duro e fino qualquer, em fórma de estilete: depois, o orificio é alargado pela intromissão de corpos roliços, graduadamente, cada vez mais incorpados, de modo a se converterem em discos, respectivamente, de quinze e vinte e quatro centimetros de diametro.

UÁA

ARAÇÁ. S. m. Vocabulo abanheenga ou nheengatú, significando — *fructa que tem olhos* —, agglutinação de *Uaa*, fructa, e *çá*, olhos, allusivo ás pequenas excrescencias esphericas que apresenta sua pelle occasionadas, principalmente, pelas picadas de insectos no momento em que o fructo inicia sua maturação. Fructo do araçázeiro, vegetal do genero Psidium, familia das Myrtaceas, existindo numerosas variedades: destas, as mais conhecidas e abundantes no municipio de São Paulo são: o *Araçazeiro do Campo*, cujos fructos esphericos amarello-claro, são adocicados e saborosos, e a *Araçá-vermelho*, o *araçá-piranga* dos paulistas, de fructos vermelhos, quasi grená, tambem comestiveis, porém, mais agradaveis á vista que ao paladar, pela menor quantidade de assucar que encerra, tornando-os levemente acidos.

Da abundancia do *Araçá*, principalmente do *piranga*, nas primitivas mattas e campos das cabe-

ceiras do Pacaembú e do Agua Branca, na bacia do Tieté, e das dos Rios Verde e Agua Branca, na do Pinheiros, é que provém a denominação de *Araçá*, ao local hoje occupado pelo Cemiterio desse nome e pela Avenida Municipal (actualmente Avenida dr. Arnaldo).

Araçá era a denominação antiga dos terrenos divisórios das aguas do Tietê, das do Pinheiros, que se elevam entre os bairros do Pacaembú e Villa Cerqueira Cesar, na cidade de São Paulo.

Dessa paragem, a Estrada do *Araçá* ramificava-se da Estrada de São Paulo á aldeia de Pinheiros, hoje rua da Consolação e Avenida Rebouças, na altura da Avenida Paulista, desdobrando-se pela directriz da Avenida Municipal (actualmente Avenida Dr. Aranldo) e percorrendo a cumiada da montanha até descer pelo valle do Tietê a entroncar-se na velha estrada de São Paulo a Jundiahy. No seu percurso, desde a Avenida Paulista até a altura da actual Villa Leopoldina, a Estrada do *Araçá* desdobrava-se na mesma directriz do curso do Pinheiros a parallela á estrada das Boiadas, que lhe ficava de permeio e que, a partir da aldeia de Pinheiros, se dirigia, em linha quasi recta, para a margem do Tietê, em demanda da *Emboaçava*, pela qual transpunha o rio.

Araçá é, tambem, termo pelo qual se designa, em São Paulo, determinada tonalidade da côr

amarello-brasina-betada, peculiar ao gado vaccum. *Amarello, Araçá, Barroso, Brasino, Estrella, Caraúna*, etc., são vocabulos applicados privativamente na designação de côres ou accidentes de coloração bovina. O caboclo paulista chama boi *estrella*, vacca *barrosa*, touro *amarello*, novilho *araçá*, etc., mas não dirá cavallo *amarello*, burro *araçá* ou egua *barrosa*, embora haja tonalidade *barrosa* e *amarella*, entre o gado cavallar e muar.

Em compensação o caboclo reserva copioso vocabulario para o indice da coloração do equideo em suas cambiantes as mais tenues.

Affonso de Freitas Junior, em seu brilhante estudo de costumes — *Sorocaba dos tempos idos* — reconstitue, recolhendo-a da bocca do caboclo, a nomenclatura completa, pela qual o paulista indica as numerosas tonalidades das côres do gado cavallar. Estudo curiosissimo, não deixa de ser interessante e util a sua transcripção neste trabalho. São termos designativos das côres do gado cavallar em São Paulo: — "*azulego, alazão, baio-amarilho, baio-encerado, baio-ruano, colorado, gateado-rosilho, gateado-oveiro, gateado-cabos-negros, douradilho, lunarejo, malacara, zaino-malacara, vermelho-malacara, oveiro-negro, oveiro-vermelho, oveiro-chita, paugaré, picaço, rabicano, bragado, lobuno, rosilho-vermelho, rosilho-prateado, rosilho-alazão, rosilho-mouro, ruano, sebruno, tordi-*

lho-vinagre, tordilho-sabino, tordilho-negro, zaino, zarco, pampas, entre os quaes se inclue o *tobiano*".

A. de Freitas Junior explicando, no citado trabalho, a origem do termo — *tobiano,* — escreve o seguinte:

"*Tobiano,* malhado de branco e preto, semelhante ao que montava o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, em Sorocaba, d'onde a origem da denominação dessa côr equina vulgarizada em todo o sul do Brasil e corrente, como *argentinismo,* na visinha republica transplatina e cuja verdadeira origem, entretanto, é alli ainda ignorada".

Araçá, designativo de côr, já não é traducção de — *fructa que tem olhos,* — porém, vernaculização do nheengatú, *aô,* côr, revestimento, e *saçã,* risca, de *açai,* riscar; côr ou revestimento riscado, betado.

ARICANDUVA. *Aricanduva* é um dos muitos vocabulos da toponymia indigena paulista que até hoje tem resistido ás tentativas de traducção, não obstante já se achar vernaculizado. A generalidade dos escriptores brasileiros e paulistas, inclusive Manoel Eufrasio de Azevedo Marques em seus "Apontamentos Historicos" e João Mendes de Almeida no "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo", affirma ter von Martius traduzido no "Glossaria Linguarum Brasiliensium", o termo *Aricanduva,* em "Cannavial das araras".

João Mendes de Almeida, na obra citada, desenvolve cerrada critica á definição attribuida ao grande naturalista bávaro, taxando-a, com muita logica, aliás, de errada e improcedente.

Diz elle:

"Aricanduva, segundo Martius, em seu Gloss. ling. bras., significa "cannavial das araras".

Cannavial! É sabido que a palavra candyba, em tupi, foi formada após o estabelecimento dos portuguezes, depois que elles introduziram a canna de assucar na capitania de São Vicente e successivamente nas outras. E essa palavra exprimia, não só *ca-nd-ib-a*, "arvore da canna", mas tambem e principalmente *candei-ib-a*, contrahida em *can-ib-a*, "arvore torta", allusivo a entortar-se a canna de assucar quando muito crescida. O indigena tambem denominava-a por sua fórma exterior, *taquár-êê*, taquara doce; *êê*, doce, saboroso, gostoso".

Tambem com mais propriedade a denominaram *tacê maré*, pronuncia de *tá-cêê-mb-ára-é*, contrahida em *ta-cêê-mb-ar-é*, "espiga muitissimo saborosa": de *tá*, "espiga", *cêê*, "saboroso, doce, gostoso", *mb*, intercalação nasal, *ára*, particula de participio activo para exprimir qualidade da pessoa ou da cousa, *é*, para exprimir distincção com superlativo: allusivo a nascer como *espiga*, e ser dulcissimo.

O nome *taquár-êê* é improprio, porque *taquár-a* é "espiga furada": e a *canna* de assucar *não é oca*. Seja como fôr não sendo tupi a palavra canna, Martius fez o que fazem em geral os extrangeiros. Nem *ari* tem relação alguma com *arára*.

A canna de assucar é uma graminea oriunda do Indostão, na Asia. Foi introduzida na Persia antes do seculo V; e dahi os arabes a levaram para a Syria no seculo VII. Da Phenicia, no seculo XI, os Cruzados a levaram para a Sicilia, na Europa. No seculo XIV, todos os paizes africanos do Mediterraneo a cultivaram, alem da Sicilia, e de alguns logares meridionaes da Hespanha.

Da Sicilia, segundo João de Barros, foram mudas para a ilha da Madeira, no seculo XV. E dahi para o Brasil, no seculo XVI. *Aricanduva*, portanto, nada tem com essa graminea".

Assim como João Mendes, tambem discordamos da definição de von Martius — "Aricanduva, cannavial das *araras*".

Pensamos ser *Aricanduva* simplesmente corruptela da phrase — *Uaa-i-cang-tuba*, constituida dos elementos tupi-guaranis *Uaa*, fructo; *i*, pequeno; *cang* ou *acang*, cabeça; *tuba* ou *tyba*, logar que produz, região de abundancia, logar ou região onde existe em quantidade, e tambem pae, geratriz, o que produz, etc.

A corruptela do termo *Uaa-i*, fructo pequeno, em *Ari*, *Acuri*, *Geri*, é muito commum: os termos *Acuri*, conhecido fructo de determinada palmeira: *Ariroba*, *Guariroba*, *Guabiroba*, *Gerivá*. *Gerivoca*, *Guaricanga* e outros, iniciam-se pela radical *uaa-i* e designam invariavelmente *fructo pequeno* ou arvore de fructo pequeno. *Babaçú*, vocabulo hoje de intensa voga nos grandes centros de industrias e commercio, não é sinão o agglutinado de *Uaa-uaa-çú*, fructos grandes: e, de facto, dos fructos palmares indigenas, o *Babaçú* é o maior.

Irreductivelmente, para nós, Aricanduba (Ar-i-can-duba) *não é* sinão contracção e vernaculização de *Uaa-i-cang-tuba* — região em que se encontra a palmeira de fructo pequeno de cabeça, — a outr'ora vulgar Aricanga ou Guaricanga, (Uaa-i-cang) com que os Guayanás de Piratininga cobriam suas humildes palhoças. De facto, não *só nas elevações campesinas* que formam o promontorio divisor das aguas Anhangabahú-Tamanduatehy, como principalmente nas planicies de Piratininga (Luz) e de Piquery (Braz) era nativa e commum a graciosa e util guaricanga: della se armou o tecto que primeiro serviu de abrigo aos padres jesuitas em 1554 ao lançarem as primeiras bases do seu collegio em serra acima.

Aricanduva é pois, corruptela e vernaculização de *Uaa-i-cang-tuba* e significa geratriz, logar,

região em que abunda a palmeira *Aricanga* ou *Guaricanga*, por sua vez corruptela e vernaculização de *Uaa-i-cang*.

O nome pertenceu, primeiro, á região banhada pelo rio *Aricanduva*, fixando-se depois e definitivamente no curso d'agua, após a devastação das mattas e consequente desapparecimento das palmeiras.

A principio graphava-se e pronunciava-se invariavelmente Aricanduba: esta é a fórma que se encontra nos registros parochiaes da Penha e do Braz.

Azevedo Marques em seus "Apontamentos Historicos" publicados durante o anno de 1879, manteve a mesma graphia e João Mendes, que escreveu mais proximo da nossa época, não a alterou. Hoje se pronuncia e se escreve correntemente *Aricanduva*, permutando a consoante *b*, pela *v*, melhorando assim a euphonia do vernaculo, porém em nada alterando a primitiva e verdadeira accepção do termo, porquanto, quer em *uba*, quer em *uva*, o significado de pae, logar que produz, nascedouro, etc., do nheengatú, *tuba*, é rigorosamente mantido.

Aricanduva é nome do bairro ou paragem localizada no valle do ribeirão do mesmo nome: abrange as duas margens do ribeirão e, pela divi-

são ecclesiastica antiga, pertencia parte á freguesia da Penha e parte á do Braz.

Aricanduva tambem se chama o ribeirão affluente, pela margem esquerda, do rio Tietê, no municipio da capital: suas nascentes brotam dos limites do municipio em contravertente do rio Guayó, pelas alturas do Morro Pellado ou do Correia. Seu curso é na direcção geral de oriente para occidente, desaguando no Tietê, pela margem esquerda, depois de haver engrossado suas aguas com as dos corregos Agua Funda, Agua Raza, Taboão, Potreira Grande, das Anhumas, das Pedras, Caaguaçú, da Guabiroboira, dos Cochos, além de outros e tambem do Guayaúna, seu principal affluente, pela margem direita.

Os antigos bairros da Guabirobeira, Canguéra, Ribeira, Agua Funda e Agua Raza, estão localizados em seu valle. Pelas leis ns. 623 de 26 de Junho de 1899 e 1750 de 27 de Dezembro de 1920, o ribeirão *Aricanduva*, desde sua barra no Tietê até a confluencia do corrego das Pedras e *por este acima*, assignala as divisas entre os districtos de paz do Belemzinho e da Penha.

BABASSÚ. *Babaçú*, agglutinação de *Uaauaa-çú*: de *Uaa*, fructo, e *çú*, grande; fructos grandes. *Uauaçú* dos aborigenes. É tambem chamada, na synonymia vulgar, *Baguassú, Quaguassú, Aguassú, Oaussú, Buassú.*

A palmeira *Babassú* é nativa do Maranhão mas, a sua patria não se restringe ao limitado territorio maranhense: extende-se pelas terras dos Estados de Piauhy, Goyaz, Matto Grosso, Pará e Amazonas. Quasi tudo nesta palmeira é aproveitavel: a madeira, os côcos e as palmas. Serve para alimentação, lubrificante, combustivel e cordoaria.

No Estado de São Paulo jamais houve *Baguassú* nativo, *Baguassú*, palmeira, bem entendido: a plantação existente na estação de igual nome. da via-ferrea Paulista, é oriunda de diversas mudas da *Babassú* goyana trazidas em tempos idos pelo velho tropeiro Borges e por elle cultivadas no municipio de Santa Cruz das Palmeiras. O *Baguassú* nativo de São Paulo e relativamente commum no Estado, não é palmeira, porém, arvore de madeira branca, muito empregada em caixoteria e tambem chamada *Caaguassú*, donde a corruptela.

A — *Babassú* palmeira, — existente em estado nativo em diversas regiões do norte do Brasil, principalmente em Goyaz, na margem do Araguaya, no valle do Tocantins, na ilha do Bananal, abrangendo extensão de cerca de 5º e apresentando extensissimos palmeiraes que, não raras vezes, cobrem superficies superiores a dezoito kilometros, a — *Babassú* palmeira, — diziamos, em São Paulo, onde é exotica e ainda rara, rarissima, não passando de planta de adorno, toma o nome de

Baguassú, não se devendo confundir com o vegetal da mesma denominação, nativo do territorio paulista e que fornece madeira branca para obras ligeiras de carpintaria e tambem de marcenaria, pela facilidade com que recebe verniz. A denominação *Baguassú*, applicada ao vegetal utilisavel na carpintaria, é corruptela de *Caaguassú*, assim como a da *Baguassú* o é de *Babassú*, por seu turno, vernaculização do tupi-guarani — *Uauaçú*.

UMUA

UMUARAMA. Neologismo constituido por nós, a pedido do illustre intellectual e brilhante escriptor Silveira Bueno que desejava denominar determinada região de retiro e repouso de membros de uma communhão ou sociedade de auxilios mutuos. O novo vocabulo é construido da seguinte fórma: *Umuarama*, lugar, terra, região dos socios ou companheiros; de *Umuá*, contracção de *Rumuara*, companheiro, socio, e *rama*, abreviatura, de *retama*, lugar, região, terra, patria, isto é — *Umuarama* — terra dos socios, dos companheiros, ou terra habitada em cooperativa por companheiros, etc.

De construcções deste genero os nossos aborigenes nos deixaram varios exemplos, entre os quaes citaremos — *Pindorama* — nome indigena do Brasil, que se decompõe em: *Pindoba*, palmeira,

e *retama*, por abreviatura, *rama*, região, cuja traducção é — região das palmeiras; *Tapuirama*, terra dos tapuias (*Tapüia-rama*); *Tupi-retama*, terra dos tupis, etc.

XI

AXY. Interjeição. *Xi*, repulsa, entre os indigenas. Vernaculizou-se em São Paulo como exclamação admirativa (*chi!*).

Y

Y. S. f. Agua. É signal privativo da ideia — Agua. Em nheengatú tal ideia era perfeitamente expressa pela pronuncia selvagem — *Ygu*, — som, entretanto, que o orgam vocal civilizado jamais conseguiu emittir: entra na composição dos vocabulos vernaculizados seguintes, servindo apenas para discriminar a ideia, pela graphia, pois, a verdade é que, na pronuncia, em nada differe do — *I* — (latino).

Na vernaculização o étymo — Agua — passou graphado, ora em *Y*, ora em *U*, ora em *O*, ora em *Mu*, ora em *Gu*, isto quer iniciando ou finalisando o étymo, quer centralisando-se no vocabulo.

YTINGA. *Y*, agua; *tinga*, branca; — agua branca.

UTINGA. *U*, por *y*, agua; *tinga*, branca; — agua branca.

OTINGA. *O*, por *y*, agua; *tinga*, branca; — agua branca.

ITAGUAÇÚ. *Itá*, pedra; *gú*, por *y* (*ygu*), agua; e *açu*, grande; — agua ou rio da pedra grande.

YMIRIM. *Y*, agua; *mirim*, pequeno; — agua pequena. E' denominação de um pequeno corrego no municipio da capital e tambem da estrada que lhe corta o valle.

YERÊ

GUERÊ-GUERÊ. S. m. Rodeios, voltas. Do tupi-guarani — *yerê*, — volta (de estrada ou rio): frequentativo (*yerê-yerê*) para designar abundancia, successão.

Diz-se da conversa sem assumpto determinado ou de assumpto carecedor de interesse, da conversa inçada de circumloquios que perturbam, escurecem ou retardam a enunciação do objectivo principal. Synonymo de conversa fiada, lambança, parlapatice, *v. g.*: — "Deixemos de *guerê-guerê* e tratemos praticamente da questão".

Appendice

APPENDICE

Étymos esparsos

ABORIGENES. S. m. pl. Uma das designações que se costuma applicar aos primitivos habitantes de São Paulo e do Brasil, em synonymia de *Selvicola;* tambem é muito commum darem-lhe por equivalentes os termos *Bugre, Indio* e até a expressão *Pelle-vermelha,* cuja divulgação vem sendo tentada de ha pouco tempo.

Segundo o "Diccionario Classico", que se louva em Justinus ao lançar a affirmativa, chamavam-se *Aborigenes* aos primeiros habitantes da Italia, debaixo do reinado de Saturno e de cuja origem nada se sabia.

Os seus descendentes foram chamados *Latinos,* do nome de *Latino,* um dos seus reis, tendo sido Roma edificada em seu paiz.

A palavra *Aborigenes*, do latim *aborigenes*, significa, "*sem origem*, ou cuja origem se mantem desconhecida"; é a denominação que melhor convem aos povos encontrados nas terras brasilicas e em todo o continente do novo mundo pelos primeiros descobridores europeus, por exprimir rigorosamente a verdade em relação ao inteiro desconhecimento que ainda envolve sua origem.

Dos vocabulos applicados por synonymos de *Aborigenes*, o unico que consideramos acceitavel, em tal emprego, é o termo — *Selvicola*, — habitante das selvas, designativo do estado de civilização em que foram encontrados os nossos antecessores na posse de nossa terra, pelos europeus ao aportarem ao Brasil.

Selvicola — é o individuo, ou o povo, cujo atrazo de civilização permitta habitar as selvas, á lei da natureza.

Aborigene — é o individuo ou povo, cuja origem se desconhece, e que habita uma terra para onde veio duma patria que se tornou desconhecida (e esse é o caso dos primitivos brasileiros), quer se tenha mantido no estado de selvicola, quer haja ascendido em civilização, ao passo que os termos *Bugre*, *Indio* e *Pelle-vermelha* não encerram outro significado alem de uma offensa atirada aos nossos pobres *Aborigenes* pelos companheiros de Villegaignon, o equivoco em que estiveram

os descobridores do Novo Mundo persuadindo-se de haverem attingido as Indias orientaes e o desejo insopitado de enriquecerem, embora desnecessariamente, o idioma luso-brasileiro com mais um americanismo do norte.

BUGRE. S. m. Em francez *Bougre*. Apodo, injuria, insulto, praga deprimente, termo "da mais baixa linguagem", do idioma francez, com que os companheiros de Villegaignon, vindos ao Brasil em 1555, *mimoseavam*, por alcunha, os Tupinambás, em *agradecimento* á generosidade e leal desinteresse com que os nossos infelizes aborigenes apoiavam as pretenções de dominio dos idealistas fundadores da França Antarctica.

Explicando a significação e origem da palavra *Bougre*, escreveu É. Littré, em seu "Dictionnaire de la langue française", edição de 1885, tomo primeiro, pagina 386, o seguinte:

> "*Bougre* (bou-gr'), s. m. Nom de certains hérétiques que l'on assimilait aux albigeois. Celui qui se livre à la débauche contre nature: dénomination venue de ce que les haines populaires accusaient les hérétiques de désordres infâmes. Terme de mépris et d'injure, usité dans le langage populaire le plus trivial et le plus grossier... E'TYM. *Bulgarus* habitant de la Bulgarie. Dans le moyen âge, des doctrines religieuses sembla-

bles régnaient parmi les Bulgares et les Albigeois: de là le nom de *bougres* donné à ces hérétiques. En dehors du langage de l'histoire, *bougre* est resté dans le plus bas langage, comme une injure et un jurement".

Bugre é, pois, um vocabulo de uso condemnavel na lingua portugueza, por desnecessario e inconveniente, como synonymo de *Selvicola.*

INDIO. S. m. Denominação generica, erroneamente conferida ao primitivo habitante da America, pelos descobridores do Novo Mundo, que acreditavam haver attingido a India, pelo occidente, em seus descobrimentos.

A accepção corrente do vocabulo *Indio,* como synonymo de *Aborigene,* é, portanto, consequencia de um erro historico, que deve ser corrigido.

PELLE-VERMELHA. S. m. Denominação secularmente privativa dos aborigenes do territorio dos Estados Unidos da America do Norte e que, em nossos dias, se está intentando introduzir na literatura indigena, appellidando com elle, sem necessidade, por erroneo, os nossos selvicolas.

ANTHROPOPHAGIA. Acção, costume, habito de comer carne humana.

Os aborigenes de São Paulo, assim como os das demais regiões do Brasil, foram accusados, por mais de um chronista, de praticarem a anthropo-

phagia, accusação que se transformou em crença generalizada sem maior exame ou verificação do caso. E porque o actual municipio da capital era o centro da gentilidade guayaná, a maior nação aborigene do Brasil meridional, e porque o seu chefe mais prestigioso, Tibiriçá, foi tambem acoimado de cannibalismo, julgamos de toda opportunidade registrar nossa maneira de pensar sobre a tal accusação.

Negamos a anthropophagia entre os aborigenes brasileiros, principalmente entre os tupi- guaranis.

Povos que acreditavam na existencia de um poder superior e sobrenatural, a quem temiam e sinceramente respeitavam, attribuindo-lhe todas as manifestações de força que ao poder humano não era dado annular ou interromper; que acreditavam na immortalidade da alma e mantinham culto aos mortos; que policiavam a sociedade praticando a pena de talião e punindo o adulterio; que praticavam o mais perfeito mutualismo, do qual a nossa decantada civilização, velhaca e maldosamente cada vez mais se affasta substituindo-o pelo capitalismo absorvente e deshumano; que praticavam a agricultura, cultivando a *maniva*, que é o trigo da America do Sul; que dispunham do vasto celleiro que era o mar, não podiam ser anthropophagos.

Não é gratuita ou isolada essa nossa opinião, encontrando ella inteiro apoio na affimativa peremptoria do insuspeito Gabriel Soares, contemporaneo da fundação de São Paulo e conhecedor profundo dos primitivos costumes aborigenes da época. Eis o que no "Tratado descriptivo do Brasil" escreveu, em 1587, o meticuloso chronista, relativamente aos guayanás de Piratininga:

> "Não são os Guayanazes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem accondicionados, e facilimo de crer em qualquer cousa... Não matam aos que captivam nas guerras... São grandes frexeiros e inimigos de carne humana... Se encontram com gente branca não fazem nem um damno, antes boa companhia... Não costumam fazer guerra a seus contrarios fóra de seus limites, nem os vão buscar em suas vivendas".

E Gabriel Soares não foi o primeiro a formular tal juizo em relação aos guayanás da Capitania de São Vicente; já em 1549, padre Manoel da Nobrega, grande conhecedor dos aborigenes da Bahia e do litoral brasileiro, emittia os mais elevados conceitos sobre a cordura e principios de humanidade dos aborigenes de Piratininga, em carta dirigida ao rei de Portugal, d. João III.

"... para cumprir com a devoção de Vossa Alteza, escrevia padre Nobrega, e com os desejos,

que em Nosso Senhor eu tenho d'estas partes serem favorecidas d'elle, sómente lhe darei alguma conta d'esta capitania de São Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ella terra mais apparelhada para a conversão do gentio, que nenhuma das outras, porque nunca tiveram guerra com os christãos, e é por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações: *ha muitas gerações que não comem carne humana*, as mulheres andam cobertas, não são crueis em suas guerras como estes da costa, porque sómente se defendem..."

Em contra-prova das asserções, quer de padre Nobrega, quer de Gabriel Soares veremos que, antes mesmo de entrarem em contacto com os jesuitas, os quaes só em 1549 aportaram a São Vicente, já os guayanás se haviam identificado com o pugilo de portuguezes desembarcado e que sob a égide protectora do selvicola lançavam os fundamentos das villas de São Vicente e de Santos e fixavam moradia, constituindo familia, na propria Piratininga, amago da gentilidade guayaná.

É innegavel que os povos tupi-guaranis, quando em guerra, invariavelmente matavam o inimigo aprisionado para comer-lhe a carne, mas, fazendo-o, convidavam quanta tribu amiga houvesse nas redondezas, reunindo, habitualmente,

muitos milhares de individuos em banquete em que mal tocaria uma gramma da lugubre iguaria a cada commensal; comiam o inimigo não por habito, por costume, por vicio ou pelo sabor da carne humana, mas unicamente pelo espirito de vingança. E, si assim não fôra, Hans Staden, extranho e prisioneiro mas não considerado inimigo tradicional, de quem não havia vingança a tomar em desaffronta a antepassados; Hans Staden teria servido de pasto, pitéu saboroso que deveria ser o chronista germano, raça seleccionada, aos tupinambás que o aprisionaram.

Esta é uma verdade que vem sendo affirmada desde os primeiros tempos do descobrimento do Brasil e quem primeiro a enunciou de maneira irretorquivel e convincente foi Gandavo, o autor da "Historia da Provincia de Santa Cruz", revestido de toda sua autoridade de testemunha presencial.

> "Apanhado vivo o inimigo no campo de batalha é elle, escreve Gandavo, conduzido á tribu do vencedor onde lhe é fornecida permanentemente abundante alimentação e dada por esposa a moça "a mais formosa e honrada que ha na aldeia", situação que se prolongava de "maneira mui regalada", ás vezes por um anno, até os captores se determinarem a matal-o. No momento do sacrificio, o paciente espicaçado pelo exe-

cutor, affrontava-o affirmando que, si a morte que ia soffrer era vingança das que elle havia dado aos parentes e amigos dos vencedores, tambem os seus amigos e parentes haveriam de vingal-o applicando a mesma pena aos seus verdugos".

Após a descripção do festim que se seguia ao sacrificio cruento, termina Gandavo sua narrativa com os seguintes periodos:

"Algum braço ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne costumam assar no fumo, tel-o guardado alguns mezes, para depois, quando o quizerem comer, fazerem novas festas, e com as mesmas cerimonias tornarem a renovar outra vez o gosto desta vingança, como no dia em que o mataram, e depois que assim chegam a comer a carne de seus contrarios, ficam os odios confirmados perpetuamente, porque sentem muito esta injuria e porisso andam sempre a se vingarem uns dos outros, como já tenho dito".

Jean de Lery, que em 1557 conviveu com os tupinambás do Rio de Janeiro, descrevendo os seus costumes, confirma o que sobre o aborigene em geral registra Gandavo.

"Depois que a carne dos prisioneiros está completamente assada, diz o historiador francez, os convidados se reunem em redor

> do moquem e com olhares e esgares ferocissimos contemplam a vianda. E por maior que seja a assistencia ninguem sáe sem o seu pedaço.
>
> Isso não o fazem por gula, embora confessem que a carne humana é maravilhosamente fina, mas para que o roer o inimigo morto até ao osso infunda espanto aos inimigos vivos. Move-os a vingança, salvo nas velhas, cuja gulodice é extrema, e, assim, para satisfazer o sentimento de odio, devoram as victimas da ponta dos dedos dos pés ao alto da cabeça..."

Decididamente os nossos aborigenes não eram anthropophagos porque não tinham o habito, o costume de se alimentarem da carne humana.

É innegavel que comiam os seus prisioneiros de guerra, por vingança: mas, haverá algum povo no mundo que, ao atravessar o baixo gráu de civilização em que jaziam os povos primitivos do Brasil ao serem encontrados pelos europeus, se houvesse eximido do instincto bestial de se vingar de seus inimigos devorando-os?

Si a civilização actual em cujo ambiente o respeito pela vida humana já não vale o refreamento de uma *volada* a 80 kilometros horarios; em cujo seio o individuo mata seu semelhante por qualquer motivo, e mesmo sem motivo algum, mata por matar, sem que, só por isso, lhe aconte-

ça cousa de maior monta, mercê da classica dirimente de "privação dos sentidos"; si a civilização actual soffresse retrocesso, embora diminuto, no rigorismo da applicação de suas leis de policia, não voltaria a humanidade á brutalissima selvageria do seu estado primitivo?

No seculo XVI, no momento mesmo em que se incriminava o aborigene da pratica accidental de anthropophagia, a França era já o maior expoente da civilização humana. Entretanto, não tivemos alli, em Paris, ponto luminoso que já o era da civilização moderna, a madrugada de São Bartholomeu, chacina de huguenotes determinada por Catharina de Medicis e pelo filho, o rei christianissimo Carlos IX?

E da execução de tão sombria empreza não se encarregaram os duques de Aumale e de Guise, ambos tão requintadamente nobres, tão elevados, tão proximos do throno que o ultimo era um dos aspirantes á corôa em substituição aos decrepitos Valois?

A matança de huguenotes extendeu-se de Paris por todos os extremos da França, mas em breve a população, enfarando-se da sangueira, enfastiada de, apenas matar, lançou-se á anthropophagia e foi além, mercando os restos palpitantes das victimas, abjecção a que jamais o aborigene brasilico desceu.

Prestemos attenção ao que nos conta Jean de Lery, missionario francez contemporaneo dos tenebrosos acontecimentos que tiveram inicio na loucura infernal da noitada de São Bartholomeu.

> "... que vimos em França durante a sanguinosa tragedia de 24 de Agosto de 1572? A gordura das victimas trucidadas em Lião, de modo muito mais barbaro que o usado pelos indios, não foi publicamente leiloada e adjudicada ao maior lançador?
>
> O figado e o coração de muitas victimas não foram comidos por furiosos assassinos, de que os infernos se horrorizam?
>
> Depois de miseravelmente morto Coeur-de-Roi, confessor da religião reformada em Auxerre, não lhe picaram o coração? E não venderam os pedaços a mastins odientos, que os assaram em grelhas e para saciar a raiva os comeram?"

Selvageria innominavel é, sem duvida, levar o homem seu instincto de omnivoro ou sua obcecação na vingança a esse baixo extremo, mas a verdade é que a civilização a que pertencem os povos mais adeantados de hoje, tambem não evoluiu, pelo que registam os annaes da Historia Humana, escoimada inteiramente de taes manifestações, denunciadoras indiscretas da animalidade latente. Retornando passos atraz sobre a trilha da civilização não iremos encontrar os Scythas su-

gando o sangue do inimigo ferido? E os Alticotes, povo bretão das Gallias, nutrindo-se de carne humana e, portanto, verdadeiramente anthropophagos, regalando-se com os uberes das mulheres e com as fibras musculares dos homens, segundo testemunham Pomponius e São Jeronymo? Nas *Capitulares* de Carlos Magno não encontramos penalidades applicaveis ao habito da anthropophagia, disposições que deixariam de ser consignadas si entre os povos sob o dominio do grande imperador não houvesse a pratica hedionda de se utilizar, por alimento, a carne humana? Pedro "o justiceiro", rei de Portugal e, portanto, o mais elevado expoente de um povo civilizado, não trincou e não comeu, segundo affirmam as chronicas, o coração de um dos assassinos de Ignez de Castro? E mais proximos a nós, durante a Guerra dos Trinta Annos (1618-1648) os saxonios não se alimentaram de carne humana?

É possivel que entre as innumeras tribus que povoavam as immensas terras do Brasil surgisse um ou outro comedor habitual, vicioso, de carne humana, servindo taes casos esporadicos de thema aos chronistas em suas phantasiosas generalizações sobre o assumpto. Precisamos, entretanto, considerar, que casos identicos appareceram sempre e ainda apparecem no seio da civilização moderna, repetindo-se frequentemente, no proprio

velho mundo, onde a presumpção doentia, dil-a mais requintada; o mais recente delles é o que acaba de occorrer no Hannover, em pleno centro da super-civilizada Allemanha, tendo por protagonista um compatriota de Hans Staden, o hannoveriano Hermann, condemnado á morte pela justiça de sua terra em Dezembro de 1924 e guilhotinado a 15 de Abril do anno seguinte, pelo crime hediondo do assassinio de 24 adolescentes, dos quaes bebia o sangue, vendendo em seguida as carnes a retalho, em um açougue de sua propriedade.

Entendemos que os chronistas e viajantes que se puzeram em contacto com os selvicolas do Brasil exageram em suas narrativas, possivelmente sem preconcebida maldade, mas pela instinctiva vaidade, tão humana, de se avultarem em heróes ou martyres, os perigos que realmente tivessem corrido entre elles. O caso da velha e moribunda bruxa guayaná, que não queria morrer sem primeiro chupar ao menos um dedinho de mão de criança, acontecido com o grande thaumaturgo do Brasil, merece-nos tanto conceito e tanta fé quanto a conversa, que nos transmittem as chronicas, do santo varão com as alentadas *canguçús* que lhe rondavam o pouso em Itaipús, antegozando sangueira humana, para, afinal, se irem satisfeitas com algumas pencas de verdolengas bananas, magro e extranho alimento para naturezas

felinas. Tambem Hans Staden aprisionado nas visinhanças da Bertioga — "atirado por flexas, picado por lanças" — de que tudo resultou apenas uma ligeira ferida numa perna; fazendo milagres em concurrencia ao bom Anchieta quando, a pedido de seus aprisionadores, obstou que o céu se abrisse em cataractas sobre a terra; ameaçado a todo momento de ser morto e devorado mas voltando, após longos mezes de retenção entre os, em relação a elle, tão enfastiados anthropophagos, para o seio da civilização, inteirinho e escorreito, dá-nos muito que pensar sobre o cannibalismo indigena tão decantado pelo proprio Hans Staden.

Digna de nota é, ainda, a circumstancia do apavorado hesseriano ter cahido em poder do temivel cacique tupinambá *Koniam Bêbê*, que se proclamava o maior comedor de carne humana do seu tempo, e que promettia devoral-o com appetite da mesma maneira que já havia feito a cinco homens brancos, e que, entretanto, não obstou a Hans Staden de acabar tranquillamente seus fatigados dias no torrão natal, tendo antes a bôa inspiração de nos legar a narrativa do seu captiveiro. preciosissima para quem della se utilise com o criterio e parcimonia indispensaveis.

Mais plausivel seria admittirmos a anthropophagia entre os aimorés provaveis descendentes do aborigene verdadeiramente autóchtone, do *ho-*

mo brasiliensis: encurralados em seu primitivo *habitat* nas eminencias orographicas que se levantam no coração do Brasil, pelas hordas tupi-guaranis que os rodeavam hostis, immobilisando-os nos sertões de Minas-Geraes e da Bahia; impossibilitados de volverem a attingir o mar, que lhes garantiria alimentação permanente e farta; sem qualquer noção de cultivo da terra, retardatarios que eram em civilização; não sentindo a necessidade do culto aos mortos pelo desconhecimento da theoria da immortalidade da alma, nem tendo a minima noção desse poder superior a quem chamamos Deus e de que temos a intuição pelas manifestações poderosas da natureza, tanto que em seu restricto e pauperrimo idioma não existe vocabulo que o designe; reduzidos ao exclusivo recurso da caça progressivamente diminuida e rareada pelo varejamento das mattas atravez dos seculos, possivelmente se teriam lançado á anthropophagia fugindo á fome. Entretanto, os proprios chronistas que affirmam a existencia do negro vicio entre elles não apresentam razões ou argumentos de convicção do facto.

Chronistas improvisados que assistiam a uma immolação humana em festim de desaggravo, registavam-na sem maior observação, atravez de vesga preoccupação e dahi por diante não houve prisioneiro ou hospede civilizado de selvagem que não asseverasse ter assistido á sua scenasinha de

cannibalismo, ou não tivesse escapado, por milagre, de ser devorado; mas o que está perfeita e cabalmente elucidado nos fastos da nossa historia é que os degregados da frota de Cabral, e mais tarde João Ramalho, Antonio Rodrigues, o bacharel de Cananéa, Diogo Alvares e tantos outros europeus atirados indefesos no meio das tribus brasileiras, *não só não foram devorados como*, tratados com carinho e amisade, lograram, quasi todos, larga ascendencia sobre os aborigenes.

A termos de acceitar tudo que se tem affirmado em desfavor dos nossos indigenas, devemos tambem tomar por certa, indiscutivel, incontestavel, e razões não existem para a considerarmos de modo diverso, a circumstancia, tantas vezes repetida nas chronicas, de que os normandos que negociavam com os Tupinambás, deixando-se ficar entre elles, acabavam por se identificarem tão intimamente com os seus costumes ao extremo de compartirem dos seus festins cannibalescos.

A tomarmos ao pé da letra tudo que Hans Staden escreveu, teremos ainda de dar credito ao facto do interprete francez, sciente do lugubre fim que aguardava o chronista, ter-se negado, não obstante, a consideral-o seu compatriota com o que mudaria a sorte do captivo: a emprestarmos veracidade a todos esses factos, teremos de concordar que o cannibalismo dos nossos indigenas não era

assim tão hediondo, como nos poderia parecer hoje, aos olhos da civilização da época, dada a extrema facilidade de se amoldar ella, através de numerosos representantes seus, á irracional pratica.

Convem ainda não olvidar que os chronistas, occasionaes na maioria das vezes, escreviam sem receio de contestação por parte dos pobres indigenas que não sabiam ler nem escrever e que não dispunham de imprensa para se defenderem na extensão do ataque: si reflectirmos que os chronistas modernos, ao visitar-nos na intenção de nos *descobrir* de novo, são recebidos principescamente a *menu*, no mais lidimo francez, sabendo todos que, desgraçadamente para nós, nos preoccupamos muito mais com o que se diz de nós no velho mundo, do que com a nossa vida e maneira peculiar de ser, affirmam ao regressarem ao seio da sua civilização decrepita, que, neste paiz de selvagens, as serpentes se enroscam nas pernas dos transeuntes pelas ruas mais populosas das mais populosas cidades, que o inferno de Dante poderá ser comparado ao setimo céo, em confronto com o viver das nossas fazendas; si reflectirmos sobre o alluvião de inverdades que despudoradamente ainda se diz de nós no extrangeiro, ficaremos aptos a reduzir, restabelecendo em suas verdadeiras proporções, os factos que os chronistas das nossas passadas éras houveram por bem registar.

Os organizadores de *entradas* no sertão para as chamadas *descidas*, exploraram em proveito proprio a balela da anthropophagia divulgada pela chronica, obtendo o direito de posse sobre os selvicolas por elles encontrados prestes a serem devorados pelas hordas cannibalescas: claro está que, armados dessa faculdade, para os descedores todo o aborigene apanhado no sertão estaria ameaçado pelos anthropophagos e logo a interesseira protecção do sertanista fazia-se sentir, e as descidas realizavam-se avolumadas em centenas e milhares de individuos, obrigados a permutarem o imaginario perigo do cannibalismo pela certeza da escravidão illusoriamente rotulada de *administração*: a condição destes protegidos era em tudo igual á dos selvicolas apanhados em guerra contra os brancos, outro pretexto para as ameudadas e volumosas descidas de *administrandos*.

Relativamente á escravização dos aborigenes, não é fóra de proposito lembrar que os paulistas, assim procedendo, não decahiam da civilização do tempo, nem se mostravam mais deshumanos que os demais povos contemporaneos civilizados, devendo-se considerar ainda a carencia de braços para a sua lavoura (que o colono europeu só mandava e dirigia) de unidades para a formação dos seus exercitos aos quaes devemos, sem contestação, a grandeza territorial do Brasil, e, sobretudo, a necessi-

dade absoluta de destruir ou dispersar as grandes massas de aborigenes os quaes, fortalecidos no sertão, não deixariam de representar ameaça permanente á segurança e tranquillidade das populações civilizadas.

Á vaidade, muito humana aliás, dos chronistas avolumarem os perigos por que passaram, a principio, e depois, ao cruel sophisma dado sómente ao homem civilizado engendrar, é que devemos principalmente a crença erronea de terem sido os nossos indigenas comedores habituaes de carne humana.

A existencia da anthropophagia entre os indigenas brasileiros contemporaneos dos primeiros povoamentos, é assumpto que merece ser amplamente estudado, com attenção meticulosa e imparcial criterio, visando, com o restabelecimento da verdade, a rehabilitação da memoria, principalmente dos nossos bons e amoraveis guayanás, a qual surgirá, estamos certos, expurgada de tão feio labéo.

ARACAMBÉ. Nome com que o paulista conhece o cão selvagem do Brasil.

O *Aracambé,* hoje rarissimo, habita presentemente o Brasil central, onde é encontrado em pequenas matilhas. Classificado entre as "martas" é o cão selvagem do Brasil, de "cabeça grande, focinho curto e largo. O corpo é de altura mediana, bastante achatado, munido de patas curtas e fortes: sua cauda é curta". E' grande caçador de cutias,

coelhos e outros animaes de porte igual, chegando tambem a atacar os proprios veados.

CURUPIRA. Duende considerado por Simão de Vasconcellos como sendo — "os espiritos do pensamento" — e a quem o "Diccionario Portuguez Brasileiro" confere os predicados de — "demonio".

Na crendice paulista, do seculo XVIII, o *Curupira* era o genio protector da caça e um dos inimigos do homem; sua moradia habitual era no alto da serra do Cubatão e os perigos da travessia dos abruptos despenhadeiros teriam sido creados por elle para anniquilar o viandante, o qual só poderia escapar com vida si, ao passar pelo alto da serra, depositasse á beira da estrada o tributo de uma grande pedra, com o que se abrandava a colera do rancoroso duende. E o caso é que o governo da Capitania de São Paulo, por mais de uma vez, teve de mandar remover os montões de pedras com que a superstição popular obstruia a estrada de São Paulo a Santos.

BANGUÉLA. Expressão popular correntemente empregada em São Paulo para designar o individuo desprovido de dentes da frente, principalmente os da arcada superior, entre presas. Não é palavra nheengatú mas, de origem africana.

Banguéla é corruptela de Benguela e tomou a accepção de — *desdentado* —, do habito nativo dos

negros angolezes, da região de Benguela, numerosos em São Paulo, extrahirem os dentes da frente, requinte de elegancia entre elles, como o era furar o beiço entre os nossos aimorés e ainda o é furarem o lobulo dos pavilhões auriculares as elegantes representantes da mais apurada civilização moderna.

TOBIANO. Adj. Não é vocabulo de origem tupica. É termo creado pelos sorocabanos para designarem a montaria predilecta do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, — um magnifico cavallo pampa —. Por analogia passou-se a chamar — *tobiano* — a todo o cavallo manchado de duas côres, tendo, mercê do intercambio das feiras entre sorocabanos e orientaes-correntinos, tal denominação se extendido até as campanhas das republicas do Prata. Hoje, ainda se chama, na Republica Argentina, *tobiano*, ao cavallo ou egua pampa. Esclarece-nos, nesse sentido, o "Diccionario de Argentinismos, Neologismos y Barbarismos", de Lisandro Segovia, pagina 456, no seguinte etymo: — "*Tobiano* (de Tobias?), vulgo *tubiano* adj. Dicese del caballo ó yegua de cierta casta, cuyo pelo consiste en manchas de dos colores muy extendidas y notables".

Tobiano (cavallo *tobiano*), é locução corrente em Sorocaba, e todos os representantes das velhas familias sorocabanas confirmam a *una voce*, a origem local do termo.

ACRE. O vocabulo *Acre* é corruptela do nheengatú *Aquiry*, denominação primitiva do grande affluente do Purús, o qual ainda a mantem em suas cabeceiras, no territorio boliviano: do rio, a denominação *Acre* extendeu-se por toda a região sulcada por aguas dos rios Abunã, Ituxi, Antimary, Yaco, Macaguã, Caeté, Chandless, Alto Purús, Ipixuna, Alto Juruá, e que fórma o territorio nacional por ella conhecido, tendo sido pelo governo federal adoptada officialmente.

APOTRIBÚ. *Apotribú* é vernaculização de *Potribú*, por seu turno corruptela de — *Potyraybú* —, que se traduz "fonte das flôres", segundo affirma Theodoro Sampaio.

Já o autor do "Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo" é de outro pensar: para elle *Potribú*, é corruptela de *Pó-terô-ibiy*, contrahido em *Pó-ter'-ibiy*, "salto torcido, torto", em relação ao salto do rio *Potribú*, que tem aquella configuração.

A graphia mais antiga que encontramos desse nome, em referencia ao rio *Apotribú*, affluente, pela margem esquerda, do Tietê, onde desagúa depois de irrigar a cidade e municipio de São Roque, é — "*Apiterobi*" — e apparece, em data de 16 de Dezembro de 1606, no registo de Minas de Clemente Alvares. "*Apoterubú*" é a fórma registada pelo escrivão da Fazenda, Velho de Mello, na carta

de sesmaria passada em favor do capitão Sebastião Fernandes, em Outubro de 1642.

ATIBAIA. A generalidade dos historiographos e chronistas affirma ter sido a povoação originaria da actual cidade de *Atibaia*, fundada na segunda metade do seculo XVII pelo paulista Jeronymo de Camargo: entretanto, a documentação que conseguimos compulsar, relativamente aos pródromos da cidade atibaiana, nos leva a divergir daquélla affirmativa, em relação á pessôa do fundador da povoação que, entendemos ter sido o padre mestre Matheus Nunes de Siqueira, vigario da vara parochial de São Paulo.

Foi padre Matheus quem collocou, na paragem chamada *Atibaia*, certa quantidade de aborigenes, da nação *guarulho*, descidos do sertão com o intuito unico de os chamar ao gremio da igreja e da civilização — "sómente com zelo da salvação do dito gentio no que havia trabalhado anciosamente sem genero de interés, mais que no seu fervor christão", esclarece o documento compulsado.

Aquelles aborigenes foram entregues ao Concelho da Camara de São Paulo, em Julho de 1665, — "para que formassem aldeia e estivessem debaixo da jurisdicção dos officiaes do Concelho como os mais, para servirem sua majestade", segundo ainda o documento citado.

Não conhecemos documento algum pelo qual se possa, com segurança, attribuir a iniciativa da fundação de *Atibaia* a Jeronymo de Camargo: a dar-se crédito ás allegações de seus herdeiros, foi elle, realmente, contemporaneo da fixação do gentio *guarulho* na margem esquerda do *Atibaia*, em cuja margem direita, na paragem chamada *Caaguaçú*, cultivava grande tracto de terra, mas a acta de vereança de 3 de Julho de 1665 é clara bastante, para que se não possa attribuir a parte capital na fundação da aldeia de *Atibaia*, sinão a padre Matheus Nunes, ao passo que, das referencias a Jeronymo de Camargo legadas ao acervo da historia por seus successores immediatos, nada se póde inferir sobre a ingerencia do notavel paulista na formação do povoado, embora fosse corrente a persuasão de que, ao velho Camargo, coubesse a iniciativa da fundação.

Nós mesmos, louvando-nos em affirmativas alheias, já escrevemos algures ter sido Jeronymo de Camargo o fundador de *Atibaia*: posterior conhecimento de documentação conservada inédita até o momento, trouxe-nos a convicção de ser padre Nunes e não outrem, o fundador da amena *Atibaia*.

Atibaia, capella curada desde época anterior ao anno de 1701, foi elevada a freguezia por alvará de 13 de Agosto de 1747, e a municipio (villa) pela portaria de 27 de Junho de 1769, firmada pelo capitão general d. Luiz Antonio de Souza Mourão.

Atibaia chamou-se primitivamente — São João de *Atibaia* —, porém, a lei estadoal n. 975, de 20 de Setembro de 1905, substituiu aquella pela actual denominação. Pela ordem da creação dos municipios paulistas cabe ao de *Atibaia* o n. 19. Desmembrado da capital *Atibaia* forneceu, mais tarde, territorio para a formação dos municipios: de Bragança (1797), sub-dividido successivamente nos de Amparo (1857), fraccionado, por seu turno, para dar lugar á creação de Pedreira (1896), e de Soccorro (1871); de Nazareth (1850) e de Piracaia (1859), mais tarde sub-dividido com a creação do de Joannopolis (1895).

AVACAMBUHY. Corruptela de *Cambuhy*, designação primitiva do ribeirão affluente pela margem esquerda do Tamanduatehy, hoje, e já de ha muito, conhecido por *Cambucy*.

O mais recente emprego que conhecemos do vocabulo foi o do "edital" de 8 de Janeiro de 1812, em que a Camara Municipal communicava ao povo sua intenção de adduzir a agua do — *Avacambuhy* — e dos seus affluentes, para reforço do abastecimento da cidade de São Paulo.

CANGUEIRO. Adjectivo. Do tupi-guarani *Acanga*, cabeça. Animal já affeito ao jugo da canga. Boi *cangueiro*. Fig. Pessôa morosa, lerda em seus movimentos, fazendo lembrar os movimentos tar-

dos dos bois quando jungidos á canga. Pessôa pouco apressada na execução dos seus trabalhos.

IPÊ. Nome da bellisima arvore dos campos e florestas paulistas, "Tecoma flavescens", de Martius e "Bignonia flavescens", de Velloso.

O uso fez do etymo *Ipê*, que em guarani significa — *cascudo* —, *Ipeúva* e *Piúva*.

Existem varias especies de *Ipês* que se ligam ás Leguminosas, ás Bignoniaceas e ás Borraginaceas e habitam todo o territorio brasileiro, porém, a qualidade mais conhecida e estimada em São Paulo é o *Ipê* amarello, cuja florescencia, em Junho, transforma, cobrindo-a inteiramente, a arvore em bellissimo ramalhete de côr amarello-claro, tornando-a muito estimada como arborisação de adorno.

Pertence á classe das chamadas madeiras de lei. A arvore, quando adulta, attinge a altura de cerca de 11 metros e o tronco, o diametro de 0,50 a 1 metro. Seu peso especifico é de 856 R., 880 H., e resistencia ao esmagamento, com carga perpendicular 361 T., parallela 802. O lenho é pesado, resistente, pouco poroso e dura muito enterrado: é utilisado em portadas interiores, em taboas de soalho, na carroceria e na tanoaria e em obra de lugares humidos, graças á sua resistencia á humidade.

O povo baixo estima muito as bengalas feitas desta madeira, a que chama *Piúva*, pela sua rigeza,

tendo essa palavra se convertido em synonymo de bengalas ou cacetes destinadas a applicar bordoadas, quando sejam de madeira resistente. "Metter-lhe a *Piúva*", "Applicar-se a *Piúva*", são phrases que, na bocca do paulista do povo e até de muito paulista fidalgo, têm o valor synonymico de "Metter-lhe ou applicar-lhe a bengala ou o cacete", embora o cacete ou a bengala seja de qualquer outra madeira que não a — *Ipê, Ipeúva* ou *Piúva.*

ACÚ. Particula que entra na composição de diversos termos tupi-guaranis com a accepção de febre, que muitos traduzem *quente* e, mais propriamente, — *veneno* —; *Acú,* veneno, "Chrestomathia da Lingua Brasilica"; pag. 135; *Acú,* quentura, calor ardente, "O Tupi na Geographia Nacional", 2.ª edição, pag. 198; — *Yacuba,* agua venenosa, "Tradições e Reminiscencias Paulistanas", pag. 146; — *Tacuba,* febre, "Glossaria Linguarum Brasiliensium", pag. 87; — *Tacubay,* agua que produz febre, dizem tambem os nossos contemporaneos *caauás,* do municipio de Itanhaen. Ainda pela "Chrestomathia da Lingua Brasilica", pag. 7, *y Guacub,* significa — agua quente.

Acú, era o nome de uma nascente, de um fio de agua até ha 30 annos existente no encontro da rua Brigadeiro Tobias com a ladeira de Santa Ephigenia, em São Paulo, estancada em Novembro de

1898, pela Repartição de Aguas e Exgottos da Capital.

Examinada a agua desta fonte em Julho de 1791 pelo engenheiro Bento Sanches d'Orta, por incumbencia do capitão general Bernardo José de Lorena, apresentou os seguintes caracteristicos: — "Muitissimo ferrea e fria, acida, vitriolica, base terrea *calcarea de óca*, com algumas particulas arsenicaes, ainda que tenues, e summamente saturada de gaz mefitico..."

Verdadeiro veneno, e composição chimica que plenamente justifica as definições citadas.

Primitivamente, em época anterior ao ultimo quartel do seculo XVII, o nome da região era *Yacuba*, tirado do ribeiro cujas nascentes brotavam do actual largo do Paysandú, e para o qual affluia a bica da rua Brigadeiro Tobias. Com o correr do tempo o vocabulo — *Yacuba* — foi-se contrahindo em — *Yacú, Guacú* e tambem *Acú* — fórmas que encontramos em numerosos documentos da segunda metade do seculo XVII até á primeira do seculo seguinte para, dahi por diante, fixar-se definitivamente em — *Acú* —, extendendo-se pelas circumvisinhanças até o inicio da actual avenida de São João e denominando tambem a ponte sobre o Anhangabahú, naquelle ponto.

"...entre dois ribeiros, aguada desta Villa, chamados Anhangabay e Hiacuba, os quaes..."

(traslado da carta de data concedida aos Cunha Gagos em 9 de Julho de 1651).

"...e que serve de divisa por um dos lados o rio Anhangabay, o Hiacú sobre a estrada..." (carta de data concedida a d. Anna do Canto em 5 de Maio de 1732).

"Agua da fonte do Guacú. É em tudo semelhante ao numero 3..." (analyse de potabilidade de agua do Guacú realizada pelo chimico Sanches d'Orta em 24 de Julho de 1791).

"... e na mesma vereança requereu o procurador do Concelho que por ter noticia que se acha a fonte do Acú arruinada..." (actas da Camara Municipal de São Paulo, vereança de 6 de Setembro de 1770, vol. XV, pag. 603).

"Esta provincia contém dois seminarios, o de Santa Anna e o do Acú..." (relatorio do presidente Nabuco, 1852).

Acú chamou-se ainda, por algum tempo, a actual rua do Seminario.

João Mendes traduz *Acú*, de *Acúí*: — *A*, cousa corporea, elevação, inchação e *cúi*, enxuto; allusivo, *accrescenta o autor do Diccionario Geographico da* Provincia de São Paulo, á existencia no local de um enxuto ou tenso permittindo o transito. Parece-nos que o illustre indigenista laborou em evidente equivoco, pois o tenso ou enxuto a que se refere é de época muito posterior á denominação abo-

rigene, tendo sua origem na construcção do aterro levado a effeito por Francisco Xavier Garcia em 1733, melhoramento que a população paulista já vinha reclamando desde 1720.

Esse aterro foi reconstituido e amplamente alargado pelo marechal Frei José Raymundo Chichorro da Gama Lobo, em 1786-1788, para servir de supporte e permittir a elevação da ponte sobre o Anhangabahú. Não perfilhamos a lição do "Diccionario" embora reconheçamos ser elle obra de extraordinario valor: em nossa opinião *Acú* é simplesmente reducção do vocabulo *Yacuba*, applicado em época pre-martiniana, pelos primitivos piratininguaras ao riacho que, descendo do tanque do Zunega, affluia ao Anhangabahú, nada tendo com o tenso ou enxuto formado artificialmente pelos aterros, cabeços da ponte, em época relativamente moderna.

Chamava-se *Descida do Acú*, antigamente, a ladeira de São João, hoje o primeiro trecho da avenida desse nome, entre as ruas de São Bento e Libero Badaró.

A *Descida do Acú*, violentamente ingreme, de difficil accesso, era constituida, ha cem annos passados, de humildes casebres. Para alem da *Descida* e do rio Anhangabahú, erguiam-se, dignos de attenção, apenas dois edificios de alguma apparencia: a casa da chacara do coronel Francisco Ignacio do

Souza Queiroz na *Subida* do tanque do Zunega, e o casarão do Hospital Militar, depois do Seminario da Gloria, no trecho de rua que se chamou sucessivamente — do Hospital — e do Seminario —, hoje desapparecido pela formação da Praça do Correio.

No inicio da *Descida do Acú*, formando esquina com a rua de São Bento erguia-se, a partir de 1814, bello edificio, para a época, contrastando fortemente por suas linhas direitas e por suas proporções avantajadas, com o modesto casario da ladeira. Esse predio foi demolido em 1915, após 101 annos de sua construcção, para dar lugar ao formidavel sobrado Martinelli, com os seus 26 andares: é o contraste estabelecido em 1814, entre o predio recem-desapparecido com os seus tres pavimentos, e seus contemporaneos terreos da ladeira, que resurge entre os 26 pavimentos do predio Martinelli e os 5 e 6 andares dos demais edificios da ex-colonial e acanhada *Descida do Acú*, hoje primeira secção da moderna e elegante avenida São João.

Anteriormente a 1814, era a *Descida do Acú* um becco estreitissimo que se transformou em rua pelo alargamento mandado proceder pela Camara no anno de 1810.

Sobre o rio Anhangabahú, na rua, hoje avenida de São João, ligando a primitiva *Descida do*

Acú á *Subida* do tanque do Zunega, existia a Ponte da Abdicação.

A primeira ponte de construcção estavel sobre o rio Anhangabahú, na rua São João, é a que foi levantada, em pedra, pelo marechal de campo, frei José Raymundo Chichorro da Gama Lobo (frei por ser cavalleiro da Ordem de Malta), em sua brilhante e proveitosa interinidade de capitão general de São Paulo, em 1786-1788.

Essa ponte foi conhecida por Ponte do Marechal até o momento em que o vendaval politico de 7 de Abril de 1831, soprando rijo tambem em São Paulo, varreu-lhe a primeira denominação, substituindo-a pela de Ponte da Abdicação.

A 1.º de Janeiro de 1850 a formidavel tromba de agua despejada sobre São Paulo, causando inundações, derruindo tres casas e afogando uma pessôa, abateu a Ponte da Abdicação arrastando-a nas aguas engrossadas do Anhangabahú. Reconstruida em 1852, sob a administração provincial do dr. Nabuco de Araujo tomou ella o nome de *Acú*, que era o da região que a rodeava, mas a subsequente canalização coberta do Anhangabahú e solevamento do local, consequente a successivos aterros, fizeram-na desapparecer ha cerca de 26 annos.

Anteriormente á ponte de pedra construida por Gama Lobo, houve diversas, de madeira roliça, sobre o Anhangabahú, na passagem do *Acú*, que

eram construidas para logo desapparecerem em trabalho nocturno de furto de lenha para o fogo. Em 1732 a Camara de São Paulo contractou com Francisco Xavier Garcia, pela importancia de 18$000, a feitura de uma ponte solida, embora de madeira, de 4 palmos de largura, composta de dois *tabooins* da grossura de um *gemio*, pregado com pregos de palmo e meio de comprimento, com levantamento do terreno em aterro tanto quanto fosse necessario para livrar a ponte dos crescimentos periodicos do rio.

Essa ponte, de construcção contractada em Dezembro de 1732, ficou concluida em Dezembro do anno seguinte.

O nome de Abdicação foi-lhe conferido pela Camara Municipal por indicação do vereador Candido Gonçalves Gomide que lembrára, em sessão de 4 de Maio de 1831, a conveniencia de, em homenagem e "para perpetuar a memoria da gloriosa victoria conseguida no Rio de Janeiro pelo povo contra o poder injusto e iniquo", se denominasse — rua 7 de Abril —, á rua do Rosario (mais tarde Imperatriz e hoje 15 de Novembro); — rua da Abdicação — á rua de Santa Thereza (hoje do Carmo); Praça da Liberdade — ao largo de São Francisco tambem conhecido, na época, por largo do Curso Juridico, e — Praça do Povo —, ao largo de São Gonçalo, hoje Praça João Mendes, depois de ter sido da Cadeia e da Assembléa.

Encaminhada a proposta do operoso vereador á "Commissão Permanente" esta, considerando a difficuldade que de ordinario se encontra em o povo deixar as antigas e arraigadas denominações, opinava para que as denominações lembradas fossem applicadas de preferencia ás primeiras ruas, praças ou obras publicas magestosas que, "de novo", se fizessem.

O parecer da "Commissão" provocou uma emenda de Gomide á sua propria proposta, mandando applicar a denominação de — Chafariz da Liberdade —, ao chafariz do largo do Curso Juridico; a de — Ponte da Abdicação — á Ponte do Marechal, a de — Ponte 7 de Abril — á do Lorena; e de — Ponte do Povo — á que então se pretendia reconstruir sobre o Anhangabahú na rua Florencio de Abreu, então chamada officialmente da Constituição, porém conhecida do povo por — Miguel Carlos.

A emenda do vereador Gomide foi approvada na sessão de 13 de Maio, e lançadas officialmente as denominações propostas, que todas vingaram, á excepção da — Ponte do Povo — e da — Ponte 7 de Abril — que o vulgo continuou a chamar respectivamente — Ponte do Miguel Carlos — e Ponte do Lorena —, esta, mais tarde transformada pelo proprio povo em — Ponte do Piques.

A denominação — Liberdade — do Chafariz do largo de São Francisco estendeu-se insensivelmente por todo o bairro então chamado — da Polvora —, fixando-se immutavel e definitiva: é hoje uma das mais bellas e tradicionaes denominações que a Paulicéa ostenta e registra em commemoração, ainda que indirecta, dos acontecimentos politicos culminados na abdicação de Pedro I.

E R R A T A

Na pagina 154, paragrapho 4.º, onde se lê: "As tribus brasilicas perfuravam apenas um beiço, de preferencia o inferior: unicamente o *Pareci* é que furava o superior, não havendo exemplo de perfuração de ambos os beiços, no mesmo individuo". — leia-se: "As tribus brasilicas perfuravam, communmente, apenas um beiço, de preferencia o inferior, não havendo exemplo de perfuração de ambos os beiços, no mesmo individuo, para introducção de *batoques*".